

# **2 CORÍNTIOS**

## **VOLTAR\_ÍNDICE**

### **2 CORINTIOS**

**WILLIAM BARCLAY**

**Título original en inglés:**

**The Second Letter to the Corinthians**

**Traducción: Dafne Sabanes Piou**

**© 1983 Asociación Ediciones La Aurora**

**Av. Federico Lacroze 2985**

**Buenos Aires, Argentina**

**Tradução: Carlos Biagini**

### **O NOVO TESTAMENTO Comentado por William Barclay**

... Introduce e interpreta a totalidade dos livros do NOVO TESTAMENTO. Desde Mateus até o Apocalipse William Barclay explica, relaciona, dá exemplos, ilustra e aplica cada passagem, sendo sempre fiel e claro, singelo e profundo. Temos nesta série, por fim, um instrumento ideal para todos aqueles que desejem conhecer melhor as Escrituras. O respeito do autor para a Revelação Bíblica, sua sólida fundamentação, na doutrina tradicional e sempre nova da igreja, sua incrível capacidade para aplicar ao dia de hoje a mensagem, fazem que esta coleção ofereça a todos como uma magnífica promessa.

**PARA QUE CONHEÇAMOS MELHOR A CRISTO  
O AMEMOS COM AMOR MAIS VERDADEIRO  
E O SIGAMOS COM MAIOR EMPENHO**

---

**ÍNDICE****Prefácio****Introdução Geral****Introdução às Cartas Paulinas****Introdução às Cartas aos Coríntios****Capítulo 1      Capítulo 5      Capítulo 9      Capítulo 13****Capítulo 2      Capítulo 6      Capítulo 10****Capítulo 3      Capítulo 7      Capítulo 11****Capítulo 4      Capítulo 8      Capítulo 12****PREFÁCIO**

Lanço este volume da coleção *The Daily Study Bible* com uma pergunta em minha mente a respeito de como será recebido.

Nos dois volumes que escrevi anteriormente, o de Atos e o de Lucas, o material bíblico oferecia uma história grandiosa e emocionante para entusiasmar o leitor. Nem o comentarista mais incompetente poderia arruinar os livros escritos por Lucas. Mas com Paulo o assunto muda. Faz muito tempo, o autor da Segunda Epístola de Pedro disse que nas epístolas de Paulo havia algumas coisas difíceis de entender (2 Pedro 3:16). Sem dúvida alguma, as cartas de Paulo são difíceis. Ninguém pode lê-las com a mesma facilidade com que se lê o evangelho de Lucas ou os Atos dos Apóstolos. Pela mesma razão é muito necessário estudá-las com cuidado e sistematicamente.

No mundo antigo, os partos tinham um costume – não davam de comer a seus jovens até que não transpiravam. Com respeito às cartas de Paulo, podemos dizer com certeza que não alimentarão o homem que as estuda, a não ser que esteja preparado para transpirar mentalmente. Se estivermos dispostos a nos esforçar e estudar, as cartas de Paulo não serão uma simples comida, mas um banquete. De modo que ao pretender publicar este livro, pergunto-me quanta gente, em nossas igrejas ou fora

delas está preparada para fazer o esforço de estudar a Paulo. Posso dar testemunho da gloriosa experiência que tive ao viver com Paulo durante os meses em que escrevi estes estudos.

Ao escrever sobre as Cartas aos Coríntios, devo agradecer ao "Comentário sobre Primeira Coríntios" de T. C. Edwards, aos de Robertson e Plummer no *International Critical Commentary*, e ao valiosíssimo trabalho de A. Menzies sobre Segunda Coríntios. Não que respeita a versões da Bíblia, acompanharam-me sempre a *American Revised Standard Version* e "Letters to Young Churches" de J. B. Phillips.

William Barclay

## INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinamentos dos livros do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

## INTRODUÇÃO GERAL ÀS CARTAS DE PAULO

### As cartas de Paulo

No Novo Testamento não há outra série de documentos mais interessante que as cartas de Paulo. Isto se deve a que de todas as formas literárias, a carta é a mais pessoal. Demétrio, um dos críticos literários gregos mais antigos, escreveu uma vez: "Todos revelamos nossa alma nas cartas. É possível discernir o caráter do escritor em qualquer outro tipo de escrito, mas em nenhum tão claramente como nas epístolas" (Demétrio, *On Style*, 227).

Justamente pelo fato de Paulo nos deixar tantas cartas, sentimos que o conhecemos tão bem. Nelas abriu sua mente e seu coração àqueles que tanto amava; e nelas, até o dia de hoje, podemos ver essa grande inteligência abordando os problemas da Igreja primitiva, e podemos sentir esse grande coração pulsando com o amor pelos homens, mesmo que estivessem desorientados e equivocados.

---

## A dificuldade das cartas

E entretanto, é certo que não há nada tão difícil como compreender uma carta. Demétrio (em *On Style*, 223) cita um dito do Artimón, que compilou as cartas do Aristóteles. Dizia Artimón que uma carta deveria ser escrita na mesma forma que um diálogo, devido a que considerava que uma carta era um dos lados de um diálogo. Dizendo o de maneira mais moderna, ler uma carta é como escutar a uma só das pessoas que tomam parte em uma conversação telefônica. De modo que quando lemos as cartas de Paulo frequentemente nos encontramos com uma dificuldade: não possuímos a carta que ele estava respondendo; não conhecemos totalmente as circunstâncias que estava enfrentando; só da carta podemos deduzir a situação que lhe deu origem. Sempre, ao ler estas cartas, nos apresenta um problema dobro: devemos compreender a carta, e está o problema anterior de que não a entenderemos se não captarmos a situação que a motivou. Devemos tratar continuamente de reconstruir a situação que nos esclareça carta.

## As cartas antigas

É uma grande lástima que se chamasse *epístolas* às cartas de Paulo. São *cartas* no sentido mais literal da palavra. Uma das maiores chaves na interpretação do Novo Testamento foi o descobrimento e a publicação dos *papiros*. No mundo antigo o *papiro* era utilizado para escrever a maioria dos documentos. Estava composto de tiras da medula de um junco que crescia nas ribeiras do Nilo. Estas tiras ficavam uma sobre a outra para formar uma substância muito parecida com nosso papel de envolver. As areias do deserto do Egito eram ideais para a preservação do papiro, porque apesar de ser muito frágil, podia durar eternamente se não fosse atingido pela umidade. De modo que das montanhas de escombros egípcios os arqueólogos resgataram literalmente centenas de documentos, contratos de casamento, acordos legais, inquéritos

governamentais, e, o que é mais interessante, centenas de cartas particulares. Quando as lemos vemos que todas elas respondiam a um modelo determinado; e vemos que as cartas de Paulo reproduzem exata e precisamente tal modelo. Aqui apresentamos uma dessas cartas antigas. Pertence a um soldado, chamado Apion, que a dirige a seu pai Epímaco. Escrevia de Miseno para dizer a seu pai que chegou a salvo depois de uma viagem tormentosa.

"Apion envia suas saudações mais quentes a seu pai e senhor Epímaco. Rogo acima de tudo que esteja bem e são; e que. tudo parta bem para ti, minha irmã e sua filha, e meu irmão. Agradeço a meu Senhor Serapi [seu Deus] que me tenha salvado a vida quando estava em perigo no mar. logo que cheguei ao Miseno obtive meu pagamento pela viagem —três moedas de ouro. Vai muito bem. portanto te rogo, querido pai, que me escreva, em primeiro lugar para me fazer saber que tal está, me dar notícias de meus irmãos e em terceiro lugar, me permita te beijar a mão, porque me criaste muito bem, e porque, espero, se Deus quiser, me promova logo. Envio minhas quentes saudações a Capito, a meus irmãos, a Serenila e a meus amigos. Envio a você um quadro de minha pessoa pintado pelo Euctemo. Meu nome militar é Antônio Máximo. Rogo por sua saúde. Sereno, o filho do Agato Daimón, e Turvo, o filho do Galiano, enviam saudações. (G. Milligan, *Seleções de um papiro grego*, 36).

Apion jamais pensou que estaríamos lendo sua carta a seu pai mil e oitocentos anos depois de havê-la escrito. Ela mostra o pouco que muda a natureza humana. O jovem espera que ser logo ascendido. Certamente Serenila era a noiva que tinha deixado em sua cidade. Envia á sua família o que na antiguidade equivalia a uma fotografia. Esta carta se divide em várias seções.

- (1) Há uma saudação.
- (2) Roga-se pela saúde dos destinatários.
- (3) Agradece-se aos deuses.
- (4) Há o conteúdo especial.
- (5) Finalmente, as saudações especiais e os pessoais.

Virtualmente cada uma das cartas de Paulo se divide exatamente nas mesmas seções. as consideremos com respeito às cartas do apóstolo.

(1) *A saudação*: Romanos 1:1; 1 Coríntios 1:1; 2 Coríntios 1:1; Gálatas 1:1; Efésios 1:1; Filipenses 1:1; Comesse guloseimas 1:1-2; 1 Tessalonicenses 1:1; 2 Tessalonicenses 1:1.

(2) *A oração*: em todos os casos Paulo ora pedindo a graça de Deus para com a gente a que escreve: Romanos 1:7; 1 Coríntios 1:3; 2 Coríntios 1:2; Gálatas 1:3; Efésios 1:2; Filipenses 1:3; Colossenses 1:2; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:3.

(3) *O agradecimento*: Romanos 1:8; 1 Coríntios 1:4; 2 Coríntios 1:3; Efésios 1:3; Filipenses 1:3; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:2.

(4) *O conteúdo especial*: o corpo principal da carta constitui o conteúdo especial.

(5) *Saudações especiais e pessoais*: Romanos 16; 1 Coríntios 16:19; 2 Coríntios 13:13; Filipenses 4:21-22; Colossenses 4:12-15; 1 Tessalonicenses 5:26.

É evidente que quando Paulo escrevia suas cartas o fazia segundo a forma em que todos faziam. Deissmann, o grande erudito, disse a respeito destas cartas: "Diferem das mensagens achadas nos papiros do Egito não como cartas, mas somente em que foram escritas por Paulo." Quando as lemos encontramos que não estamos diante de exercícios acadêmicos e tratados teológicos, mas diante de documentos humanos escritos por um amigo a seus amigos.

### **A situação imediata**

Com bem poucas exceções Paulo escreveu suas cartas para enfrentar uma situação imediata. Não são tratados em que Paulo se sentou a escrever na paz e no silêncio de seu estudo. Havia uma situação ameaçadora em Corinto, Galácia, Filipos ou Tessalônica. E escreveu para enfrentá-la. Ao escrever, não pensava em nós absolutamente; só tinha posta sua mente nas pessoas a quem se dirigia. Deissmann escreve:

"Paulo não pensava em acrescentar nada às já extensas epístolas dos judeus; e menos em enriquecer a literatura sagrada de sua nação... Não pressentia o importante lugar que suas palavras ocupariam na história universal; nem sequer que existiriam na geração seguinte, e muito menos que algum dia as pessoas as considerariam como Sagradas Escrituras."

Sempre devemos lembrar que não porque algo se refira a uma situação imediata tem que ser de valor transitivo. Todos os grandes cantos de amor foram escritos para uma só pessoa, mas todo mundo adora. Justamente pelo fato de as cartas de Paulo serem escritas para enfrentar uma situação ameaçadora ou uma necessidade clamorosa ainda têm vida. E porque a necessidade e a situação humanas não mudam, Deus nos fala hoje através delas.

### **A palavra falada**

Devemos notar mais uma coisa nestas cartas. Paulo fez o que a maioria das pessoas faziam em seus dias. Normalmente ele não escrevia suas cartas; ditava-as e logo colocava sua assinatura autenticando-as. Hoje sabemos o nome das pessoas que escreveram as cartas. Em Romanos 16:22, Tércio, o secretário, inclui suas saudações antes de finalizar a carta. Em 1 Coríntios 16:21 Paulo diz: "A saudação, escrevo-a eu, Paulo, de próprio punho." Ou seja: *Esta é minha própria assinatura, meu autógrafo, para que possam estar seguros de que a carta provém de mim.* (Ver Colossenses 4:18; 2 Tessalonicenses 3:17.)

Isto explica muitas coisas. Às vezes é muito difícil entender a Paulo, porque suas orações começam e não terminam nunca; sua gramática falha e suas frases se confundem. Não devemos pensar que Paulo se sentou tranqüilo diante de um escritório, e burilou cada uma das frases que escreveu. Devemos imaginá-lo caminhando de um lado para outro numa pequena habitação, pronunciando uma corrente de palavras, enquanto seu secretário se apressava a escrevê-las. Quando Paulo compunha suas cartas, tinha em mente a imagem das pessoas às quais



escrevia, e entornava seu coração em palavras que fluíam uma após outra em seu desejo de ajudar. As cartas de Paulo não são produtos acadêmicos e cuidadosos, escritos no isolamento do estudo de um erudito; são correntes de palavras vitais, que vivem e fluem diretamente de seu coração ao dos amigos aos quais escrevia.

## INTRODUÇÃO ÀS CARTAS AOS CORÍNTIOS

### A grandeza de Corinto

Um olhar ao mapa da Grécia nos mostrará que Corinto foi feita para ser grande. O sul da Grécia era virtualmente uma ilha. No Oeste o golfo da Salônica penetra profundamente na terra, e no Este o golfo de Corinto. Tudo o que une às duas partes da Grécia é um pequeno istmo de só seis quilômetros de largura. Nessa estreita bandagem de terra está Corinto. Tal localização fazia inevitável que a cidade fora um dos centros comerciais maior do mundo antigo. Todo o comércio do Norte e do Sul da Grécia devia passar por ela; não havia nenhum outro caminho. Todo o comércio de Atenas e do norte da Grécia a Esparta e o Peloponeso tinha que passar por ali, devido ao fato de Corinto estar no pequeno cabo de terra que unia os dois.

Mas acontecia que não só o comércio do Norte e do Sul da Grécia passava por Corinto, mas sim grande parte do comércio Deste ao Oeste do Mediterrâneo devia passar por ela. O extremo Sul da Grécia se chamava Cabo Malea, ou como se chama agora, Cabo Matapán. Era muito perigoso, e costear-lo nos tempos antigos era mais ou menos o mesmo que bordejar o Cabo de Fornos até há pouco tempo. Os gregos tinham dois provérbios que demonstravam o que pensavam a respeito de uma viagem pelo lugar: "Quem navegar costeando Malea deve esquecer-se de seu lar", e "Quem navegar costeando Malea deve primeiro fazer o testamento." O resultado era que os marinheiros seguiam por um de dois caminhos. Navegavam pelo golfo de Salônica, e,

se seus barcos eram o suficientemente pequenos, tiravam-nos da água, punham-nos sobre paus de macarrão, e os levavam através do istmo, e voltavam a jogá-los do outro lado. O istmo se chamava *Diolkos*, o lugar pelo qual se arrastam as coisas. Se não fosse possível seguir por esse caminho porque o barco era muito grande, desembarcava-se o carregamento, os estivadores o levavam através do istmo, e o reembarcavam em outro barco do outro lado. Esta viagem de seis quilômetros através do istmo, onde agora corre o canal de Corinto, economizava uma viagem de mais de trezentos quilômetros em torno do Cabo Malea, o mais perigoso do Mediterrâneo.

É fácil imaginar o enorme centro comercial que deve ter sido Corinto. Todo o tráfico da Grécia passava por ela; a maior parte do comércio entre o Este e o Oeste do Mediterrâneo escolhia passar por ela. Ao redor de Corinto havia outras três pequenas cidades, Leconio, a oeste do istmo, Cencreia ao este e Escoeno um pouco mais longe.

Farrar escreve: "Os objetos de luxo encontravam logo seu caminho aos mercados que eram visitados por todas as nações do mundo civilizado — Bálsamo árabe, tâmaras da Fenícia, marfim da Líbia, tapetes de Babilônia, cabelo de cabra de Cilícia, lã de Liconio, escravos da Frígia." Corinto, como a chama Farrar, era a Feira de Vaidades do mundo antigo. Os homens a chamavam a Ponte da Grécia; alguém a chamou o Salão da Grécia.

Tem-se dito que se um homem fica por bastante tempo no Piccadilly Circus mais cedo ou mais tarde poderá encontrar-se com todos os habitantes do país. Corinto era o *Piccadilly Circus* do Mediterrâneo. Para aumentar os visitantes de Corinto, esta era a sede dos Jogos ístmicos, que ocupavam no mundo antigo o segundo lugar depois dos Olímpicos. Era uma cidade rica e populosa com um dos centros comerciais maiores do mundo antigo.

---

## A maldade de Corinto

Mas Corinto tinha outra cara. Tinha reputação por sua prosperidade material, mas era também sinônimo de pecado e imoralidade. A mesma palavra *korinthiazesthai*, corintianizar, tinha chegado a ser parte do idioma grego, e significava viver ébrio e na corrupção moral. Alio, um escritor grego, conta-nos que sempre que se imitava um coríntio no cenário era representado como ébrio. A própria palavra Corinto era sinônimo de corrupção. Mas na antiguidade havia uma fonte do mal em Corinto que era conhecida em todo mundo civilizado. Sobre o istmo havia uma colina chamada Acrópolis, e sobre ela estava o grande templo de Afrodite, a deusa do amor. A ele pertenciam mil sacerdotisas que eram prostitutas sagradas, e que ao entardecer desciam do Acrópolis e se ofereciam nas ruas de Corinto, até que surgiu um provérbio grego: "Nem todos os homens podem custear uma viagem a Corinto."

Além destes pecados mais ásperos, floresciam em Corinto vícios muito mais recônditos, que tinham chegado com os comerciantes e os marinheiros de todas partes do mundo, até que Corinto não só foi sinônimo de riqueza e luxo, de alcoolismo e corrupção, mas também de imundície.

## A história de Corinto

Divide-se em duas partes. Era uma cidade muito antiga. Tucídides, o historiador grego, sustenta que os primeiros trirremes, os barcos de guerra gregos, construíram-se em Corinto. A lenda diz que em Corinto se construiu o Argo, o barco em que Jasom navegou pelos mares, buscando o velo de ouro. Mas no ano 146 A. C. suportou um grande desastre. Nessa época os romanos estavam decididos a conquistar o mundo. Quando pensaram em reduzir a Grécia, Corinto encabeçou a posição e foi a defensora dos gregos. Mas os gregos não puderam resistir aos disciplinados romanos, e nesse ano Lúcio Múmio, o general romano,

capturou a Corinto e a saqueou e devastou tão completamente que a converteu em um desolado montão de ruínas. Mas nenhum lugar com a localização de Corinto podia permanecer devastado por muito tempo. Quase exatamente cem anos depois, no 46 A. C. Júlio César a reconstruiu, e Corinto surgiu de suas ruínas. Converteu-se em uma colônia romana. O que é mais, chegou a ser capital, a metrópole da província romana de Acaia, que incluía virtualmente toda a Grécia.

Nesses dias, que eram os de Paulo, sua população era muito heterogênea.

(1) Havia os veteranos romanos que César tinha enviado ali. Quando um soldado romano tinha servido por um tempo determinado, era-lhe outorgada a cidadania e era enviado a alguma cidade recém fundada e recebia terra para que ali se tornasse colono. Estas colônias romanas existiam em todo mundo, e sempre a espinha dorsal das mesmas era um contingente de soldados veteranos cujo serviço fiel lhes tinha levado a ganhar a cidadania.

(2) Quando se reconstruiu Corinto, voltaram os mercadores, devido ao fato de que sua localização ainda lhe dava supremacia no comércio.

(3) Havia muitos judeus na população. A nova cidade lhes oferecia oportunidades de comércio que não foram lentos em aproveitar.

(4) Havia um grupo de fenícios e frígios e gente do Oriente, com seus estranhos costumes exóticos e suas modalidades históricas. Farrar fala desta "população de raça indefinida e heterogênea de aventureiros gregos e burgueses romanos, com uma pequena mescla de fenícios; essa massa de judeus, ex-soldados, filósofos, mercadores, marinheiros, libertos, escravos, marreteiros, e agentes de todo tipo de vícios". Ele a caracteriza como uma colônia "sem aristocracia, sem tradições e sem cidadãos bem estabelecidos".

Lembremos os antecedentes de Corinto, recordemos seu renome por sua riqueza e seu luxo, pelo alcoolismo, a imoralidade e o vício, pelos atos vergonhosos e depois leiamos 1 Coríntios 6:9-11.

“Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus. Tais fostes alguns de vós”.

Nesta sede do vício, no lugar menos apropriado de todo o mundo grego. Paulo realizou uma de suas maiores obras, e se obteve um dos maiores triunfos do cristianismo.

### **Paulo em Corinto**

Paulo permaneceu mais em Corinto que em qualquer outra cidade, com a única exceção de Éfeso. Tinha deixado a Macedônia com sua vida em perigo e tinha cruzado Atenas. Ali teve pouco êxito e seguiu a Corinto, onde permaneceu por dezoito meses. Damo-nos conta do pouco que conhecemos da tarefa de Paulo quando vemos que toda a história destes meses está resumida em 17 versículos (Atos 18:1-17). Quando chegou a Corinto, Paulo foi viver com Áqüila e Priscila. Pregou na sinagoga com grande êxito. Com a chegada de Timóteo e Silas da Macedônia redobrou seus esforços, mas os judeus eram tão teimosos e hostis, que tiveram que deixar a sinagoga. De modo que se estabeleceu na casa de Justo que vivia ao lado da mesma. A pessoa mais notável que se converteu foi Crispo, que era o principal da sinagoga, e teve muito êxito com o público em geral.

No ano 52 d. C. Gálio foi nomeado novo governador de Corinto. Era famoso por sua simpatia e amabilidade. Os judeus trataram de aproveitar-se de sua posição como recém-chegado e de seu bom caráter e levaram perante ele a Paulo, para que o julgasse, acusando o de ensinar contra sua lei. Mas Gálio, com a imparcial justiça romana, negou-se a intervir no caso ou a tornar medidas. De modo que Paulo completou sua tarefa em Corinto e viajou a Síria.

---

## A correspondência com Corinto

Estando em Éfeso no ano 55 d. C. Paulo se inteirou de que nem tudo ia bem em Corinto e decidiu escrever à igreja do lugar. Há muitas possibilidades de que a correspondência com Corinto que possuímos esteja desordenada. Devemos recordar que as cartas de Paulo só se recolheram depois do ano 90 d. C. Em muitas das igrejas deve ter existido somente partes de papiro e certamente foi um problema uni-los; e parece que, quando se recolheram as cartas aos coríntios, não se descobriram todas e não foram ordenadas corretamente. Vejamos se podemos reconstruir o que aconteceu.

(1) Houve uma carta anterior a 1 Coríntios. Em 1 Coríntios 5:9 Paulo escreve: “Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros.” Isto se refere obviamente a uma carta anterior. Alguns eruditos crêem que essa carta se perdeu sem deixar rastros. Outros pensam que se encontra compreendida em 2 Coríntios 6:14—7:1. Em realidade essa passagem coincide com o que Paulo diz ter escrito. Não está de acordo com seu contexto, e se o saltamos e lemos diretamente desde 2 Coríntios 6:13 ao 7:2, vemos que o sentido da passagem é excelente e coerente. Os eruditos chamam a esta passagem a *Carta Anterior* e tudo o que podemos dizer é que é possível que se perdeu, ou que quando se recolheram as cartas, foi inserida erroneamente nessa passagem. (Devemos lembrar que as cartas originais não estavam divididas em capítulos nem em versículos. A divisão em capítulos se realizou só no século XIII e em versículos no XVI, e devido a isso o acerto da coleção de cartas se faria muito mais difícil.)

(2) Paulo recebeu notícias de várias fontes a respeito dos problemas em Corinto.

- (a) Chegaram notícias daqueles que pertenciam à casa de Cloé (1 Coríntios 1:11 [Cloe = RA e RC; mas Cloé em BJ, TB, NTLH]), que relatavam as contendas que dividiam a igreja.

- (b) Estéfanos, Fortunato e Acaico também levaram notícias em sua visita (1 Coríntios 16:17). Por meio do contato pessoal puderam completar a informação que Paulo tinha;
- (c) Também recebeu notícias em uma carta na qual a igreja de Corinto pedia a direção de Paulo em distintos problemas. Em 1 Coríntios 7:1 Paulo começa dizendo “Quanto ao que me escrevestes.” Em resposta a ela Paulo escreveu 1 Coríntios A enviou a essa cidade ao que parece por meio de Timóteo (1 Coríntios 4:17)

(3) O resultado da carta foi que as coisas pioraram, e, embora não temos um relato direto das coisas, podemos deduzir que Paulo teve que fazer uma visita pessoal a Corinto. Em 2 Coríntios 12:14, Paulo escreve “Eis que, pela terceira vez, estou pronto a ir ter convosco.” Em 2 Coríntios 13:1, 2, diz mais uma vez que irá visitar os pela *terceira* vez. Logo, já que se menciona uma *terceira* visita, deve ter havido uma *segunda*. Temos o relato de só uma visita, a que encontramos em Atos 18:1-17. Não temos nenhuma informação da segunda. Mas Corinto estava a apenas dois ou três dias de viagem por mar desde Éfeso e Paulo deve ter feito uma visita relâmpago a Corinto,

(4) A visita não teve bom resultado. As questões se exacerbaram e o resultado foi uma carta terrivelmente severa. Certas passagens de 2 Coríntios falam dessa carta. Em 2 Coríntios 2:4 Paulo escreve: “Porque, no meio de muitos sofrimentos e angústias de coração, vos escrevi, com muitas lágrimas”. Em 2 Coríntios 7:8, diz: “Porquanto, ainda que vos tenha contristado com a carta, não me arrependo; embora já me tenha arrependido (vejo que aquela carta vos contristou por breve tempo).” A carta foi produto de uma grande angústia mental, foi tão severa que Paulo estava quase arrependido de havê-la enviado. Os eruditos a chamaram *A Carta Severa*. Temos a carta? Obviamente não pode tratar-se de 1 Coríntios, devido ao fato de que esta não é uma carta angustiada, e manchada pelas lágrimas. Quando Paulo a escreveu é evidente que a situação já estava controlada. Se lermos 2 Coríntios nos encontramos

com uma divisão estranha. 2 Coríntios de 1 a 9 é uma carta na qual tudo está arranjado e na qual há uma reconciliação completa e se renova a amizade; mas no capítulo 10 nos encontramos com a estranha divisão. Os capítulos 10 a 13 são o lamento mais choroso que Paulo escreveu. Demonstram que foi ferido, insultado e caluniado como nunca antes nem depois por nenhuma igreja. Sua aparência, seus discursos, seu apostolado, sua honestidade tinham sido atacados. A maioria dos eruditos crê que os capítulos do 10 a 13 são a "carta severa", e que foi erroneamente localizada quando se recolheram as cartas de Paulo. Se queremos ter a ordem verdadeira da correspondência de Paulo com Corinto, deveríamos ler primeiro os capítulos 10 a 13 de 2 Coríntios e depois de 1 a 9. Sabemos que esta carta foi enviada por meio do Tito (2 Coríntios 2:13; 7:13)

(5) Paulo se preocupava com esta carta. Não pôde esperar Tito voltar com a resposta, assim viajou para encontrá-lo (2 Coríntios 2:13; 7:5, 13). Encontrou-o em algum lugar da Macedônia e se inteirou de que tudo ia bem, e, provavelmente em Filipos, dedicou-se a escrever 2 Coríntios capítulos 1 a 9, a carta da reconciliação

Stalker disse que as cartas de Paulo tiraram o teto das igrejas primitivas, permitindo ver tudo o que acontecia dentro delas. De nenhuma delas isto é tão certo como em relação às cartas a Corinto. Aqui vemos o que significava para Paulo "o cuidado de todas as igrejas". Nelas vemos os problemas e as decepções, as tristezas e as alegrias. Vemos Paulo, o pastor de seu rebanho, levando as tristezas e os problemas de sua gente em seu coração

## AS SEIS CARTAS DE PAULO AOS CORÍNTIOS

Antes de ler as cartas em detalhe, assinalemos a ordem das mesmas em forma tabulada

(1) *A carta prévia* que bem poderia estar contida no texto de 2 Coríntios 6:14—7:1.



(2) A chegada da gente de Cloé, Estéfano, Fortunato e Acaico e da carta que a igreja do Corinto envia a Paulo

(3) 1 Coríntios foi escrita em resposta, e foi enviada por meio de Timóteo.

(4) A situação piora e Paulo faz uma visita pessoal a Corinto, cujo fracasso é tão completo que quase lhe destroça o coração.

(5) A conseqüência desta visita é *A carta severa* que quase certamente está contida em 2 Coríntios 10-13, e que se envia por meio do Tito.

(6) Sem poder esperar a resposta, Paulo viaja para encontrar-se com Tito. Se reúne com ele na Macedônia, se inteira de que tudo está bem e, provavelmente desde Filipos, escreve 2 Coríntios 1-9, *A carta da reconciliação*.

Os primeiros quatro capítulos de 1 Coríntios tratam sobre o estado de divisão que existia na igreja de Deus em Corinto. Em lugar de ser uma em Cristo estava dividida em seitas e partidos que se identificavam com os nomes de vários líderes e professores.

Paulo considera que estas divisões surgiram devido ao fato de que os Coríntios pensavam muito a respeito da sabedoria e os conhecimentos humanos e muito pouco na pura graça de Deus. Em realidade, com toda sua pretendida sabedoria, encontram-se realmente em estado de imaturidade. Crêem que são inteligentes, mas em realidade não são mais capazes que meninos.

## **2 Coríntios 1**

Consolado para consolar - 1:1-7

Levados novamente a Deus - 1:8-11

Nossa única glória - 1:12-14

O sim de Deus em Jesus Cristo - 1:15-22

Quando um santo repreende - 1:23-24 – 2:1-4

---

**CONSOLADO PARA CONSOLAR****2 Coríntios 1:1-7**

Atrás desta passagem há um tipo de resumo da vida cristã.

(1) Paulo escreve a seus amigos em Corinto como um homem que conhece a tribulação e seu rigor naqueles que a sofrem. A palavra que Paulo utiliza para significar aflição é *thlipsis*. Em grego comum esta palavra descreve sempre pressão física real sobre o homem.

R. C. Trench escreve: "Quando, de acordo com a antiga lei inglesa, eram colocadas pesadas cargas sobre o peito dos que obstinadamente se negavam a confessar, e eram pressionados e esmagados até que morriam, estava-se fazendo literalmente o que significa a palavra *thlipsis*. Algumas vezes sobre o espírito do homem cai o peso e o mistério desta palavra incompreensível. Nos primeiros anos do cristianismo o homem que decidia ser cristão devia enfrentar problemas. Possivelmente teria que abandonar sua família, seus vizinhos pagãos lhe eram hostis, e sofria a perseguição das autoridades. O ser um verdadeiro cristão tem um preço, devido ao fato de que não existe cristianismo sem cruz.

(2) A resposta a este sofrimento reside na paciência. A palavra grega que se utiliza é *hypomone*. A característica de *hypomone* não é a aceitação simples e resignada dos problemas e provas: é triunfo e vitória. Descreve o espírito que, não só pode aceitar o sofrimento, mas também pode triunfar sobre ele. Alguém nos contou umas palavras que se disseram a uma pessoa que sofria: "O sofrimento dá cor à vida, não?" A pessoa respondeu: "Sim, mas decido escolher a cor." Assim como a prata se purifica com o fogo, o cristão pode sair melhor e mais forte de seus dias de prova. O cristão é o atleta de Deus cujos músculos espirituais se fortificam com a disciplina do treinamento das dificuldades.

(3) Mas não estamos sozinhos para enfrentar as provas e exercer essa paciência. O consolo de Deus chega a nós. Entre os versículos 3 e 7 o substantivo *consolação* e o verbo *consolar* se repetem nada menos que nove vezes. Esta palavra no Novo Testamento sempre significa muito

mais que uma compaixão que alivia. Sempre coincide com o significado de sua raiz, a palavra latina *fortis* que significa *bravo*. O consolo cristão é aquele que brinda coragem, que permite que o homem enfrente tudo o que a vida pode lhe fazer. Paulo estava bem seguro de que Deus nunca enviava uma visão ao homem sem o poder para interpretá-la, que nunca lhe enviava uma tarefa sem a força para realizá-la. E além disto, existe sempre certa inspiração no sofrimento e no esforço em que possa incorrer o cristianismo de um homem, porque tal sofrimento, como o assinala Paulo, é a superabundância dos sofrimentos de Cristo que chega a nós. Compartilhamos seu sofrimento.

Nos dias dos cavaleiros, estes estavam acostumados a pedir alguma tarefa especialmente difícil, algum dragão perigoso que enfrentar, para demonstrar sua devoção à mulher que amavam. É um privilégio sofrer por Cristo. Quando sobrevêm os dias difíceis o cristão pode dizer, como disse Policarpo, o Bispo de Esmirna, quando o ataram à fogueira: "Agradeço-te que me tenha considerado merecedor desta prova."

(4) O resultado supremo de todo isto é que obtemos o poder para consolar a outros que estão atravessando pela aflição. Paulo destaca que as coisas que lhe ocorreram e o consolo que recebeu o fizeram capaz de ser fonte de consolação para outros.

Barrie nos relata como seu mãe perdeu a seu filho mais querido, e logo diz: "Ali minha mãe obteve seus olhos tenros, e é a razão pela qual outras mães corriam a ela quando perdiam seus filhos."

Acerca de Jesus foi dito: "Pois, naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados" (Hebreus 2:18).

Será valioso experimentar o sofrimento e a tristeza se isto nos capacitar para ajudar a outros que estão lutando com o fluxo e os golpes da vida.

---

**LEVADOS NOVAMENTE A DEUS****2 Coríntios 1:8-11**

O mais extraordinário a respeito desta passagem é que não temos nenhuma informação a respeito desta terrível experiência que Paulo teve de atravessar em Éfeso. Aconteceu-lhe algo quase impossível de suportar. Esteve num perigo tal que pensou ter chegado sua última hora e que não poderia escapar, e entretanto, além desta referência de passagem e outras parecidas nestas cartas não é relatado o que aconteceu. Existe uma tendência muito humana em exagerar as situações que se devem atravessar.

Muitas vezes uma pessoa que sofreu uma simples operação, faz dela o tema de conversação por muito tempo.

H. L. Gee nos conta a respeito de dois homens que se encontraram para fazer um negócio durante a guerra. Um não deixava de falar a respeito de como o trem em que viajou tinha sofrido um ataque aéreo. Mencionava a excitação, o perigo, sua escapada por tão pouca margem. O outro não dizia nada, mas no final expressou brandamente: "Bom, vejamos agora nosso negócio. Eu gostaria de ir cedo porque ontem à noite minha casa foi demolida por uma bomba."

A pessoa que sofreu realmente não fala muito a respeito disso. O rei Jorge V tinha uma norma em sua vida: "Se tiver que sofrer me permitam agir como um animal bem criado, deixem ir e sofrer, em silêncio e sozinho." Paulo não exibiu seus sofrimentos, e nós que sofremos muito menos teríamos que seguir seu exemplo.

Mas Paulo viu que essa aterradora experiência pela qual tinha atravessado, era-lhe muito útil — *ela o havia tornado a Deus*. Tinha-lhe demonstrado sua dependência absoluta dEle. O perigo da prosperidade é que alenta a falsa independência. Faz-nos pensar que estamos capacitados a nos dirigir sozinhos. Para cada oração que se eleva a Deus nos dias de prosperidade, dez mil são feitas na adversidade. Como disse Lincoln: "Muitas vezes me vi levado a me ajoelhar para orar porque não

tinha outro lugar aonde ir." Muitas vezes o homem descobre nas dificuldades quais são os seus verdadeiros amigos, e muitas vezes precisamos passar por momentos de adversidade para provar a nós mesmos quanto precisamos de Deus.

O resultado disto foi que Paulo tinha uma confiança inamovível em Deus. Sabia agora além de todo argumento o que Deus podia fazer por ele. Se Ele o podia ajudar a atravessar essa situação, podia ajudá-lo em tudo. O grito alegre do salmista é o seguinte: "Pois livraste da morte a minha alma, das lágrimas, os meus olhos, da queda, os meus pés" (Salmo 116:8). O que realmente converteu João Bunyan foi ouvir duas anciãs tomando sol "falando a respeito do que Deus tinha feito por suas almas". A confiança do cristão em Deus não é questão de teoria nem de especulação; pertence aos fatos e à experiência. Sabe o que Deus tem feito por ele e portanto não tem medo.

Finalmente, Paulo pede que os coríntios orem por ele. Como o assinalamos com antecedência, o maior dos santos não se envergonha de pedir aos irmãos de menor importância que orem por ele. Temos muito pouco para dar a nossos amigos; podemos nos sentir ansiosos por não ter mais do que possuímos para compartilhar com aqueles que amamos. Por poucos que sejam nossos bens terrestres, podemos dar a eles o tesouro sem preço de nossas orações.

## NOSSA ÚNICA GLÓRIA

### **2 Coríntios 1:12-14**

Aqui começamos a perceber o tom das acusações que os coríntios estavam fazendo contra Paulo, e as calúnias com as quais estavam tentando sujá-lo.

(1) Deviam ter estado dizendo que na conduta de Paulo havia algo mais que o que saltava à vista. Sua resposta é que tinha vivido com a santidade e a pureza de Deus. *Em sua vida não havia atos ocultos.* Bem

poderíamos adicionar uma nova bem-aventurança à lista: "Bem-aventurado é o homem que não tem nada que esconder."

Uma velha piada conta de um homem que foi de porta em porta dizendo: "Fujam! Descobriu-se tudo." E como fugiam as pessoas, não se nem menos imaginar.

Conta-se que uma vez um arquiteto se ofereceu para construir a casa a um filósofo grego. Seria edificada de tal forma que seria impossível olhar para dentro dela. O filósofo disse: "Pagarei o dobro se me construir uma casa com peças que possam ser vistas por todos."

A palavra que Paulo utiliza para dizer *pureza* (*eilikrineia*) é muito interessante. Pode descrever algo que pode suportar a prova de ser sustentado contra a luz do sol e olhado com o sol brilhando através dele. Ditoso o homem cujas ações suportam a luz do dia e que, como Paulo, pode dizer que não existem ações ocultas em sua vida.

(2) Outros atribuíam a Paulo motivos ocultos. Sua resposta é que toda sua conduta está dominada, não pela sagacidade humana calculadora, mas pela graça de Deus. *Não havia motivos ocultos na vida de Paulo*. Burns, em outro contexto assinala quão difícil é descobrir "o motivo pelo qual o fizeram". Se somos honrados teremos que admitir que muito poucas vezes fazemos algo com motivos absolutamente puros. Mesmo quando fazemos algo bom podemos achar misturados motivos de prudência, de prestígio, de ostentação, de medo ou cálculos de recompensa. Os homens não poderão ver nunca esses motivos, mas, como disse São Tomé: "Os homens vêem a ação, mas Deus vê a intenção." A pureza na ação poderá ser difícil, mas a pureza nos motivos o é mais ainda. Poderemos viver essa pureza quando nós também pudermos dizer que nosso velho eu morreu e que Cristo vive em nós.

(3) Havia outros que diziam que em suas cartas Paulo não queria dizer o que escrevia. A resposta de Paulo foi que não *existiam significados ocultos em suas palavras*. As palavras são coisas estranhas. O homem pode utilizá-las para revelar seu pensamento tanto como para escondê-lo. Poucos de nós podemos dizer honestamente que damos a

cada palavra que pronunciamos um significado total. Podemos dizer algo porque é o correto nessa situação, ou por parecer agradáveis; ou para evitar problemas. Tiago que viu os perigos da língua de maneira mais clara que qualquer outro homem disse: “Se alguém não tropeça em sua palavra, é um homem perfeito” (Tiago 3:2, TB). Sem dúvida alguma seria um homem notável aquele que pudesse afirmar que atribui a cada palavra que pronuncia seu real significado.

Na vida de Paulo não existiam ações nem motivos nem significados ocultos. Sem dúvida alguma isto é algo que devemos tentar alcançar.

## O SIM DE DEUS EM JESUS CRISTO

### 2 Coríntios 1:15-22

À primeira vista esta é uma passagem difícil de compreender. Atrás dela há outra acusação caluniosa contra Paulo. Ele havia dito que visitaria os coríntios, mas a situação fez-se tão amarga que pospôs sua visita para não prejudicá-los (versículo 23). Seus inimigos o tinham acusado de repente de ser o tipo de homem que diz sim e não ao mesmo tempo. Diziam que fazia promessas frívolas com intenções inconstantes, e que não se podia obrigá-lo a dar um sim ou um não definidos.

Isto era bastante grave, mas continuavam argumentando que "se não podemos confiar nas promessas cotidianas de Paulo, se não podemos depender dele para fazer o que ele disse que ia fazer, como podemos confiar nas coisas que nos disse a respeito de Deus? Como podemos crer que todas as boas novas que nos relatou a respeito das promessas de Deus são certas de maneira definitiva e final?"

A resposta de Paulo é que podemos confiar em Deus, que Jesus não vacila entre um sim e um não. Logo expõe o assunto numa frase vívida: "Jesus é o 'sim' a todas as promessas de Deus." Quer dizer o seguinte: Se Jesus não tivesse vindo poderíamos ter duvidado das tremendas e preciosas promessas de Deus. Poderíamos haver dito que eram muito boas para serem certas. Mas um Deus que nos ama tanto que deu a seu

Filho, com toda segurança cumprirá cada uma das promessas que fez. A vinda de Jesus, o fato de Jesus. Jesus mesmo escreve depois de cada promessa de Deus: "Sim! É certo!" Jesus é a garantia pessoal de Deus, de que a maior e a menor de suas promessas são certas. Todos os homens podem confiar implicitamente, podem crer sem questionar, podem depender totalmente do amor que há de fazê-lo.

Apesar de os coríntios estarem caluniando a Paulo há uma verdade saudável: que a confiabilidade do mensageiro afeta a confiabilidade da mensagem. Pregar é sempre "dizer a verdade através da personalidade". E se as pessoas não podem confiar no pregador, o mais provável é que tampouco confie em sua mensagem. Entre as normas judias que consideravam a conduta e o caráter de um mestre, estabelecia-se que nunca devia prometer à classe algo que não pudesse ou não queria fazer. Fazê-lo é acostumar a classe à falsidade. Isto nos adverte que nunca devemos fazer promessas ligeiramente. Porque se o fazemos poderão romper-se de maneira ligeira também. Antes de prometer algo o homem deveria ter em conta o que lhe custará cumprir e assegurar-se de que é capaz e está disposto a cumpri-lo.

Paulo continua dizendo duas grandes coisas.

(1) Através de Jesus dizemos "Amém" às promessas de Deus. Terminamos nossas orações dizendo "por Jesus Cristo nosso Senhor, Amém". Quando lemos as Escrituras muitas vezes concluem dizendo: "Amém". Significa *assim seja*, e a grande verdade é que utilizá-lo não é uma formalidade nem um ritual; é a palavra que expressa nossa confiança em que, devido ao fato de que Jesus veio, podemos oferecer nossas orações e nossas confidências a Deus, e que cremos em todas suas grandes promessas, porque Jesus é a garantia, o sim inquebrantável de Deus, de que nossas orações serão ouvidas e de que todas as grandes promessas são certas.

(2) Finalmente, Paulo fala a respeito dos *penhor* do Espírito. A palavra grega é *arrabon*, e correspondia à primeira entrega de um pagamento, que se dava como garantia de que se abonaria o resto. É uma



palavra comum nos documentos legais gregos. Uma mulher que vende uma vaca recebe mil dracmas como *arrabon* de que o resto do preço de compra será pago. Umas bailarinas que foram contratadas para um festival num povoado recebem um tanto como *arrabon*, que estará incluído no pagamento final, mas que é uma garantia de que o contrato se cumprirá e se pagará a totalidade do lembrado.

Um homem escreve a seu amo dizendo que pagou a Lampón, o caçador de ratos, um *arrabon* de oito dracmas para que comece a trabalhar e cace os ratos enquanto têm crias. Era o primeiro pagamento e a garantia de que se abonaria o resto.

Todos conheciam esta palavra. De maneira que quando Paulo fala do Espírito Santo como *penhor*, *arrabon*, que Deus nos outorgou, quer significar que o tipo de vida que vivemos nEle e com seu ajuda é a primeira cota da vida no céu e a garantia de que a totalidade dessa vida algum dia se abrirá perante nós. O dom do Espírito Santo é a prova e a promessa de Deus de que virão coisas ainda mais grandiosas.

## QUANDO UM SANTO REPREENDE

### 2 Coríntios 1:23-24—2:1-4

Aqui ressoa o eco de atos desgraçados. Tal como o vimos na Introdução, a seqüência dos atos deve ter sido a seguinte. A situação em Corinto tinha ido de mal a pior. A Igreja estava dividida em partidos e havia alguns que negavam a autoridade de Paulo. Tratando de resolver a situação, Paulo fazia uma breve visita a Corinto. Longe de solucionar as coisas, essa visita tinha exacerbado a congregação e quase destruído o coração de Paulo. Em consequência tinha escrito uma carta, muito severa e firme, que os repreendia, carta esta redigida com coração dolorido e lágrimas nos olhos. Por essa mesma razão não tinha completo sua promessa de visitá-los novamente, devido ao fato de que, tal como se apresentavam as coisas, essa visita só o tinha machucado e a eles.

Atrás desta passagem está o coração de Paulo quando tinha que tratar com severidade aos que amava. Aqui vemos vividamente como um santo repreende quando tem que fazê-lo.

(1) Utilizava a severidade e as recriminações com muito pesar. Só o fazia quando se via obrigado a isso e não podia evitá-lo. Algumas pessoas têm os olhos sempre preparados para encontrar alguma falta, suas línguas sempre estão prontas para criticar, em suas vozes sempre há uma grosa e um fio. Paulo não era assim. Nisto era sábio. Se estivermos constantemente criticando e encontrando faltas, se habitualmente estamos zangados ou somos bruscos, se reprovarmos muito mais do que elogiamos, ocorrerá que nossa severidade perderá todo seu efeito. É descartada porque é constante. Quanto menos se reprove, mais efetiva será a reprimenda quando realizada. E, em todo caso, os olhos de um verdadeiro cristão buscam sempre coisas para elogiar e não para condenar.

(2) Quando Paulo repreendia o fazia com amor. Nunca em toda sua vida falou com a mera intenção de ferir. Pode haver um prazer sádico em ver alguém retroceder em face de uma palavra aguda e cruel. Mas Paulo não era assim. Nunca reprovou para causar dor; sempre o fez para restaurar a alegria.

Quando João Knox estava em seu leito de morte disse: "Deus sabe que minha mente estava sempre livre de todo ódio para com aquelas pessoas contra as quais lancei meus mais severos juízos." É possível odiar o pecado mas amar o pecador. A única repreensão efetiva é aquela que se dá com o braço do amor rodeando a outra pessoa. A reprimenda da ira fulgurante pode ferir e até aterrorizar; mas só a que provém do amor ferido e triste pode quebrantar o coração.

(3) Quando Paulo reprovava a última coisa que queria era dominar. Numa novela moderna, um pai diz a seu filho: "Farei você dar golpes ao temor ao Deus de amor." O grande perigo em que podem incorrer tanto o pregador como o professor, é o de pensar que nossa tarefa é a de persuadir e obrigar a outros a fazer exatamente o que nós fazemos, insistir em que se não estiverem de acordo com tudo o que sustentamos,

se não virem as coisas como nós as vemos, estão equivocados. A tarefa de um professor não é impor crenças a outros, mas sim capacitá-los e alentá-los para que alcancem e reflitam sobre suas próprias crenças. O fim não deve ser a extinção, mas sim o desenvolvimento da personalidade individual, não o produzir uma pálida cópia da própria pessoa, mas sim criar um ser humano independente.

Alguém que tinha recebido os ensinamentos desse grande mestre, A. B. Bruce, disse: "Cortou as amarras e nos deu uma visão das águas azuis."

Paulo sabia que como mestre nunca devia dominar, embora às vezes devia disciplinar e guiar.

(4) Finalmente, apesar de toda sua relutância a repreender, de todo seu desejo de ver o melhor em outros, de todo o amor que havia em seu coração, Paulo entretanto repreende quando é necessário. Não quer fazê-lo, mas não retrocederá a fazê-lo quando se torna imperativo.

Quando John Knox reprovou a Rainha Maria por seu projetado matrimônio com Dom Carlos, em primeiro lugar ela se zangou e mostrou sua majestade ultrajada, e logo utilizou "lágrimas em abundância". A resposta de Knox foi a seguinte: "Nunca me deleitei no pranto de nenhuma das criaturas de Deus. Logo que posso suportar as lágrimas de meus próprios filhos, que minha própria mão corrige, e muito menos posso me regozijar no pranto de Sua Majestade. Mas devo suportar, embora não o desejo, as lágrimas de Sua Majestade em lugar de me atrever a machucar minha consciência, ou trair a minha comunidade com meu silêncio."

Não poucas vezes nos abstermos de repreender por uma benevolência mal entendida, ou porque desejamos evitar problemas. Mas chega um momento em que evitar problemas é acumulá-los, e quando buscamos uma paz ociosa e covarde estamos cortejando um perigo maior. Se estamos guiados pelo amor e a consideração, não por nosso próprio orgulho mas pelo bem último de outros, saberemos quando é o momento de falar e quando é o momento de calar.

**2 Coríntios 2**

Rogando pelo perdão de um pecador - 2:5-11

No triunfo de Cristo - 2:12-17

**ROGANDO PELO PERDÃO DE UM PECADOR****2 Coríntios 2:5-11**

Mais uma vez nos encontramos com uma passagem que é um eco de problemas e desditas. Quando Paulo visitou Corinto houve um líder da oposição. A breve e desventurada visita fora envenenada pela atividade de um homem. Este evidentemente insultou pessoalmente a Paulo e este insistiu em que o homem devia ser submetido à disciplina. A maioria dos coríntios tinham visto que a conduta desse homem não só tinha ferido a Paulo, mas também tinha injuriado a honra e o bom nome de toda a Igreja de Corinto. Exerceu-se a disciplina, mas havia alguns que sentiam que não tinha sido o suficientemente severa e desejavam tomar medidas ainda mais rígidas e impor um castigo ainda maior.

Nesse momento surge a grandiosidade suprema de Paulo. Diz que se havia feito o suficiente; através do exercício da disciplina os coríntios tinham demonstrado sua obediência. O homem é nesse momento um penitente e exercer mais disciplina seria fazer mais mal que bem porque poderia levar o homem ao desespero, e fazê-lo não seria servir a Cristo e à Igreja, mas sim oferecer uma oportunidade a Satanás para exercer seu poder tentador e dominar o homem. Se Paulo tivesse agido por motivos meramente humanos teria se deleitado com o duro destino de seu anterior inimigo. Teria sido humano regozijar-se com um castigo sobre outrem. Em nenhum outro lugar a majestade do caráter de Paulo surge melhor que nesta ocasião, quando a benignidade de seu coração pede misericórdia para o homem que era seu inimigo. Paulo aqui é um exemplo supremo da conduta cristã quando fomos injuriados ou insultados.

(1) Paulo não tomou o assunto como afronta pessoal absolutamente. Não importava o dano realizado a seus próprios sentimentos. Estava ansioso pela boa disciplina e a paz da Igreja. Algumas pessoas tomam tudo como algo pessoal. As críticas, ainda que bem intencionadas e dadas de boa maneira, são tomadas como insultos pessoais. Os tais fazem muito mais que qualquer outra classe de pessoas para perturbar a paz de uma irmandade. Seria bom recordar que as críticas e os conselhos geralmente não têm o propósito de nos machucar mas sim de nos ajudar; não que deixemos de servir, mas sim possamos ser melhores servidores da comunidade ou da Igreja.

(2) O motivo que tinha Paulo para exercer a disciplina era corrigir e não vingar-se. Não tinha por finalidade golpear e fazer o homem cair, mas sim ajudá-lo a levantar-se. Seu fim era julgar, não pelas normas da justiça abstrata, mas pelo amor cristão. Sua finalidade não era tanto castigar o pecador como transformá-lo. O fato é que muitas vezes os pecados são boas qualidades mal exercidas. O homem que pode planejar com êxito um roubo, tem ao menos iniciativa e poder para organizar. O orgulho é depois de tudo uma sorte de intensificação da independência do espírito. A avareza é a frugalidade levada ao cúmulo. É um fato registrado que homens que eram muito hábeis em abrir caixas fortes e outros similares foram utilizados para bons propósitos pelos comandos durante a guerra. A finalidade que Paulo perseguia com a disciplina não era a de erradicar as qualidades que um homem tivesse, mas sim orientá-las, sujeitá-las e as canalizá-las para propósitos mais elevados. O dever cristão não é fazer inofensivo o pecador demolindo-o até a submissão, mas sim convertê-lo em santo inspirando nele a bondade.

(3) Paulo insistia em que o castigo nunca devia levar o homem ao desespero nem descoroçá-lo. O trato equivocado muitas vezes deu o último empurrão a alguém em jogá-lo nos braços de Satanás. A severidade exagerada pode afastá-lo da Igreja e de sua comunidade, enquanto que uma reprimenda benévola pode atraí-lo para ela.

Maria Lamb, que atravessava períodos terríveis de loucura, era maltratada por sua mãe. Estava acostumada a suspirar: "Por que é que parece que nunca posso fazer nada que agrade a minha mãe?"

Lutero apenas podia suportar rezar o Pai Nosso devido ao fato de que seu pai tinha sido tão severo que a palavra pai evocava nele uma figura aterradora. Estava acostumado a dizer: "Prescinde da vara e mima o menino — sim; mas ao lado da vara tenha uma maçã para lhe dar quando se comportou bem."

Seu fim deveria ser o de produzir, não o desespero que abandona a luta pelo bem, mas sim a nova perspectiva que inspira uma luta maior e de mais êxito. Resumindo, isto só pode acontecer quando esclarecemos muito bem que, mesmo quando estamos castigando uma pessoa, cremos nela.

## NO TRIUNFO DE CRISTO

### 2 Coríntios 2:12-17

Paulo começa relatando como sua ansiedade por conhecer o que estava acontecendo em Corinto o inquietou ao ponto que não pôde esperar em Troas, embora ali havia um campo frutífero, e o levou a sair ao encontro de Tito que ainda não tinha chegado. E logo ouvimos seu grito de triunfo a Deus que finalmente tinha feito tudo terminar bem.

Os versículos 14 a 16 são difíceis de entender em si mesmos, mas quando os consideramos contra o pano de fundo que existia no pensamento de Paulo se convertem numa figura vívida. Paulo fala de ser conduzido no corte o triunfal de Cristo; e logo continua dizendo que é o doce aroma de Cristo para os homens, um perfume que para alguns é o da morte e que para outros é o da vida.

Na mente de Paulo está a imagem de um *triumfo* romano e de Cristo como um conquistador universal. A honra mais alta que se podia dar a um general romano vitorioso era um triunfo. Antes de ganhá-lo tinha que satisfazer certas condições. Tinha que ter sido o comandante em chefe

real no campo de batalha. A campanha tinha que ter terminado por completo, a região pacificada e as tropas vitoriosas deviam ter retornado ao lar. Ao menos cinco mil inimigos teriam que ter morrido num confronto. Devia-se haver ganho uma extensão positiva de território, e não valia simplesmente ter evitado um desastre ou rechaçado um ataque. E a vitória teria que ter sido sobre um inimigo estrangeiro e não tratar-se de uma guerra civil.

Num triunfo a procissão do general vitorioso ia através das ruas de Roma em direção do Capitólio na seguinte ordem. Primeiro, iam os funcionários do Estado e o senado. Logo os trompetistas. Depois se levava o despojo obtido na terra conquistada. Por exemplo, quando Tito conquistou Jerusalém se levou através das ruas de Roma o candelabro de sete braços, a mesa de ouro de pães asmos e as trombetas de ouro. Logo seguiam quadros da terra conquistada e modelos das cidadelas e parques. Seguia o touro branco que seria sacrificado.

Logo partiam os desventurados cativos, os príncipes inimigos, os líderes e generais encadeados, que em pouco tempo seriam jogados nas prisões e provavelmente executados imediatamente. Atrás iam os lictores levando suas varas e os músicos com suas liras. Mais atrás iam os sacerdotes balançando seus incensários nos quais se queimava o doce perfume.

Logo ia o general em pessoa, de pé num carro puxado por quatro cavalos. Estava vestido com uma túnica púrpura bordada com palmas de ouro, e sobre ela uma toga púrpura adornada com estrelas de ouro. Em sua mão levava um cetro de marfim com a águia romana em sua parte superior, e sobre sua cabeça um escravo sustentava a coroa do Júpiter. Atrás dele, em outra carruagem, ia sua família, e finalmente ia o exército carregando todas suas condecorações e gritando: "*o triumphe!*" seu grito de vitória. A procissão caminhava através das ruas, decoradas e adornadas com grinaldas, entre a multidão que gritava e saudava. Era um dia de tremenda importância, que podia presenciar-se no melhor dos casos uma vez na vida.

Esta é a imagem que Paulo tem em mente. Vê o Cristo vencedor partindo triunfante através do mundo, e a ele mesmo no séquito conquistador. Estava seguro de que era um triunfo que nada podia deter. Vimos como nessa procissão os sacerdotes sacudiam seus incensários cheios de perfume. Para o general e as tropas vitoriosas esse perfume seria de alegria, triunfo e vida; mas para os infelizes cativos que caminhavam um pouco mais adiante era o perfume da morte, devido ao fato de que representava sua derrota e sua próxima execução. De modo que Paulo crê que ele e os outros apóstolos estão pregando o evangelho de um Cristo triunfante. Para todos os que o aceitem, é o perfume da vida, como o era para os que tinham triunfado; para aqueles que o rechacem, é o perfume da morte, como o era para os vencidos. De uma coisa estava seguro Paulo — que o mundo inteiro não podia derrotar a Cristo. Não vivia num medo pessimista, mas em um otimismo glorioso que conhecia a majestade invencível de Jesus.

E então, outra vez, nos versículos finais ouvem o eco desventurado. Havia alguns que diziam que ele não era apto para pregar a Cristo. Outros diziam coisas piores: que utilizava o evangelho como um comércio, como desculpa para encher os bolsos.

Mais uma vez Paulo utiliza a palavra *eilikrineia*, *pureza*. Seus motivos suportarão os penetrantes raios do sol mais brilhante; sua mensagem provém de Deus; suportará o escrutínio do próprio Cristo. Paulo nunca teve medo do que os homens pudessem dizer, porque sua consciência lhe dizia que contava com a aprovação de Deus e o "Muito bem!" de Cristo.

## **2 Coríntios 3**

[Cada homem uma carta de Cristo - 3:1-3](#)

[A glória que ultrapassa tudo - 3:4-11](#)

[O véu que oculta a verdade - 3:12-18](#)



---

**CADA HOMEM UMA CARTA DE CRISTO****2 Coríntios 3:1-3**

Por trás desta passagem existe a idéia de um costume muito usado no mundo antigo. Era a de enviar cartas de recomendação com uma pessoa. Se alguém se dirigia a uma comunidade desconhecida, algum amigo que conhecia alguém dentro dela lhe dava uma carta de recomendação para apresentá-lo e dar testemunho de seu caráter. Era mais ou menos o que conhecemos como *boas referências*. Esta é uma dessas cartas, encontradas entre os papiros, escrita por um tal Aurélio Arquelau, que era um *beneficiarius*, um soldado privilegiado para ser excetuado de certas tarefas servis, a sua comandante em chefe que era um tribuno militar chamado Julio Domício. É uma carta para apresentá-lo e recomendá-lo a um tal Teón:

"A Julio Domício, tribuno militar da legião, de Aurélio Arquelau, seu *beneficiarius*, saudações. Antes da presente já te recomendei a Teón, meu amigo, e agora também te rogo, senhor, considerá-lo como considerarias a mim. Porque trata-se de um homem digno de ser amado por ti, devido ao fato de que deixou seu próprio povo, seus bens e negócios e me seguiu e me preservou através de todas as coisas. Portanto te rogo que lhe confiras o direito de ir verte. Pode te relatar tudo a respeito de nossa missão. . . ameio o homem. . . Desejo-te, senhor, muitas felicidades e uma longa vida em companhia de sua família, e boa saúde, Tenha esta carta perante teus olhos e faça com que te faça pensar que te estou falando. Adeus."

Paulo estava pensando nesse tipo de carta de referência. Existe uma delas no Novo Testamento. Romanos 16 é uma carta de recomendação escrita por Paulo, para apresentar a Febe, membro da Igreja de Cencrécia à Igreja de Roma. No mundo antigo, como atualmente, os testemunhos escritos não valiam muito.

Uma vez um homem pediu a Diógenes, o filósofo cínico, que lhe desse uma dessas cartas. Diógenes lhe respondeu: "Ao ver-te descobrirá que é um homem; mas se for bom ou mau o descobrirá se

tiver habilidade para distinguir entre o bem e o mal, e se não a possui não o fará por mais que eu lhe escreva milhares de vezes."

Entretanto, estas cartas eram necessárias nas igrejas cristãs, pois até Luciano, o escritor satírico pagão, notava que qualquer enganador podia fazer uma fortuna com os simples cristãos, devido ao fato de que podia enganá-los facilmente.

As orações anteriores da carta de Paulo parecem nos mostrar que este está dando testemunho de si mesmo. Declara que não necessita tal recomendação. Logo lança um olhar àqueles que estiveram causando problemas em Corinto. Diz: "Há alguns que apresentaram cartas de recomendação e que as obtiveram de vocês." Provavelmente estes eram emissários de judeus que tinham ido destruir o trabalho de Paulo e que tinham apresentado cartas do Sinédrio para creditá-los. Faz muito tempo Paulo também tinha possuído cartas similares quando foi a Damasco para destruir a Igreja (Atos 9:2). Paulo diz que seu único testemunho são os próprios coríntios. A mudança que se produziu em suas vidas e em sua conduta é a única recomendação que necessita.

Logo continua realizando um grande alegação por escrito. Cada um deles é uma carta de Cristo. Muito tempo antes Platão havia dito que o bom professor não escreve sua mensagem com tinta que se apagaria, nem com palavras que não podem falar. Encontra um discípulo e semeia a semente da mensagem no coração que compreende. Escreve sua mensagem nos homens. Isso é o que Jesus tinha feito. Escreveu sua mensagem sobre os coríntios, através de seu servo Paulo, não com tinta que pudesse apagar-se, mas com o Espírito; não sobre tábuas de pedra como foi escrita a lei pela primeira vez, mas sim sobre o coração dos homens.

Encontramos uma grande verdade nisto, uma verdade que é ao mesmo tempo uma inspiração e uma terrível advertência — todo homem é uma carta aberta para Jesus Cristo. Cada cristão, goste ou não, é uma propaganda para Cristo e o cristianismo. A honra da Igreja, a honra de Cristo descansa nas mãos dos que o seguem. Julgamos a um armazeneiro

pelo tipo de produtos que vende; a um artesão pelos artigos que produz; a uma igreja pelo tipo de homens que cria; e portanto os homens julgam a Cristo por seus seguidores.

Dick Sheppard, depois de ter estado anos falando ao ar livre com gente que estava fora da Igreja declarou que tinha descoberto que: "o impedimento maior que tem a igreja é a vida pouco satisfatória dos que professam ser cristãos." Quando saímos ao mundo temos a responsabilidade que nos atemoriza e inspira de ser cartas abertas, propaganda de Cristo e de sua Igreja.

## A GLÓRIA QUE ULTRAPASSA TUDO

### 2 Coríntios 1:4-11

Esta passagem em realidade se divide em duas partes. No começo do mesmo, Paulo sente que possivelmente seu anúncio de que os coríntios são uma epístola aberta de Cristo, produzida sob seu ministério, poderia soar como uma auto-louvor. De modo que se apressa a insistir que tudo o que ele tem feito não foi sua própria obra, mas sim obra de Deus. Deus o preparou para sua tarefa. Pode ser que esteja pensando em um dos significados caprichosos que às vezes os judeus davam a um dos grandes títulos de Deus. Era chamado *El Shaddai*, que significa *Deus Todo-poderoso*, mas que algumas vezes se dizia que significava *Deus Suficiente*. Aquele que tudo pode fez com que Paulo fosse capaz de encarar sua tarefa.

Quando Harriet Beecher Stowe produziu sua novela *A cabana do Tio Tom*, nos Estados Unidos, venderam-se trezentos mil exemplares num ano. Foi traduzida a vários idiomas. Lorde Palmerston, que não tinha lido uma novela nos últimos trinta anos a elogiou dizendo: "não só pelo relato, mas por sua política." Lord Cockburn, um membro do Conselho privado, declarou que tinha feito mais pela humanidade que qualquer outro livro de ficção. Tolstoi a situou entre os grandes logros da

mente humana. Certamente fez muito mais que qualquer outra coisa para o avanço da liberdade dos escravos.

A autora se negou a aceitar os carinhos pelo que tinha escrito. Disse: "Eu, a autora da cabana do tio Tom? Não, por certo, eu não pude dominar a história, escreveu-se sozinha. O Senhor a escreveu, e eu só fui o instrumento mais humilde de sua mão. Tudo me veio em visões, uma após outra, e eu as traduzi em palavras. Só a Ele seja o louvor!"

Sua suficiência provinha de Deus. O mesmo acontecia com Paulo. Nunca dizia: "Olhem o que tenho feito", mas sim "Glorificado seja Deus!" Nunca se considerou adequado para nenhuma tarefa; pensou que Deus era aquele que o capacitava para ela. E essa é precisamente a razão pela qual, consciente como era de sua própria fraqueza e inadequação, temia deixar sua mão sem tarefa. Nunca tinha tido que fazê-lo sozinho: tinha-o feito com Deus.

A segunda parte desta passagem fala sobre o contraste entre a velha e a nova aliança. Uma aliança é um acordo celebrado entre duas pessoas através do qual entram numa determinada relação. No uso bíblico, não é um acordo comum, porque num acordo comum as partes contratantes entram num mesmo nível e em termos iguais. Mas no sentido bíblico da aliança, é Deus aquele que tem a iniciativa, o primeiro em mover-se, aquele que se aproxima do homem e lhe oferece sua relação com condições que o homem não poderia iniciar, nem alterar mas sim só aceitar ou rechaçar.

A palavra *nova* que Paulo utiliza ao falar da nova aliança, é a mesma que utilizou Jesus e é muito significativa. Em grego há duas palavras que significam novo: *neos*, que é *novo quanto ao tempo somente*. Uma pessoa jovem é *neos* devido ao fato de que recentemente chegou ao mundo. Em segundo lugar temos *kainos*, que significa *novo quanto à qualidade* não só quanto ao tempo. Se algo é *kainos* introduziu um elemento novo, fresco e distinto na situação. É esta última palavra a que tanto Jesus como Paulo utilizam para referir-se à *nova* aliança, e o significado é que não só é nova quanto ao tempo; é muito diferente da

velha em tipo e qualidade. Não produz simplesmente uma nova relação entre o homem e Deus, mas sim algo totalmente distinto.

Onde reside essa diferença?

(1) A velha aliança estava baseada num documento escrito. Podemos ler a história de sua iniciação em Êxodo 24:1-8. Moisés tomou o livro da aliança e o leu perante o povo, e este concordou. Por outro lado a nova aliança se baseia no poder do Espírito que outorga vida. Um documento escrito, um livro, um código sempre é algo externo; impõe-se ao homem que concorda com ele externamente, enquanto que a tarefa do Espírito muda o próprio coração do homem. Um homem pode obedecer um código escrito, quando em realidade está desejando todo o tempo desobedecê-lo; mas quando o Espírito entra em seu coração e o controla, não só não transgride o código, mas também não deseja *fazê-lo*, porque mudou. Um código escrito pode mudar a lei; só o Espírito pode mudar a natureza humana.

(2) A velha aliança era mortífera. Por que? Produzia uma relação legal entre o homem e Deus. Com efeito dizia: "Se você deseja manter sua relação com Deus, deve guardar estas leis, e se as transgride, perderá sua relação." Portanto estabelecia uma situação em que Deus era essencialmente o juiz e o homem um delinqüente perpetuamente em falta perante o estrado do juízo de Deus. Era mortífera porque matava certas coisas.

(a) Matava a *esperança*. Ninguém cria que um homem podia cumpri-la em sua totalidade. Devido à natureza humana, *fazê-lo* era e é impossível. Portanto só podia produzir uma frustração desesperançada.

(b) Matava a *vida*. Sob ela o homem não podia alcançar nada mais que a condenação. Estava destinado a isso por sua falta de cumprimento, e isto significava a morte.

(c) Matava a *força*. Era perfeitamente capaz de dizer a um homem o que tinha que fazer, mas não podia ajudá-lo a *fazê-lo*. Podia diagnosticar a enfermidade, mas não curá-la.

Mas a nova aliança era muito diferente:

(a) É uma relação de *amor*. Existe porque Deus ama o mundo.

(b) É uma relação entre um *pai e seus filhos*. O homem já não era mais o criminoso negligente, mas sim era o filho de Deus, não importa que se tratasse de um filho desobediente.

(c) Mudava a vida do homem, não pela imposição de um novo código de leis sobre ele, mas sim *mudando seu coração*, e convertendo-o num homem novo.

(d) Portanto não só dizia ao homem o que tinha que fazer, mas sim lhe dava a força para fazê-lo. Com seus mandamentos *trazia consigo o poder*.

Assim, pois, Paulo continua assinalando o contraste entre as duas relações, as duas alianças. A velha aliança tinha nascido na glória. Quando Moisés descendeu da montanha com os Dez Mandamentos, que são o código da velha aliança, sua face brilhava com tal esplendor que ninguém podia olhá-lo para ele (Êxodo 34:30). Obviamente tratava-se de um esplendor passageiro e transitivo. Não durou nem podia durar. Nasceu só para desvanecer-se. Mas a nova aliança, a nova relação que Jesus Cristo possibilita entre o homem e Deus, tem um esplendor maior, devido ao fato de que traz consigo o perdão e não a condenação, a vida e não a morte, uma glória que nunca se murchará e um brilho que não se perderá nem bem começa a luzir-se.

Agora, aqui há uma advertência. Os judeus preferiam a velha aliança, a lei. Rechaçavam a nova, a nova relação em Cristo. Não se trata de que a velha aliança fosse má; mas sim estava situada num lugar de segunda importância, era um degrau no caminho. Como um grande comentarista disse: "Quando sai o Sol, as lâmpadas deixam de ser úteis." E como diz a sábia declaração: "O bom é inimigo do melhor."

Os homens apegaram-se sempre ao velho, mesmo quando se lhes ofereceu algo muito melhor. Quando se descobriu o clorofórmio, por muito tempo as pessoas se negaram a utilizá-lo, baseando-se em fundamentos pretensamente religiosos.

Quando surgiram Wordsworth e os poetas românticos, a crítica disse: "Isto não dá para muito."

Quando Wagner começou a escrever sua música as pessoas não a aceitavam porque era nova.

Em todo mundo as igrejas se aferram ao velho e rechaçam o novo. Uma coisa é correta porque foi feita, outra está equivocada devido ao fato de que nunca se realizou. Na vida devemos tomar cuidado de não adorar os degraus em lugar da meta, de não nos aferrar ao bom enquanto que o melhor nos está aguardando, de não insistir, como o fizeram os judeus, em que as formas de agir antigas são corretas e rechaçam as novas glórias que Deus abre perante nós.

## O VÉU QUE OCULTA A VERDADE

### 2 Coríntios 3:12-18

Todas as imagens utilizadas nesta passagem surgem diretamente da passagem anterior. Paulo parte da idéia de que quando Moisés desceu do monte, a glória resplandecia em seu rosto de tal maneira que ninguém podia olhá-lo atentamente.

(1) Ele pensa em Êxodo 34:33. A tradução correta do hebraico, da qual emerge o pensamento de Paulo, é que Moisés pôs um véu sobre seu rosto *quando terminou* de falar, como se tivesse utilizado o véu para que o povo não pudesse ver como a glória que uma vez tinha brilhado sobre seu rosto se apagava lentamente. Estava destinado a ser ultrapassado, não como o correto excede ao equivocado, mas sim como o incompleto se vê ultrapassado pelo completo, o degrau no caminho pela meta final. A revelação que veio a Moisés era verdadeira e grandiosa, mas era parcial. A que veio em Jesus Cristo era total, final e completa. Como o assinalou sabiamente Santo Agostinho há muito tempo: "Ficamos em falta com o Antigo Testamento se negarmos que provém do mesmo Deus bom e justo que o Novo. Por outro lado interpretamos mal o Novo, se

pusermos o Antigo no mesmo nível." Um é um degrau rumo à glória; o outra é a cúpula da glória.

(2) Agora a idéia do véu se apodera da mente de Paulo e ele a utiliza de diversas maneiras. Diz que, quando os judeus ouviam a leitura do Antigo Testamento, como o faziam todos os sábados na sinagoga, havia um véu sobre seus olhos que lhes impedia de ver o verdadeiro significado da mesma. Ao ouvi-la teria que lhes apontar a Jesus Cristo, mas o véu lhes impede vê-lo. Nós também podemos deixar de ver o verdadeiro significado das Escrituras devido ao fato de que nossos olhos estão cobertos.

(a) Pode ser que o estejam pelo *preconceito*. Muitas vezes levamos às Escrituras nossas teorias e buscamos textos para reforçá-las para e sustentá-las, em lugar de nos aproximar humildemente às Escrituras para aprender o que elas têm a nos ensinar. Também muitas vezes recorremos às Escrituras em busca de apoio para nossos próprios pontos de vista, em lugar de tentar encontrar a verdade de Deus.

(b) Podem estar veladas pelo que queremos crer. Muitas vezes buscamos encontrar nas Escrituras o que gostaríamos que figurasse nelas, em lugar do que está ali. Tomemos um exemplo: nos deleitaremos em todas as referências ao amor e à misericórdia de Deus, mas passaremos de longe deliberadamente todas as que falam da ira e do juízo de Deus. Encontramos o que queremos encontrar, e negamos o que não queremos ver.

(c) Pode ser que estejam cobertas por um *pensamento fragmentado*. Deveríamos considerar sempre a Bíblia como uma totalidade. É fácil tomar textos individualmente e criticá-los. É fácil provar que há partes do Antigo Testamento que são menos que cristãs. Não encontramos dificuldade em prover apoio para nossas teorias particulares escolhendo certos textos e passagens, e deixando outros de lado. Mas devemos buscar toda a mensagem das Escrituras; e esta é outra maneira de dizer que devemos ler as Escrituras à luz de Jesus Cristo.



(3) Não só há um véu que impede que os judeus vejam o verdadeiro significado das Escrituras; também há um véu que se interpõe entre eles e Deus.

(a) Às vezes é o véu da *desobediência*. Em muitas oportunidades é a cegueira moral e não a intelectual a que nos impede de ver a Deus. Se persistirmos em desobedecer, convertemo-nos cada vez em mais incapazes de ver a Deus. A visão do Senhor chega ao coração puro.

(b) Às vezes é o véu do *espírito indócil*. Como diz um provérbio escocês: "Não há ninguém tão cego como os que não querem ver." O melhor professor da Terra não pode ensinar ao homem que já sabe tudo e que não quer aprender. Deus nos deu o livre-arbítrio, e, se insistirmos em nosso próprio caminho, não chegaremos a conhecer sua vontade.

(4) Paulo continua logo dizendo que vemos a glória de Deus sem nenhum véu que nos cubra o rosto, e devido a isso nós também somos transformados de glória em glória. Talvez, possivelmente o que Paulo queira dizer é que, se olharmos a Cristo, afinal o refletimos. Sua imagem, seu reflexo aparece em nossas vidas. É uma lei da vida que nos parecemos com as pessoas que observamos. A pessoa admira uma estrela e logo começa a reproduzir o vestimenta e os maneiras da mesma. Adora como herói a alguém e começa a refletir a forma de ser dessa pessoa. Se contemplamos a Deus, se caminhamos olhando a Jesus Cristo, se fixarmos nossos olhos sobre Ele, finalmente a glória da vida cristã é tal que chegamos a refleti-lo.

Nesta passagem Paulo criou um problema teológico para muitos. Diz: "O Senhor é o Espírito." Parece identificar ao Senhor Ressuscitado e ao Espírito Santo. Devemos recordar que Paulo não escrevia teologia; dava a conhecer sua experiência. E a vida cristã nos demonstra que a tarefa do Espírito e a de Cristo é a mesma. A força, a guia, a luz que recebemos provêm tanto do Espírito como de Jesus. Não importa como o expressemos sempre que o experimentemos.

Paulo diz que onde estiver o Espírito há liberdade. Quer dizer que enquanto nossa obediência a Deus esteja dominada e condicionada por

um livro ou um código de leis, estamos na posição de um servo involuntário e um escravo. Mas quando provém da obra do Espírito em nossos corações o centro de nosso ser não tem outro desejo que o de servir e obedecer a Deus devido ao fato de que o amor o obriga e não a lei. Há muitas coisas que nos desagradaria fazer para algum estranho se fôssemos obrigados como servos, mas é um privilégio fazê-las para alguém que amamos. O amor reveste de glória as tarefas mais humildes e servis. "Em seu serviço encontramos nossa perfeita liberdade."

## 2 Coríntios 4

Os olhos cegados - 4:1-6

Tribulação e triunfo - 4:7-15

O segredo da paciência - 4:16-18

### OS OLHOS CEGADOS

#### 2 Coríntios 4:1-6

(1) No começo diz algo a respeito de si mesmo. Assinala que nunca se desanima na grande tarefa que lhe foi encomendada e implicitamente nos diz o porquê.

Há duas coisas que o mantêm em marcha.

(a) A consciência de uma grande tarefa. Um homem consciente de uma grande tarefa pode fazer coisas maravilhosas. Uma das grandes obras do gênio musical é o *Messias* do Haendel. Registrou-se que foi composto e escrito em *vinte e dois dias*, e que durante todo este tempo seu autor apenas consentia em comer ou dormir. O estranho a respeito de uma grande tarefa é que traz aparelhada sua própria força nela.

(b) A lembrança das graças recebidas. A meta de Paulo era dar toda sua vida e seu esforço, tentando de fazer algo pelo amor que o havia redimido.

(2) Além disso, por implicação Paulo diz algo a respeito de seus oponentes e caluniadores. Aqui mais uma vez nos encontramos com o

eco de atos desventurados. Podemos perceber atrás disto que seus inimigos tinham lançado três acusações contra ele. Haviam dito que tinha utilizado métodos repudiáveis, que exercia sua sagacidade inescrupulosa para fazer sua própria vontade, e que tinha adulterado a mensagem do evangelho. Quando nossos próprios motivos são interpretados mal, quando se entendem mal nossas ações e quando se torcem nossas palavras, mudando seu significado, conforta-nos lembrar que isso também aconteceu nada menos que ao próprio Paulo.

(3) Logo Paulo continua falando a respeito daqueles que se negaram a receber o evangelho. Insiste em que proclamou a palavra de tal maneira que todo homem, seja qual for sua consciência, está obrigado a admitir sua proclamação e seu chamado. Mas ainda apesar disso há alguns que fazem ouvidos surdos ao chamado do evangelho e estão cegos diante de sua glória. O que acontecerá com eles? Paulo diz algo muito difícil a respeito deles. Diz que o deus deste mundo cegou suas mentes para que não creiam. Através de toda a Bíblia os escritores são conscientes de que este mundo está em poder do mal.

Algumas vezes Satanás é denominado por esse poder, outras por Diabo. João faz com que Jesus se refira três vezes ao *príncipe deste mundo* e à sua derrota (João 12:31; 14:30; 16:11). Paulo em Efésios 2:2 refere-se ao *príncipe da potestade do ar* e aqui nos fala do *deus deste século*. Até no Pai Nosso há uma referência ao poder maligno, porque o mais provável é que a tradução correta de Mateus 6:13 seja: "mas livra-nos do *Maligno*". Atrás desta idéia tal qual surge no Novo Testamento há certas influências e origens.

(a) A fé persa chamada zoroastrismo via o universo inteiro como o campo de batalha entre o deus da luz e o das trevas, Aúra-Mazda e Arimã. O que estabelece o destino do homem é o lado que escolhe neste conflito cósmico. Quando os judeus foram conquistados pelos persas entraram em contato com esta idéia e sem dúvida coloriu seu pensamento.

(b) O pensamento a respeito das duas foi, a presente e a por vir, é básico para a fé judia. Para o tempo da era cristã, os judeus tinham chegado a pensar que a era presente era incuravelmente má, estava totalmente em poder do mal e destinada à destruição total quando amanhecesse a era por vir. Podia-se dizer corretamente que a era presente estava sob o poder do deus deste mundo e que era inimiga e hostil ao Deus verdadeiro.

(c) Mas em realidade temos que lembrar que esta idéia de um poder maligno e hostil não é tão teológica, como um fato da experiência. Se a considerarmos do ponto de vista teológico nos encontramos perante sérias dificuldades. De onde provém esse poder maligno num universo criado por Deus? Qual é seu fim último? Mas se o consideramos como algo que corresponde à experiência, todos sabemos muito bem quão real é o mal neste mundo.

Robert Luis Stevenson diz num determinado lugar: "Conhecem a estação de trens da Caledonia, em Edimburgo? Numa manhã fria, em que soprava o vento do este me encontrei ali com o Diabo."

Todos conhecemos o tipo de experiência a que se refere Stevenson. Por muito difícil que nos pareça a idéia de um poder do mal do ponto de vista teológico ou filosófico, a experiência a compreende muito bem. Aqueles que não podem crer nem aceitar as boas novas do evangelho são os que se entregaram ao mal deste mundo de maneira tal que já não podem ouvir o convite de Deus quando chega. Não é que Deus os tenha afastado ou abandonado. O que acontece é que eles através de sua própria conduta se afastaram de Deus.

(4) Paulo diz algo a respeito de Jesus. O grande pensamento que Paulo sublinha nesta passagem é que em Jesus Cristo vemos a Deus. Nele vemos como é Deus. Jesus disse: "Quem me vê a mim vê o Pai" (João 14:9). Quando Paulo pregava não dizia: "Olhem para mim!", mas sim: "Olhem a Jesus Cristo, e nele verão a glória de Deus que veio à Terra na forma de um homem que podemos compreender."

---

**TRIBULAÇÃO E TRIUNFO****2 Coríntios 4:7-15**

Paulo começa esta passagem com a idéia de que poderia ocorrer que os privilégios e a glória de que goza um cristão o levassem a orgulho. Mas a própria vida está desenhada para que o homem não caia no orgulho. Por muito grandes que sejam estes privilégios e glória ainda se trata de um mortal; ainda é vítima das circunstâncias; vê-se envolto numa situação humana sobre a qual não tem controle; está sujeito às mudanças e às oportunidades da vida humana; é dono de um corpo mortal com toda sua fraqueza e dor. Assemelha-se a um homem com um tesouro precioso, mas que está contido num recipiente de barro, que é fraco em si mesmo e não tem valor.

Falamos muito sobre o poder do homem, e das vastas forças que domina. Mas a característica real do homem não é seu poder, mas sim sua fraqueza. Como disse Pascal: "Uma gota de água ou uma corrente de ar podem matá-lo."

Já vimos quanto orgulho e glória supunha um triunfo para um general romano. Mas havia duas coisas que o impediam de sentir-se orgulhoso. Em primeiro lugar enquanto se dirigia em seu carro com a coroa sobre a cabeça, o povo não só gritava e aplaudia, mas de vez em quando dizia: "Olhe atrás de você e lembre que morrerá." Em segundo lugar, ao finalizar a procissão chegavam os próprios soldados do conquistador, e faziam duas coisas à medida que partiam. Cantavam exaltando a seu general, mas também gritavam brincadeiras obscenas e insultos para impedir que se orgulhasse. A vida nos rodeou com doenças, apesar de que Cristo o tem feito com glória, para que lembremos que estas doenças são nossas enquanto que a glória provém de Deus, para que reconheçamos nossa total dependência dEle.

Logo Paulo continua descrevendo esta vida cristã, na qual nossas doenças estão mescladas com a glória de Deus, numa série de paradoxos.

(1) Vemo-nos pressionados em todo momento, mas não encerrados. Há todo tipo de pressões sobre nós, mas nunca nos encontramos num beco do qual não possamos sair. Uma das características da vida cristã é que sempre há espaço. Por mais estreitas que sejam as circunstâncias de um homem não tem por que sentir-se encerrado, enjaulado ou confinado. Pode ser que seu corpo se encontre num meio difícil ou em alguma circunstância estreita, mas sempre há um caminho de saída para seu espírito à amplitude de Deus.

Matthew Arnold escreveu a respeito de seu encontro com um ministro do Cristo nos baixos recursos londrinos, que seu corpo podia estar encerrado num cortiço mas sua alma alcançava a amplitude da comunhão com Cristo.

(2) Podemos ser perseguidos pelos homens mas nunca abandonados por Deus. Uma das coisas mais notáveis a respeito dos mártires foi sempre que em seus momentos mais dolorosos tiveram doces encontros com Jesus. Como disse Joana d'Arc quando foi abandonada por aqueles que a rodeavam: "É melhor estar sozinha com Deus. Sua amizade não me falhará, nem tampouco seu conselho, nem seu amor. Em sua força farei frente a tudo, várias vezes até morrer." Como escreveu o salmista: "Ainda que me abandonem pai e mãe, o Senhor me acolherá" (Salmo 27:10, NVI). Nada pode alterar a fidelidade de Deus.

(3) Podemos chegar ao fim de nossos recursos, mas nunca perder nossa esperança. Há momentos nos quais o cristão não sabe o que deve fazer. Há momentos nos quais não pode ver bem aonde se dirige a vida, mas nunca duvida de que vai para algum lado. Se deve "lançar-se a um mar de nuvens tremendo e escuro" ainda assim sabe que sairá dele. "Não importa em que momento ou que circuito seja primeiro", sabe que alguma vez, no bom momento de Deus, chegará à meta.

Há momentos nos quais um cristão deve aprender a lição mais difícil de todas, a mesma que Jesus teve que aprender no Getsêmani; tem que aprender a aceitar o que não pode compreender. Às vezes acontecem coisas que não pode entender, mas ainda pode dizer: "Deus, Tu és amor;

edifício minha fé sobre essa base." A pessoa pode estar a ponto de perder a cabeça mas nunca perderá a esperança enquanto tenha a presença de Cristo.

(4) Somos golpeados, mas não derrotados. A característica suprema do cristão é que não cai, mas sim cada vez que isto acontece se levanta outra vez. Não queremos dizer que nunca se sinta golpeado, mas não é derrotado jamais. Poderá perder uma batalha, mas sabe que no final não poderá perder a campanha.

Depois de ter assinalado os grandes paradoxos da vida cristã Paulo continua dando o segredo de sua própria vida, as razões pelas quais lhe era possível fazer, suportar e resistir como o fazia.

(1) Estava muito consciente de que se alguém podia compartilhar a vida de Cristo devia compartilhar também seus riscos, que aquele que queria viver com Cristo devia estar preparado para morrer com Ele. Paulo conhecia e aceitava a inexorável lei da vida cristã: "Não há coroa sem cruz".

(2) Enfrentava tudo recordando o poder de Deus que levantou Jesus Cristo dos mortos. Era capaz de falar com coragem e desprezar sua segurança pessoal porque cria que mesmo quando a morte o arrebatasse, o Deus que tinha ressuscitado a Cristo poderia ressuscitá-lo também. Estava seguro de que podia obter um poder suficiente para a vida e maior que a morte.

(3) Suportava tudo com a convicção de que através de seus sofrimentos e provas outros eram levados à luz e ao amor de Deus.

O grande dique Boulder nos Estados Unidos deu fertilidade a várias áreas que uma vez tinham sido desérticas. Durante sua construção inevitavelmente houve alguns que perderam sua vida em acidentes e desastres. Quando se terminou a obra colocou-se na parede do dique uma placa na qual estavam inscritos os nomes dos operários que tinham morrido, e debaixo a seguinte legenda: "Estes morreram para que o deserto se alegrasse e florescesse como a rosa."

Paulo pôde passar por tudo o que aconteceu sabia que não era em vão; era para levar outros a Cristo. Quando um homem tem a convicção de que o que lhe está acontecendo acontece literalmente pela graça de Cristo, pode enfrentá-lo e suportá-lo tudo.

## O SEGREDO DA PACIÊNCIA

### 2 Coríntios 4:16-18

Aqui Paulo nos dá a conhecer os segredos da paciência.

(1) É natural que durante a vida a força corporal do homem murche, mas também deveria ser natural que sua alma continuasse crescendo. Os mesmos sofrimentos que podem debilitar o corpo do homem podem ser os que fortaleçam as fibras de sua alma. Era a oração do poeta: "Deixem-me envelhecer crescendo belamente." Os anos que levam a beleza física deveriam adicionar beleza espiritual. Do ponto de vista físico a vida pode ser um lento mas inevitável escorregar na descida que leva à morte e termina na tumba. Mas do ponto de vista espiritual a vida é um ascender a costa que leva ao topo da presença de Deus. Ninguém teria que temer os anos, pois o aproximam a Deus, e não à morte.

(2) Paulo estava convencido de que tudo o que tivesse que sofrer neste mundo seria como nada comparado com a glória que desfrutaria no vindouro. Estava seguro de que Deus nunca ficaria em dívida com ninguém.

Alistair Maclean nos conta a respeito de uma anciã dos *Highlands* escoceses que teve que abandonar o ar limpo, as águas azuis e as colinas avermelhadas para viver nos bairros baixos de uma grande cidade. Fazia tudo o que podia para melhorar seu ambiente e ainda vivia perto de Deus, e um dia disse: "Deus me compensará isso e verei as flores outra vez."

É um fato notável que em todo o relato do evangelho Jesus nunca predisse sua morte sem predizer sua ressurreição. Aquele que sofre por



Cristo compartilhará sua glória. A própria honra de Deus está empenhada nisso.

(3) Por essa mesma razão os olhos de um homem devem estar sempre fixos, não nas coisas que se vêem, mas nas que não se vêem. As coisas que se vêem, as coisas deste mundo têm seu dia e deixam de ser; as que não se vêem, as que pertencem ao céu, perduram para sempre. Há duas formas de considerar a vida. Podemos vê-la como um lento processo de degeneração inevitável, uma viagem pausada mas inexorável nos afastando de Deus.

Wordsworth em seu *Ode on the Intimations of Immortality* teve a idéia de que quando o menino pequeno vinha ao mundo lembrava de algum modo o céu e que os anos lentamente lhe tiravam essas lembranças até que no final o homem está preso à Terra e se esqueceu do céu. Essa é uma maneira de ver a vida. Se só pensamos nas coisas visíveis estamos destinados a ver a vida dessa maneira. Mas há outra forma. O autor de Hebreus diz a respeito de Moisés: "Permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível." (Hebreus 11:27).

Robert Louis Stevenson nos conta a respeito de um ancião trabalhador de estábulo. Alguém, condoído por sua tarefa diária entre o esterco do estábulo, perguntou-lhe como podia fazer esse trabalho dia após dia, e o ancião lhe respondeu sutilmente: "Aquele que tem algo mais além, não tem por que sentir-se enfastiado."

O homem que vê a luz e marcha retamente com relação a ela, também agüenta como se visse o Invisível.

## **2 Coríntios 5**

[A alegria e o juízo por vir - 5:1-10](#)

[A nova criação - 5:11-19](#)

[Embaixadores de Cristo - 5:20-21 – 6:1-2](#)

---

**A ALEGRIA E O JUÍZO POR VIR****2 Coríntios 5:1-10**

Nesta passagem há uma progressão muito significativa do pensamento, progressão que nos dá a própria essência do pensamento de Paulo.

(1) Para Paulo será um dia prazeroso aquele em que se desfaça de seu corpo humano. Considera-o simplesmente como uma tenda, um lugar onde se vive transitoriamente, em que residimos até chegar o dia em que se dissolve e entramos na verdadeira morada de nossa alma.

Tivemos já ocasião de considerar como os pensadores gregos e romanos desprezavam o corpo. Diziam: "O corpo é uma tumba."

Plotino dizia que estava envergonhado de ter um corpo.

Epicleto dizia de si mesmo: "É uma pobre alma que deve carregar um cadáver."

Sêneca escreveu: "Sou um ser superior, nascido para coisas mais elevadas que a de ser um escravo de meu corpo ao que considero nada mais que como uma cadeia imposta a minha liberdade. Em tão detestável habitação vive a alma livre."

Até o pensamento judeu tinha algumas vezes esta idéia. "Pois um corpo corruptível faz pesada a alma e uma tenda de terra oprime o espírito fecundo em pensamentos" (Sabedoria 9:15). Mas em Paulo há uma diferença. Ele não está buscando um Nirvana com a paz da extinção, não busca uma absorção por parte do divino; nem a liberdade de um espírito desencarnado; está aguardando o dia em que Deus deve dar-lhe um novo corpo, um corpo espiritual, no qual ainda poderá servir e adorar a Deus até nos lugares celestiais.

Kipling uma vez escreveu um poema em que pensou em todas as grandes coisas que o homem poderia fazer no mundo vindouro. Paulo se sentia assim. Via a eternidade não como uma forma de escapar a um nada, não como uma libertação para chegar à inação perpétua, mas sim como a entrada à vida e a um corpo nos quais o serviço fosse completo.

(2) Mas com todos seus desejos e suspiros pela vida vindoura, Paulo não despreza esta vida. Está, como diz, de bom ânimo. A razão disto é que ainda aqui e agora possuímos o Espírito Santo de Deus, que é o *arrabon* (comp. 1:22), a primeira cota da vida por vir. Paulo está convencido de que ainda aqui e agora o cristão pode desfrutar do sabor da vida eterna. Ao cristão é dado ser cidadão de dois mundos. Tem um pé nesta época e o outro na eternidade. Seu corpo está sobre a Terra, mas seu coração está no céu. E o resultado é, não que despreza o mundo, mas sim até este mundo está revestido de um halo de glória que é o reflexo da glória maior que desfrutaremos.

(3) E então vem a nota de severidade. Mesmo quando Paulo estava pensando e desejando a vida futura, nunca esquecia que não estava somente no caminho da glória; estamos também no caminho do juízo. "É necessário que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo."

A palavra traduzida tribunal é *bema*. Pode ser que Paulo estivesse pensando simplesmente nos tribunais dos magistrados romanos perante os quais ele mesmo tinha comparecido. Ou a maneira em que os gregos administravam justiça. Todos os cidadãos gregos em algum momento podiam ser juízes, ou como diríamos nós, membros do jurado. Quando um ateniense devia fazer parte de um jurado, davam-lhe dois discos de bronze. Cada um deles tinha um eixo cilíndrico. Um dos eixos era oco e esse disco representava a condenação; o outro era sólido e representava a absolvição. Sobre o *bema* havia duas urnas. Uma era de bronze e se chamava "a urna decisiva" devido ao fato de que dentro dela o juiz deixava cair o disco que representava seu veredicto. A outra era de madeira e se chamava "a urna inoperante" e nela o juiz punha o disco que desejava descartar. De modo que finalmente o jurado punha na urna de bronze o disco eleito, de condenação ou de absolvição. Para aquele que olhava eram exatamente iguais e ninguém podia saber qual era o veredicto. Logo se contavam os discos e se dava o resultado.

Da mesma maneira esperamos algum dia o veredicto de Deus. Quando lembramos isto, a vida se converte em algo tremendo e

emocionante devido ao fato de que nela estamos fazendo ou arruinando um destino, estamos perdendo ou ganhando uma coroa. O tempo é o campo de prova da eternidade.

## A NOVA CRIAÇÃO

### 2 Coríntios 5:11-19

Esta passagem segue muito diretamente à anterior. Paulo acaba de falar a respeito de estar perante o tribunal de Cristo. Toda a vida se vive tendo em perspectiva esse final. Paulo não fala tanto do terror ao tribunal de Cristo, mas sim da ira, da reverência e temor perante Deus. O Antigo Testamento está cheio do pensamento de um medo purificador. Jó fala de que "o temor do Senhor é a sabedoria" (Jó 28:28). O autor de Deuteronômio pergunta: "Que é que o SENHOR requer de ti?" e a primeira coisa na resposta é a seguinte: "'Que temas o SENHOR, teu Deus" (Deuteronômio 10:12). Provérbios diz: "O temor do SENHOR é o princípio do saber" (Provérbios 1:7; comp. 9:10). "Pelo temor do SENHOR os homens evitam o mal" (Provérbios 16:6). Não se trata da descrição de medo de um cão que espera umas palmadas, nem o de um menino golpeado e acovardado. É a reverência que faz com que um homem indiferente respeite um lugar santo. É o temor que evita que o homem faça coisas que destroçam o coração daqueles que ama. "O temor do SENHOR é limpo" (Salmo 19:9). Existe um temor purificador sem o qual o homem não pode viver como deveria.

Paulo está tentando convencer os homens de sua própria sinceridade. Não tem nenhuma dúvida de que aos olhos de Deus suas mãos estão limpas e seus motivos são puros, mas seus inimigos suspeitaram deles, e deseja demonstrar sua sinceridade a seus amigos de Corinto. Não pelo desejo de reivindicar-se a si mesmo. Ele o faz sabendo que, se for questionada sua sinceridade, será prejudicado o impacto de sua mensagem. A mensagem de um homem será ouvida sempre no contexto de sua personalidade. Por essa razão o pregador e o professor

devem estar acima de qualquer suspeita. Temos que evitar não só o mal, mas também sua aparência, para que outros não menosprezem, não a nós, mas sim nossa mensagem.

No versículo 13 Paulo insiste em que atrás de toda sua conduta houve um só motivo — servir a Deus e ajudar aos coríntios. Mais de uma vez se pensou que Paulo estava louco (Atos 26:24). Mas só estava sofrendo a mesma incompreensão que Jesus tinha sofrido (Marcos 3:21). A pessoa verdadeiramente entusiasta sempre corre o risco de parecer um louco para as pessoas indiferentes.

Kipling nos relata como numa viagem ao redor do mundo num determinado porto subiu ao barco o General Booth. Foi despedido por uma multidão de salvacionistas batendo seus pandeiros. A cena desagradou à alma melindrosa de Kipling. Mais tarde chegou a conhecer general e lhe disse quanto desaprovava essa classe de coisas. Booth lhe disse: "Jovem, se eu pensasse que poderia ganhar uma alma mais para Cristo ficando sobre as mãos e tocando o pandeiro com os pés, aprenderia a fazê-lo."

A pessoa verdadeiramente entusiasta não se preocupa se outros pensarem que é um parvo. Se alguém seguir o caminho cristão da generosidade, o perdão, a fidelidade total, sempre haverá sábios segundo o mundo que crerão e o chamarão francamente de louco. Paulo sabia que havia um momento para conduzir-se tranqüila e sensatamente, e que também havia outro momento para a conduta que o mundo considera enlouquecida. Estava preparado para ambos por amor de Cristo e dos homens.

Assim, pois, logo Paulo continua referindo-se ao motivo que move toda a vida cristã. Cristo morreu por todos. Para Paulo o cristão está, segundo sua frase favorita, *em Cristo*, e portanto seu velho eu morreu e nasceu um homem novo, tão novo como se tivesse sido recém criado pelas mãos de Deus. Dentro desta vida adquiriu uma série de pautas. Já não julga mais as coisas com as medidas que o mundo utiliza. Já não atribui às coisas os valores que o mundo lhes dá. Houve um tempo no

qual julgava a Jesus Cristo segundo as normas humanas, e naqueles dias propôs-se apagar o nome de Cristo da Terra e terminar com seus seguidores e eliminar do mundo a fé cristã. Mas agora não. Agora suas normas são diferentes. Agora o Mestre que ele tinha tentado apagar da própria memória do homem é para ele a pessoa mais maravilhosa do mundo, porque Jesus Cristo lhe tinha conquistado a amizade de Deus que ele desejou toda sua vida sem encontrá-la, até que a achou nEle.

## EMBAIXADORES DE CRISTO

### 2 Coríntios 5:20-21—6:1-2

A função que Paulo assinala como sua única glória e tarefa é a de embaixador de Cristo. O termo grego que utiliza é uma grande palavra (*presbeuein*). Em grego tinha dois usos que se correspondem com o termo em latim, do qual é uma tradução (*legatus*).

(1) As províncias romanas estavam divididas em duas formas. Uma parte estava sob o controle direto do senado, a outra sob o controle direto do imperador. A distinção se fazia na seguinte base: as províncias pacíficas nas quais não havia tropas, dependiam do senado; as perigosas, que eram sede de tropas, eram imperiais. Nelas o *legatus*, ou em grego *presbeutes*, era o representante direto do imperador, aquele que administrava a província a favor dele. De modo que, em primeiro lugar, a palavra nos dá a imagem de um homem que cumpre uma missão direta do imperador. Paulo considerava-se como comissionado por Jesus Cristo para a tarefa da Igreja.

(2) Mas *presbeutes* e *legatus* têm um significado mais interessante ainda. Quando o senado romano dizia que uma região devia converter-se em província enviavam a ela dez *legati* ou *presbeutai* — emissários — de suas próprias filas, aqueles que junto com o general vitorioso resolviam os termos da paz com os derrotados, determinavam os limites da nova província, e redigiam uma constituição para sua nova administração, e que logo retornavam e apresentavam tudo o que tinham

feito para que o senado o aprovasse ou ratificasse. Eram as pessoas responsáveis por atrair os homens à família do Império Romano. De modo que Paulo se considera como o escolhido que leva às pessoas a oferta e as condições de Deus, pelas quais eles podem converter-se em cidadãos do império de Deus e membros de sua família.

Não há nenhum outro visto que tenha mais responsabilidades que o de embaixador.

(1) Um embaixador é um cidadão de seu país num país estrangeiro. Vive entre gente que quase sempre fala um idioma diferente, que tem uma tradição diferente e um estilo de vida diferente também. O cristão é sempre assim. Vive no mundo; toma parte de toda a vida e tarefa do mesmo; mas é um cidadão do céu. Até este ponto é um estranho. O cristão sempre é tal num mundo alheio. O homem que não está disposto a ser diferente não pode ser cristão.

(2) Um embaixador fala por seu próprio país. Quando o faz, sua voz é a de sua pátria. Transmite a mensagem, a decisão e a política de seu país. Há momentos em que o cristão tem que falar por Cristo. Nas decisões e conselhos do mundo sua voz deve ser a que ofereça a mensagem e a palavra de Cristo à situação humana.

(3) A honra de um país está em mãos de seu embaixador. Julga-se o seu país através dele. Ouvem-se suas palavras, observam-se suas ações e as pessoas dizem: "Essa é a maneira em que esse país pensa e age." Julga-se o seu país através dele.

Lightfoot, o bispo do Durham, disse numa mensagem de ordenação: "O embaixador, quando age, não só o faz como agente, mas sim como representante de seu soberano... O dever de um embaixador não só é o de dar a conhecer uma mensagem determinada e desenvolver uma política definida; está obrigado a buscar as oportunidades, a estudar as pessoas, considerar maneiras para apresentá-los perante seus ouvintes da maneira mais atrativa."

A grande responsabilidade de um embaixador é a de recomendar a seu país entre as pessoas que o rodeiam. Este é o orgulhoso privilégio de

um cristão e sua quase aterradora responsabilidade. A honra de Cristo e de sua Igreja está em suas mãos. Por meio de cada uma de suas palavras e ações pode fazer com que os homens pensem mais ou menos da igreja da qual é membro e de seu Mestre a quem deve buscar servir sempre.

Devemos notar a mensagem de Paulo: "Reconciliai-vos com Deus." O Novo Testamento nunca fala de Deus como reconciliado com os homens, mas sim sempre são estes os que se reconciliam com Ele. Não se trata de pacificar a um Deus zangado. Todo o processo de salvação parte de Deus. Porque Deus amou tanto o mundo, enviou a seu Filho. Não é que Deus esteja afastado do homem, mas sim é o homem aquele que se afastou. Ele não erigiu as barreiras, mas sim o homem. Sua mensagem, aquela que Paulo trouxe, é o chamado de um pai amante a seus filhos afastados, desencaminhados e errantes para que voltem ao lar onde seu amor os está aguardando.

Paulo lhes roga que não aceitem a graça de Deus sem um propósito. A tragédia da eternidade é a frustração da graça.

Pensem no assunto em termos humanos. Suponhamos que um pai se sacrifica e trabalha em excesso para dar a seu filho todas as oportunidades na vida, rodeia-o de amor, planeja cuidadosamente seu futuro e faz todo o humanamente possível para equipá-lo para a vida. E logo suponhamos que o filho não sente sua dívida de gratidão; que nunca sente a obrigação de retribuir sendo merecedor de todo isso. Suponhamos que fracasse, não porque não tenha capacidade, mas sim porque não se esforça, porque se esquece do amor que lhe deu tanto, e segue seu próprio caminho irresponsável. Isso destroça o coração de um pai; ali está a própria essência da tragédia.

Quando Deus dá aos homens toda sua graça e eles seguem seus próprios caminhos insensatos e frustram a graça que poderia tê-los recriado, Cristo é crucificado novamente e se destroça o coração de Deus.



## 2 Coríntios 6

Uma tempestade de problemas - 6:3-10

O acento do amor - 6:11-13; 7:2-4

Separai-vos - 6:14-18 – 7:1

### UMA TEMPESTADE DE PROBLEMAS

#### 2 Coríntios 6:3-10

Em todas as oportunidades e mudanças da vida, Paulo tinha só uma preocupação: a de mostrar-se como um sincero e útil ministro de Jesus Cristo. Mesmo quando assinalava isto sua mente voltava, ao que Crisóstomo chamou: "uma tempestade de problemas" através da qual tinha surgido e ainda lutava. Cada palavra em seu tremendo catálogo, que alguém chamou "o hino do arauto da salvação", tem sua imagem e seu pano de fundo na vida aventureira de Paulo.

Começa com a palavra triunfante da vida cristã — *paciência* (*hupomone*). É uma palavra que não se pode traduzir. Não descreve o tipo de mentalidade que pode sentar-se com as mãos cruzadas e a cabeça encurvada e deixar que passe sobre ela uma corrente de problemas numa resignação passiva. Descreve a habilidade de suportar as coisas de uma maneira tão triunfante que as transfigura e muda. Crisóstomo tem um grande panegírico desta *hupomone*, esta paciência cristã triunfante. Ele a chama "a raiz de tudo o que é bom, a mãe da piedade, o fruto que não se seca jamais, a fortaleza que nunca pode ser conquistada, o porto que não conhece tormentas". Ele a chama: "rainha das virtudes, fundamento de todas as ações justas, paz na guerra, calma na tempestade, segurança nos tumultos". É a corajosa e triunfante capacidade para suportar as coisas que permite que um homem supere o ponto de ruptura sem romper-se e saúde o desconhecido com uma expressão de alegria. É a alquimia que transforma a tribulação em força e glória.

Paulo continua falando de três grupos, cada um composto de três coisas, nos quais se pratica essa paciência vitoriosa.

(1) Há os conflitos internos da vida cristã.

(a) As *tribulações*. A palavra que utiliza é *thlipsis* e, como já o vimos, é uma palavra que usualmente expressava uma mera pressão física sobre um homem. Há coisas que dobram o espírito humano, tristezas que são uma carga para seu coração, desilusões que podem destroçar-lhe a vida, as simples pressões das demandas da vida sobre ele. A paciência triunfante pode fazer frente a todas elas.

(b) As *necessidades*. A palavra grega *anagké* significa literalmente *as necessidades da vida*. Há certas cargas das quais o homem pode escapar, mas há outras que são inevitáveis. Há certas coisas que o homem envolto na situação humana deve suportar. A maior destas é a tristeza, porque só a vida que não conheceu o amor jamais conhecerá a tristeza. Há a morte que leva inevitavelmente a todos os homens. A paciência triunfante permite que o homem confronte tudo o que envolve o ser homem.

(c) As *angústias*. A palavra que Paulo utiliza (*stenochoria*) significa literalmente um lugar muito estreito. Pode ser utilizado referindo-se a um exército encurralado num desfiladeiro estreito e rochoso, sem lugar para manobrar ou escapar. Também pode-se referir a um barco apanhado numa tormenta e sem espaço para sulcar a tormenta ou para correr diante dela. A vida tem momentos em que o homem se sente encerrado, sufocado, induzido numa espécie de claustrofobia espiritual, colocado numa situação na qual parece que as paredes da vida se fecham sobre ele. Até nesse momento a paciência triunfante lhe permite respirar a amplitude do céu.

(2) Há as tribulações externas da vida.

(a) *Existem açoites*. Para Paulo a vida cristã não significa somente o sofrimento espiritual, mas também o físico. Um fato simples é que se não teriam existido os que estavam dispostos e eram capazes de suportar a agonia e a tortura do fogo e as bestas selvagens, hoje não haveria cristãos. Ainda existem países nos quais ser cristão é uma agonia física. Sempre é certo que "o sangue dos mártires é a semente da Igreja".

(b) *Havia cárceres.* Clemente de Roma nos conta que Paulo esteve no cárcere não menos de sete vezes. Por meio de Atos sabemos que esteve prisioneiro antes de escrever aos coríntios em Filipos, e depois de ter escrito isto em Jerusalém, Cesárea e Roma. A procissão de cristãos encarcerados se estende do primeiro século até o atual. Sempre houve aqueles dispostos a abandonar sua liberdade antes que sua fé.

(c) *Havia tumultos.* Várias vezes nos encontramos com a imagem do cristão enfrentando, não a severidade da lei, mas sim a violência da multidão.

João Wesley nos conta o que lhe aconteceu em Wednesbury quando o povo avançou "derrubando-se como uma inundação". "Era inútil tentar falar; devido ao fato de que o ruído de todos lados era como o rugir do mar. De modo que me arrastaram até chegar ao povoado, quando, ao ver a porta de uma grande casa aberta, tentei de entrar; mas um homem, tomando do cabelo, empurrou-me até o meio da multidão. Não pararam até me haver levado através da rua principal, de um extremo do povo até o outro."

George Fox nos relata o que lhe aconteceu em Tickhill. "Encontrei o sacerdote e quase todos os principais da paróquia juntos no presbitério. De modo que me aproximei e comecei a falar, mas imediatamente caíram sobre mim; o clérigo tomou a Bíblia enquanto eu falava e me golpeou o rosto com ela, de modo que brotou sangue, e ensangüentou o lugar. Logo o povo gritou: "Que saia da igreja!"; e quando me tiraram me golpearam muitíssimo, e me atiraram sobre um cerco; e depois me arrastaram através de uma casa até a rua, lançaram-me pedras e me bateram enquanto o faziam, de modo que estava totalmente sujo de sangue e terra. . . Entretanto, quando me fizeram levantar anunciei-lhes a palavra de vida e lhes mostrei os frutos de seus mestres, como tinham desonrado ao cristianismo."

A multidão muitas vezes foi inimiga do cristianismo. Em nossos dias o cristão não só deve manter-se firme perante a violência, mas também perante a zombaria ou o divertido desdém da multidão.

(3) Havia o esforço da vida cristã.

(a) Havia *trabalhos*. A palavra que Paulo utiliza (*kopos*, o substantivo, e *kopian*, o verbo) são no Novo Testamento termos quase técnicos para referir-se à vida cristã. Descreve o trabalho até chegar ao esgotamento, o tipo de tarefa que exige todas as forças que o corpo, a mente e o espírito do homem podem dar. O cristão é o operário de Deus.

(b) Havia *insônias*. Algumas vezes Paulo passava as noites em oração, outras numa situação de perigo ou desconforto nos quais era impossível dormir. Em todo momento estava disposto a ser o sentinela insone de Cristo.

(c) Havia *jejuns*. Sem dúvida Paulo refere-se aqui não aos jejuns deliberadamente escolhidos, mas sim às vezes em que sofreu fome por causa de sua tarefa. Bem podemos contrastar o espírito de Paulo com o do homem que não quer perder uma refeição para concorrer a adorar à casa de Deus.

Paulo logo deixa de lado as provas e as tribulações, que a paciência lhe permitiu vencer, e refere-se à série de elementos com os que Deus lhe equipou para a vida cristã.

Mais uma vez os agrupa em três grupos de três temas cada um.

(1) Existem as qualidades que Deus outorga à mente.

(a) Há *pureza*. A palavra que utiliza, *hagnotes*, era definida pelos gregos como "evitar cuidadosamente todos os pecados que estão contra os deuses; o serviço da honra de Deus como o exige a natureza". Esta *pureza* se define como "prudência em sua mais alta tensão". Também como "livre de toda mancha da carne ou espírito". É em realidade a qualidade que permite que o homem entre à própria presença de Deus. Só a vida pura pode engendrar a grande mensagem. As balbuciantes simplicidades dos santos superarão em muito as elegâncias fluídas dos mundanos.

(b) Há *ciência*. Esta classe de ciência foi definida como "o conhecimento das coisas que se devem fazer". É o tipo de sabedoria que

resulta, não nas sutilezas finamente elaboradas do teólogo, mas nas ações do homem cristão.

(c) Há *longanimidade*. Quase sempre no Novo Testamento esta palavra, *makrothumia*, denota *paciência com as pessoas*, a habilidade de suportar as pessoas mesmo quando estejam equivocadas ou erradas em seu caminho, ou quando são cruéis e insultantes. É uma grande palavra. Em I Macabeus diz-se (8:4) que os romanos conquistaram o mundo "com sua prudência e *paciência*", e ali expressa essa invencibilidade romana que nunca faria a paz sob a derrota. A *paciência* é a qualidade do homem que poderá perder uma batalha, mas que nunca admitirá ser derrotado numa campanha.

(2) Existem as qualidades que Deus outorga ao coração.

(a) Há a *bondade*. *Crestotes*, bondade, é uma das grandes palavras do Novo Testamento. É o oposto a severidade. Um grande comentarista a descreve como "a benevolência compassiva ou o temperamento doce que faz com que outros se sintam cômodos e evita ferir". O grande exemplo disto é a conduta de Isaque em Gênesis 26:17-22 que nos relata como não podia pelear nem lutar. É a qualidade que pensa mais no outro que em si mesmo.

(b) Há o *Espírito Santo*. Paulo sabia muito bem que nenhuma palavra útil podia ser pronunciada nem realizada nenhuma boa ação sem a ajuda do Espírito Santo. Mas esta frase bem pode referir-se não ao Espírito Santo, mas sim ao *espírito de santidade*. Pode significar que o espírito de Paulo, seu ser mais profundo, o motivo que o dominava era santo, dirigido somente à honra e ao serviço de Deus.

(c) Há amor *sincero*. A palavra que Paulo utiliza para amor é *ágape*, que é um termo característico do Novo Testamento. Significa uma invencível benevolência e boa vontade. Refere-se ao espírito que não importa o que alguém lhe faça, nunca buscará nada que não seja o melhor dos bens para a outra pessoa, que nunca sonhará em vingar-se,

mas sim enfrenta todas as injúrias e desprezos com uma invencível benevolência.

(3) Existem os elementos com os quais Deus nos equipa para a pregação do evangelho.

(a) Há a *palavra de verdade*. Paulo sabia que Jesus não só lhe tinha dado um evangelho para anunciar mas também a força e a habilidade para fazê-lo. Devia a Deus a palavra e a porta da expressão que se lhe tinha aberto.

(b) Há o *poder de Deus*. Para Paulo isto era tudo. O único poder que tinha provinha de Deus.

Diz-se que Enrique V, depois da batalha do Agincourt: "Não quis que os trovadores lhe cantassem nem que escrevessem canções à sua gloriosa vitória, porque desejava que todos os louvores e graças fossem dadas a Deus."

Paulo nunca teria dito orgulhoso: "Eu fiz isto", mas sim em humildade considerava: "Deus me permitiu fazê-lo."

(c) Há as *armas de justiça à direita e à esquerda*. Isto se refere às armas de defesa e às de ataque. A espada ou a lança se levavam na mão direita e o escudo no braço esquerdo; e o que Paulo quer dizer é que Deus lhe deu o poder de atacar sua tarefa e defender-se das tentações.

Paulo completa esta passagem lírica com uma série de contrastes. Começa com o de *por honra e por desonra*. A palavra que utiliza para *desonra* em grego significa normalmente a perda dos direitos de cidadão, a privação dos direitos civis (*atimia*). Paulo diz: "Pode ser que tenha perdido todos os direitos e privilégios que o mundo pode me conferir, mas ainda sou um cidadão do Reino de Deus."

Encontra-se em *má fama e boa fama*. Há aqueles que criticam cada uma de suas ações e que odeiam seu nome, mas sua fama com Deus é segura. Há aqueles que o consideram um enganador. A palavra significa literalmente um enganador ambulante e um impostor. Isso é o que outros o chamam, mas ele sabe que sua mensagem é a verdade de Deus.

É *desconhecido, mas bem conhecido*. Os judeus que o caluniavam diziam que era um João-ninguém do qual não se sabia nada; entretanto para aqueles aos quais tinha levado a mensagem de Cristo era em realidade conhecido com gratidão. Parecia que durante toda sua vida se via ameaçado pela morte. O perigo era seu companheiro e a perspectiva da morte sua camarada, e entretanto, pela graça de Deus estava triunfalmente vivo com uma vida que a morte não poderia destruir. Aconteciam-lhe coisas que teria esmagado o espírito de qualquer um, mas que não podiam acabar com o seu.

Suportava coisas que poderiam ter destroçado o coração de qualquer um mas que não podiam destruir a alegria que ninguém podia arrebatá-lo. Podia parecer um vagabundo sem lar e sem dinheiro, mas levava consigo aquilo que enriquecia as almas dos homens. Poderia parecer que não tinha nada, mas tendo a Cristo, tinha tudo o que importa neste mundo e no vindouro.

## O ACENTO DO AMOR

### 2 Coríntios 6:11-13; 7:2-4

Tomamos estas duas passagens juntas e omitimos no momento o que fica entre ambas. A razão para fazer isto se esclarecerá quando tratarmos a passagem que omitimos. Aqui Paulo nos fala com o acento do amor mais puro. Fecham-se as brechas. Conciliam-se as disputas e o amor reina soberano.

Crisóstomo tem um comentário muito bom sobre a expressão "Nosso coração se alargou." Diz que o calor faz com que todas as coisas se expandam e a tibieza do amor sempre aumenta o coração do homem.

A palavra que no versículo 12 se traduz coração é *splagchna*. Literalmente se refere às vísceras superiores — coração, fígado e pulmões. Supunha-se que nestes órgãos se concentravam as emoções. A forma de expressão soa estranha mas não é mais curiosa que a nossa. Falamos de uma pessoa se sente *melancólica*, o que literalmente

significa que tem um fígado negro. Fazemos com que o coração seja a sede do amor, e depois de tudo trata-se de um órgão físico.

Paulo realiza aqui uma série de pedidos reivindicatórios. Não ofendeu a ninguém, não corrompeu a ninguém, não enganou a ninguém.

Perto do fim de sua vida, Sir Walter Scott pronunciou esta reivindicação: "Não perturbei a fé de ninguém, nem corrompi os princípios de ninguém."

Thackeray, também perto do fim de sua vida, escreveu uma oração na qual rogava "nunca escrever uma palavra que fosse incoseqüente com o amor de Deus ou do homem, que propagasse seus próprios preconceitos ou favorecesse os de outros, que pudesse dizer sempre a verdade com sua pena, e que nunca agisse por amor à cobiça".

Só há uma coisa que é pior que a própria pessoa pecar, e é ensinar outros a pecar. Uma das tristes verdades da vida é que sempre alguém precisou apresentar a outro sua primeira tentação, dar-lhe o primeiro empurrão para que peque, e é algo terrível introduzir a um irmão méis novo ou mais fraco no caminho equivocado.

Alguém conta de um ancião que em seu leito de morte parecia preocupado e angustiado por algo. Quando lhe perguntaram o que lhe acontecia disse que, quando era jovem, junto com outros amigos tinham estado jogando perto de um cruzamento de estradas. Havia um sinal por ali que estava mal ajustado. Deram-lhe volta de modo que as flechas indicassem na direção equivocada. E o ancião disse: "Não posso deixar de me perguntar quanta gente terá tomado o caminho equivocado pelo que fizemos naquele dia."

Não há maior remorso que o de ter enviado a outro por mau caminho. A orgulhosa afirmação de Paulo era que seu guia e influência se dirigiram sempre para com o melhor.

Paulo termina esta passagem dizendo aos coríntios quão completo é seu consolo e quão abundante sua alegria apesar de que nesse momento o rodeiam tribulações. Certamente nunca houve uma prova mais clara de que as relações humanas são o mais importante na vida. Se um homem



for feliz em seu lar pode enfrentar qualquer coisa fora dele. Se o homem estiver em comunhão com seus amigos pode agüentar as pedradas e flechadas do destino com um sorriso. Como diz o autor de Provérbios: “Melhor é um prato de hortaliças onde há amor do que o boi cevado e, com ele, o ódio.” (Provérbios 15:17).

## SEPARAI-VOS

### 2 Coríntios 6:14-18—7:1

Chegamos agora à passagem que tínhamos omitido com antecedência. Não há dúvida que se trata de uma passagem inserida de maneira estranha. Quando a omitimos e lemos diretamente do capítulo 6:13 a 7:2 o sentido é perfeito. Esta severa seção parece fora de lugar quando comparada com o amor alegre e prazeroso dos versículos que a antecedem e a seguem. Na introdução vimos que Paulo escreveu uma carta anterior a 1 Coríntios. Em 1 Coríntios 5:9 diz: “Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros.” Pode ser que essa carta se perdeu totalmente. Ou pode ser que esta seção pertença a ela. Pôde acontecer facilmente que ao serem recolhidas as cartas de Paulo, uma das páginas fosse situada num lugar equivocado. A recopilação não se realizou até cerca do ano 90 d. C., e para essa época talvez não houvesse ninguém que conhecesse a ordem. Certamente em essência esta passagem está de acordo com a carta mencionada em 1 Coríntios 5:9. Certas imagens do Antigo Testamento seriam seu pano de fundo. Paulo começa pedindo aos coríntios que não se unam aos não crentes em jugo desigual. Indubitavelmente isto se remonta ao velho mandamento de Deuteronômio 22:10: “Não lavrarás com junta de boi e jumento” (comp. Levítico 19:19). A idéia é que existem certas coisas que são essencialmente distintas, que são fundamentalmente incompatíveis, que nunca se pensou unir naturalmente. É impossível que a pureza do cristão e a contaminação do pagão sejam postas num mesmo jugo.

Na pergunta: “Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos?”, o pensamento de Paulo retroage ao incidente no qual Manassés introduziu uma imagem esculpida no templo de Deus (2 Reis 21:1-9), e como mais tarde Josias as destruiu totalmente (2 Reis 23:3ss.). Ou está pensando em abominações tais como as descritas em Ezequiel 8:3-18. Através da história os homens têm tentado associar o templo de Deus com o culto aos ídolos, e as conseqüências têm sido terríveis.

A passagem em sua totalidade é uma intimação para que não exista nenhum tipo de comunhão com os não crentes. É um desafio aos coríntios para que se mantenham sem mancha do mundo. Assinalou-se com razão que a essência da história de Israel está resumida na palavra: "Separai-vos!" Essa foi a palavra de Deus que chegou a Abraão. “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai” (Gênesis 12:1). Essa foi a advertência que chegou a Ló antes da destruição da Sodoma e Gomorra (Gênesis 19:12-14). Existem no mundo coisas com as quais um cristão não pode nem deve associar-se.

É muito difícil dar-se conta de quantas separações o cristianismo significou para aqueles que o aceitaram num começo. Em quase todos os casos deveu ter significado uma separação, um tipo de cisão, um abandonar algo e apartar-se.

(1) Muitas vezes pôde ter significado que as pessoas teriam que deixar seu *trabalho*. Suponhamos que se tratasse de um pedreiro. O que aconteceria se fosse contratado para construir um santuário pagão? Suponhamos que se tratasse de um alfaiate. O que aconteceria se lhe pedissem para cortar e costurar vestidos para os sacerdotes dos deuses pagãos? Suponhamos que se tratasse de um soldado. Na porta de todo acampamento ardia uma tocha perante o altar dedicado à cabeça adorada de César. O que aconteceria se tinha que lançar seu pingão de incenso no altar como prova de sua adoração? Várias vezes na Igreja primitiva um homem deveu ter sido chamado a decidir entre a segurança de seu trabalho e a fidelidade a Jesus Cristo.

Conta-se que um homem chegou a Tertuliano com este problema e lhe disse: "Mas, depois de tudo, tenho que viver." Tertuliano lhe disse: "Deve?" Na Igreja primitiva o cristianismo de um homem freqüentemente significava que tinha que deixar seu trabalho.

Um dos mais famosos exemplos modernos disto mesmo foi F. W. Carrington. Este era herdeiro de uma fortuna feita com a elaboração da cerveja. Uma noite passava por um botequim. Havia uma mulher esperando na porta. Um homem, evidentemente seu marido, saiu e ela estava tentando impedir que voltasse a entrar. Com um golpe de punho o homem a derrubou. Carrington se adiantou e olhou para cima, para descobrir que o nome do botequim era o seu. Disse Carrington: "Com esse murro esse homem não só derrubou a sua mulher, mas também me tirou totalmente desse negócio para sempre." E abandonou a fortuna que poderia ter tido, em vez de manusear dinheiro ganho dessa maneira. Ninguém é guardião da consciência de outro. Cada qual deve decidir por si mesmo se quer levar seu trabalho a Cristo e a Cristo consigo a seu trabalho diário.

(2) Muitas vezes significava que se devia abandonar a *vida social*. No mundo antigo, como já o vimos quando estudamos a seção que se referia à carne oferecida aos ídolos, muitas festas pagãs se levavam a cabo nos templos de um deus. O convite diria, por exemplo: "Convido-te para jantar comigo na mesa de nosso Senhor Serapis." Ainda que não fosse assim, as festas pagãs começavam e terminavam com uma libação, uma taça de vinho, em honra dos deuses. Podia um cristão compartilhar isto? Ou devia apartar-se e dizer adeus às reuniões sociais que tanto tinham significado para ele?

(3) Freqüentemente significava a ruptura dos *laços de família*. A dor do cristianismo nos primeiros anos era a maneira em que dividia as famílias. Uma esposa se convertia e seu marido podia expulsá-la da casa. Se o marido se convertia a mulher podia deixá-lo. Se um filho ou uma filha se convertia podiam chegar e encontrar a porta de sua casa fechada e trancada diante da própria cara. Era literalmente certo que Cristo não

tinha vindo para pacificar, mas para trazer uma espada que dividia sobre a Terra, que homens e mulheres tinham que estar literalmente preparados para amá-lo mais que a seus seres mais queridos e próximos. Tinham que estar preparados até para sair de suas casas.

Por duro que seja, sempre será certo que a pessoa não pode fazer certas coisas e ser cristão ao mesmo tempo. Existem certas coisas das quais todos devem apartar-se.

Antes de deixar esta passagem devemos notar um tema em especial. Nele Paulo cita as Escrituras e ao fazê-lo mescla uma série de passagens, e nenhuma delas é precisa. Nela há partes e reminiscências de Levítico 26:11, 12; Isaías 52:11; Ezequiel 20:34; 37:27; 2 Samuel 7:14. O certo é que Paulo raramente cita com precisão. Por que? Devemos lembrar que em sua época não existiam os livros. escrevia-se em rolos de papiro. Um livro do tamanho de Atos requereria um rolo de cerca de doze metros de comprimento, que seria muito difícil de manipular. O que é pior, não havia divisão em capítulos. Estes foram inseridos por Estêvão Lanton no século XIII. Não havia versículos. Estes foram inseridos por Stephanus, o impressor parisiense no século XVI. E, finalmente, até o século XVI não houve tal coisa como uma concordância. O resultado era que Paulo fazia a única coisa possível — citava de cor, e enquanto a essência estivesse correta não se preocupava a respeito das palavras. Paulo não se interessava pela letra da Escritura, mas sim por sua mensagem.

## **2 Coríntios 7**

### **Tristeza e alegria divina - 7:5-16**

#### **TRISTEZA E ALEGRIA DIVINAS**

### **2 Coríntios 7:5-16**

Esta passagem em realidade está conectada com o capítulo 2:14 devido ao fato de que é ali onde Paulo nos conta que não pôde permanecer tranqüilo em Troas devido ao fato de que não sabia como

tinha evoluído a situação dos coríntios e que tinha saído para Macedônia para encontrar-se com Tito e obter notícia o mais rapidamente possível. Lembremos mais uma vez as circunstâncias. As coisas iam mal em Corinto. Numa tentativa de solucioná-las Paulo fazia uma rápida visita à congregação, que não tinha feito senão piorar as coisas e quase havia destruído seu coração. Depois do fracasso de sua visita tinha enviado a Tito com uma carta para eles em que o excepcionalmente severo e austero. Estava tão preocupado pelos resultados desta triste situação que não pôde ficar em Troas, apesar de que havia muito para fazer ali, e saiu ao encontro de Tito para saber tudo o mais rapidamente possível. Em algum lugar da Macedônia se encontrou com ele e se inteirou para sua grande alegria de que os problemas tinham terminado, que a ferida se curou e que tudo estava bem. Esta passagem deve ler-se tendo em conta estes eventos. Se o fizermos assim, é uma passagem preciosa.

Diz-nos certas coisas sobre o método de Paulo e de seus pontos de vista a respeito da reprimenda.

(1) Paulo tinha bem claro que havia momentos em que era necessário repreender. Frequentemente acontece que aquele que busca uma paz fácil no final não encontra mais que problemas. O que permite que se desenvolva uma situação perigosa porque evita enfrentá-la, o pai que não exerce disciplina nem controle porque teme desagradar, o que não toma a urtiga do perigo para encontrar-se com a flor da segurança, no final simplesmente acumula maiores problemas para si mesmo. O problema é como uma doença. Se tratado a tempo pode ser erradicado facilmente. Se não, pode converter-se em algo canceroso e de crescimento incurável.

(2) E entretanto, até admitindo tudo isto, a última coisa que Paulo deseja é reprovar. Ele o fez só porque viu-se obrigado e porque não cabia outra coisa por fazer. Não sentia nenhum prazer ao infligir dor. Há algumas pessoas que encontram um prazer sádico ao ver alguém pestanejar sob o látego de suas línguas, que se orgulham de ser francos quando só estão sendo mal educados, e de ser bruscos quando só estão

sendo grosseiros. É um fato concreto que a reprimenda dada com certo gosto nunca será tão efetiva como a que obviamente é arrancada de alguém, que se dá porque não se pode fazer outra coisa.

(3) Mais ainda: O único objetivo de Paulo ao repreender era capacitar a pessoa a ser o que tinha que ser. Com esse objetivo desejava que os coríntios se dessem conta de que no fundo de seus corações apesar de sua desobediência e de seus problemas, realmente os amava. Tal caminho podia causar dor por um momento, mas seu objetivo final não era este; não queria derrubá-los, mas sim levantá-los; não buscava desalentá-los, mas sim queria estimulá-los; não buscava simplesmente erradicar o mal, mas sim de fazer com que crescesse o bem.

Esta passagem fala também de três grandes alegrias humanas

(1) Em primeiro lugar, respira através dele toda a alegria da reconciliação, da ferida curada e da disputa solucionada. Todos nós lembramos momentos de nossa infância nos quais tínhamos feito algo mau e se criava uma barreira, uma tensão e um estranhamento com nossos pais. Todos sabemos que isso ainda pode acontecer entre nós e os que amamos. E todos conhecemos a quebra de onda de libertação, de simples felicidade e de descarga que sentimos quando desaparecem as barreiras e nos unimos de novo com aqueles que amamos. Por último vemos que o homem que fomenta a amargura se está ferindo a si mesmo mais que a qualquer outra pessoa. Tem em seu coração um rancor que o persegue, que com uma palavra reconciliadora poderia converter-se em paz e alegria.

(2) Existe a alegria de ver que alguém em quem se crê justifica essa crença. Paulo sentia que Tito era uma boa pessoa. Não era que duvidasse dele, mas Tito ia ter que enfrentar uma situação muito difícil. E Paulo estava prazeroso de que tivesse justificado sua confiança nele e provado que suas palavras eram certas. Nada nos dá maior satisfação que saber que nossos filhos, na carne ou na fé, comportam-se bem. A alegria mais profunda que um filho, uma filha, um escolar ou um estudante pode dar a seus pais ou professores é demonstrar por meio de suas vidas que são tão

bons como o pai ou o professor crêem que são. A tragédia mais dolorosa da vida é uma esperança frustrada, e sua alegria maior é que esta esperança seja certa.

(3) Existe a alegria de ver alguém que amamos ser bem-vindo e bem tratado. É um fato certo da vida que a amabilidade mostrada para com alguém que amamos, comove-nos mais que a mostrada para conosco mesmos. O que é certo conosco também o é para Deus. Essa é a razão pela qual podemos mostrar melhor nosso amor a Deus amando a nosso próximo. Ver um de seus filhos amavelmente tratado deleita o coração de Deus. Como o fazemos a eles, também o fazemos para Ele.

Esta passagem também assinala uma das mais importantes distinções da vida. A que existe entre a tristeza *piedosa* e a *mundana*.

(1) A tristeza piedosa produz um verdadeiro arrependimento, que demonstra seu sentimento por meio dos atos. Os coríntios provaram seu arrependimento fazendo tudo o que puderam para solucionar a situação calamitosa que sua conduta inconsciente tinha produzido. Agora odiavam o pecado que tinham cometido, e até se odiavam a si mesmos por havê-lo feito, e se empenhavam em repará-lo.

(2) A tristeza mundana tem duas características.

(a) Não é realmente tristeza, num sentido; só é ressentimento em face do castigo e do fato de que não se pôde levar a cabo o pecado.

(b) Não é em realidade tristeza por ter pecado ou prejudicado, nem pela tristeza que se pôde ter causado a outros; em realidade no fim só é tristeza por ter sido descoberto. Se tivesse a oportunidade de fazer o mesmo novamente, e se pensasse que poderia evitar as conseqüências, com segurança voltaria a fazê-lo. Não odeia o pecado absolutamente; só sente que seu pecado lhe tenha criado problemas. Um verdadeiro arrependimento, ou tristeza piedosa, chegou a ver o equívoco cometido. Não sente simplesmente as conseqüências do ocorrido, mas sim odeia o realizado. Devemos ter muito cuidado para nos assegurar de que nossa tristeza por ter pecado não se deve meramente ao fato termos sido

descobertos, por estarmos com problemas, mas sim que se deve a ter chegado a perceber o tremendo mal do pecado e que se está decidindo a não fazê-lo nunca mais, dedicando o resto da vida para remediar, pela graça de Deus, o que se cometeu.

## **2 Coríntios 8**

Um chamado à generosidade - 8:1-15

Disposições práticas - 8:16-24

### **UM CHAMADO À GENEROSIDADE**

#### **2 Coríntios 8:1-15**

Um dos planos que estavam mais perto do coração de Paulo era a oferta que estava organizando para a Igreja em Jerusalém. Esta era a mãe das demais Igrejas, mas era pobre, e o desejo de Paulo era que as igrejas gentílicas lembrassem e ajudassem àquela que era sua mãe na fé. De modo que nesta passagem Paulo lembra os coríntios de seu dever e os insiste a ser generosos.

Utiliza cinco argumentos para interessá-los e motivá-los a dar dignamente.

(1) Cita o exemplo de outros. Conta-lhes quão generosas foram as Igrejas da Macedônia. Eram pobres e tinham problemas mas deram tudo o que tinham, e muito mais do que qualquer um esperava. Na festa judia da Purificação havia uma norma que dizia que, por pobre que fosse uma pessoa, devia buscar alguém mais pobre que ela mesma e dar-lhe uma ajuda. Nem sempre os mais ricos são os mais generosos. A maioria das vezes aqueles que têm menos para dar são os que estão mais dispostos a fazê-lo. Como o assinala um ditado comum: "É o pobre aquele que ajuda ao pobre", devido ao fato de que conhecem a pobreza.

(2) Cita o exemplo de Jesus Cristo. Para Paulo o sacrifício de Jesus não começou na cruz. Nem sequer começou com seu nascimento. Ele o fez no céu, quando deixou de lado sua glória e consentiu em vir à Terra.



O desafio de Paulo para o cristão é o seguinte: "Com esse exemplo de generosidade tremenda e comovedora diante de vocês, como podem ficar atrás?"

(3) Cita o relatório de seu próprio passado. Tinham sido primeiros em tudo. Como podiam ficar atrás nisto? Que diferença existiria se os homens vivessem sempre de acordo com suas mais altas aspirações, da melhor maneira possível! Poderíamos ter como lema não cair nunca mais abaixo do que consideramos o melhor de nós.

(4) Sublinha a necessidade de pôr em ação os sentimentos puros. Os coríntios tinham sido os primeiros em sentir o chamado deste plano. Mas um sentimento que fica em sentimento, a piedade que só existe como tal no coração, um desejo excelente que nunca se converte numa bonita realidade, são nada mais que frustrações. A tragédia da vida muito freqüentemente é, não que não tenhamos bons impulsos, mas sim muitas vezes os deixamos como tais e não os convertemos em ação.

(5) Lembra-lhes que a vida tem uma estranha maneira de equiparar as coisas. Encontramos que muitas vezes ele nos mede com a mesma medida com que nós medimos a outros. A vida tem uma forma de pagar a abundância. Com a abundância e o espírito que regula com seu igual.

Paulo diz algo muito belo a respeito dos macedônios. Assinala que em primeiro lugar se deram a si mesmos — e em realidade o fizeram. Dois deles se destacam dentre outros. Um era Aristarco de Tessalônica, que esteve com Paulo em sua última viagem a Roma (Atos 28:2). Como Lucas, deveu ter chegado a uma grande decisão. Nesse momento Paulo tinha sido detido e viajava para ser julgado perante César. Havia só uma forma em que Aristarco pôde tê-lo acompanhado, e era a de apresentar-se como escravo de Paulo. Certamente chegou um dia em que Aristarco deu-se a si mesmo no sentido completo deste termo.

O outro era Epafrodito. Quando Paulo estava prisioneiro nos últimos dias foi visitá-lo com uma oferta de Filipos, e ali na prisão caiu lastimosamente doente. Como disse Paulo a respeito dele: "por causa da obra de Cristo, chegou ele às portas da morte" (Filipenses 2:26-30).

Nenhuma oferta pode ser verdadeira a não ser que aquele que a dá dê um pouco de si mesmo com ela. Essa é a razão pela qual a oferenda pessoal é sempre a mais elevada, e Jesus Cristo é o supremo exemplo desse tipo de entrega.

A citação do Antigo Testamento com a que Paulo conclui esta seção pertence a Êxodo 16:18, e provém da passagem que relata a época em que os israelitas juntavam o maná no deserto, quando, se juntasse muito ou pouco, sempre alcançava.

## DISPOSIÇÕES PRÁTICAS

### 2 Coríntios 8:16-24

O grande interesse desta passagem é seu caráter intensamente prático. Paulo sabia que tinha inimigos e críticos. Sabia bem que estariam aqueles que não duvidariam em acusar o de utilizar parte da coleta para si mesmo, de modo que toma medidas para que fosse impossível elevar acusações contra ele, assegurando-se de que outros compartilhassem com ele a tarefa de levar a oferenda a Jerusalém. Ninguém sabe quem são os dois irmãos que menciona. O primeiro, o irmão cujo louvor se ouve por todas as igrejas, sempre se identificou com Lucas. A oração no dia de São Lucas presume este fato. "Todopoderoso Deus, que chamou Lucas o médico, distinguido no evangelho, para ser evangelista e médico de almas; permite que por meio da medicina da doutrina pregada por ele, curem-se todas as enfermidades de nossas almas." O fim que tinha Paulo era esclarecer não só perante Deus, mas também perante os homens que estava acima de toda suspeita.

É muito interessante notar que o mesmo Paulo que podia escrever como um poeta lírico e pensar como um teólogo, pudesse, quando era necessário, agir com a precisão tão meticulosa de um contador público. Paulo era um homem suficientemente grande para fazer muito bem as coisas pequenas e práticas.

**2 Coríntios 9**

Aquele que dá voluntariamente - 9:1-5

Os princípios da generosidade - 9:6-15

**AQUELE QUE DÁ VOLUNTARIAMENTE****2 Coríntios 9:1-5**

Como já o notaram muitos dos pais da Igreja, no pano de fundo desta passagem há um delicioso toque humano. Paulo fala a respeito da oferta para os santos em Jerusalém. Por agora faz-se claro que tinha estado estimulando a generosidade dos coríntios citando o exemplo dos macedônios (8:1-5), e que estimulou a generosidade destes citando o exemplo dos coríntios! E agora teme que os coríntios falhem com ele. É típico de Paulo e da grandeza de seu coração. Notamos que nunca criticou uma Igreja para outra; elogiava-as. Nunca citou numa Igreja as falhas e fracassos de outra; sempre se referia às coisas que podia elogiar. Para provar um homem é só medi-lo observando se ele se deleita detalhando o melhor ou o pior de outros.

Pelo menos há quatro maneiras de dar.

(1) Pode-se dar por *obrigação*. Pode-se cumprir a obrigação da generosidade mas fazê-lo como se pagasse uma conta ou um imposto. Poderá levar-se a cabo como um dever desagradável e com óbvio desgosto. Pode fazer-se de tal má vontade seria melhor não fazê-lo.

(2) Pode-se dar simplesmente para *gratificar-se a si mesmo*. Pense-se mais no sentimento agradável que se experimenta quando se dá, que nos sentimentos da pessoa que recebe. Há gente que dá moedas a um mendigo mais pela satisfação que obtêm deste fato que por um verdadeiro desejo de ajudar. Este tipo de dádiva é essencialmente egoísta. A pessoa que dá desta maneira está dando a si mesma em lugar de dar a outros.

(3) Pode-se dar por motivos de *prestígio*. A verdadeira fonte desta maneira de dar não é o amor, mas sim o orgulho. Não dá para ajudar,

mas para glorificar o doador. Em realidade, é provável que não se desse se não se soubesse, fosse visto e elogiado. Pode ser que se dê também para acumular créditos com Deus, como se alguém pudesse ter a Deus como seu devedor.

(4) Nenhuma destas formas de dar é totalmente má, já que pelo menos se dá. Mas a única forma verdadeira de dar é sob a *compulsão do amor*, dar porque não se pode deixar de fazê-lo, porque ver uma alma necessitada desperta um desejo que não se pode silenciar nem aquietar-se. Na realidade isto é dar à maneira de Deus, visto que Ele amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho.

O grande desejo de Paulo é que a doação dos coríntios esteja preparada e não tenha que ser arrecadada e preparada no último momento. Um velho provérbio latino diz o seguinte: "Dá duas vezes aquele que dá rápido." Isto é sempre certo. As melhores ofertas se dão não quando são solicitadas, mas sim antes de que se faça; não depois de esperar que a necessidade o requeira, mas pelo homem cujos olhos vêm e cujo coração sente e cuja mão se estende até antes de qualquer pedido. Cristo morreu por nós quando éramos ainda seus inimigos. Deus ouviu nossas orações ainda antes que as pronunciemos. E deveríamos ser para com nosso próximo como Deus foi para conosco.

## OS PRINCÍPIOS DA GENEROSIDADE

### 2 Coríntios 9:6-15

Esta passagem nos dá todo um esboço dos princípios do dar e da generosidade.

(1) Paulo insiste em que ninguém perdeu nunca por ter sido generoso. Dar é como semear. O homem que semeia com uma mão que regula não pode esperar mais que uma colheita escassa, mas aquele que o faz com mão generosa em seu momento segará abundantemente. O Novo Testamento é um livro extremamente prático e uma de suas grandes características é que nunca teme o tema da recompensa. Nunca diz que a

bondade não tem nenhum propósito, que a vida é exatamente igual para o homem que obedece a Deus e para aquele que não o faz. Nunca esquece que algo novo, precioso e maravilhoso penetra na vida do homem que aceita os mandatos de Deus como sua lei. Mas as recompensas que o Novo Testamento contempla não são materiais. Não promete riquezas desse tipo, mas sim as que pertencem ao coração e ao espírito. O que pode esperar então um homem generoso?

(a) Será rico em *amor*. Este é um ponto que voltaremos a considerar. É certo que ninguém gosta do avarento e a generosidade no homem pode cobrir uma multidão de pecados. Os homens sempre preferirão o coração quente cuja calidez pode levá-lo a excessos, à fria retidão de um espírito calculista.

(b) Será rico em *amigos*. "O homem que tem amigos deve mostrar-se amigo." Um homem que não é carinhoso não pode esperar que gostem dele. O homem que tem um coração que se aproxima de todos verá que todos se aproximarão dele.

(c) Será rico em *ajuda*. Sempre chega um dia na vida em que necessitamos a ajuda que outros podem nos dar, e se tivermos sido mesquinhos em nossa ajuda a outros, o mais provável é que outros sejam mesquinhos em sua ajuda a nós.

(d) Será rico *para com Deus*. Jesus nos ensinou que o que fazemos a outros o fazemos para Deus, e chegará o dia em que se terá em conta a nosso favor todas as vezes que abrimos nossos corações e mãos, e o tê-los fechado será um testemunho contra nós.

(2) Paulo insiste em que Deus ama o que dá alegremente. Deuteronômio 15:7-11 estabelece o dever da generosidade para com o irmão pobre, e o versículo 10 diz: "Dê-lhe generosamente, e sem relutância no coração" (NVI).

Um ditado rabínico dizia que receber um amigo com rosto alegre e não lhe dar nada, é melhor que lhe dar tudo com rosto sombrio.

Sêneca disse que dar com dúvida e demora é quase pior que não dar absolutamente.

Paulo então cita o Salmo 112:3,9 de onde toma a descrição do homem bom e generoso. Lança sua semente, semeia-a não de maneira escassa, mas com generosidade. Dá ao pobre. E sua ação permanece a seu favor e lhe dá gozo para sempre.

Carlyle nos relata que quando era menino um mendigo chegou à sua porta. Seus pais tinham saído e estava sozinho na casa. Levado por seus impulsos de menino rompeu seu porquinho e deu ao mendigo tudo o que havia nele, e — nos conta — que nunca antes nem depois sentiu uma felicidade tão prazerosa como a daquele momento. Certamente há alegria em dar.

(3) Paulo insiste em que Deus pode dar ao homem tanto a substância para dar como o espírito com que fazê-lo. No versículo 8 fala de todo o que Deus nos brinda. Refere-se à abundância, a palavra que utiliza é *autarkeia*. Era uma palavra favorita dos estóicos. Não descreve a suficiência do homem que possui todo tipo de coisas em abundância; quer dizer independência. Descreve o estado do homem que não dedicou sua vida a acumular posses mas sim a eliminar necessidades. Descreve o homem que aprendeu a contentar-se com muito pouco e não desejar nada, o que aprendeu a viver com poucas coisas. É óbvio que tal pessoa poderá dar muito mais às pessoas a seu redor devido ao fato de que deseja muito pouco para si mesma. Muitas vezes é certo que queremos tanto para nós mesmos que não deixamos nada para outros. Mas não só isso, Deus pode nos dar o espírito com o qual dar.

Robert Louis Stevenson tinha serventes indígenas que o amavam. Um deles estava acostumado a despertá-lo todas as manhãs com uma taça de chá. Numa ocasião este estava em seu dia de folga e outro jovem tomou seu lugar. Este despertou não só com uma taça de chá, mas também com uma omelete muito bem preparada. Stevenson lhe agradeceu e lhe disse: "Sua previsão é grande." "Não, senhor", respondeu o moço, "meu amor é grande." Só Deus pode pôr em nossos corações o amor que é a essência do espírito generoso.

Mas nesta passagem Paulo faz mais que isto. Se captamos o pensamento do mesmo veremos que Paulo sustenta que o dar faz coisas maravilhosas para três pessoas distintas.

(1) Faz algo por *outros*.

(a) Alivia sua necessidade. Muitas vezes ao nos encontrarmos sem recursos, recebemos uma dádiva proveniente de outra pessoa como se viesse do céu.

(b) Restaura nossa fé nos quais nos rodeiam. Muitas vezes acontece quase inevitavelmente que quando estamos necessitados, amarguramos e nos sentimos esquecidos e rechaçados. Então é quando uma dádiva restaura nossa fé em nossos semelhantes. Mostra-nos que o amor e a bondade não morreram.

(c) Faz-nos agradecer a Deus. Uma dádiva num momento de necessidade é algo que leva às vidas de outros não só nosso amor, mas também o de Deus.

(2) Faz algo por *nós mesmos*.

(a) Garante nossa profissão como cristãos. Isto era algo especialmente importante no caso dos coríntios. Sem dúvida alguma a Igreja de Jerusalém, que era quase totalmente judia, ainda considerava os gentios com suspicácia e em seu coração duvidava de que o cristianismo fosse para eles. A oferta das Igrejas gentios deveu lhes ter garantido a realidade do cristianismo gentio. Se formos generosos nos permitir que outros vejam que convertemos nosso cristianismo não só em palavras, mas também em atos.

(b) Ganhamos o amor e as orações de outros. Neste mundo mais que qualquer outra coisa, necessita-se algo que nos una a nosso próximo. Não há nada tão precioso como a comunhão, e a generosidade é um passo essencial no caminho da verdadeira união entre os homens.

(3) Faz algo *para Deus*. Faz com que cheguem a Ele orações de gratidão. Os homens vêem nossas boas obras, como Jesus o assinala, mas não nos glorificam, mas sim a Deus. Sem dúvida alguma é maravilhoso pensar que algo que possamos fazer pode obter que os pensamentos e corações dos homens se voltem para Deus, porque isso significa nada menos que algo que nós podemos fazer pode dar alegria a Deus.

Finalmente, Paulo faz com que os coríntios pensem na maravilha do dom de Deus em Jesus Cristo, cujo mistério jamais se esgotará e cuja história jamais poderá ser contada totalmente, e ao fazê-lo, diz-lhes: "Vocês, que foram tratados tão generosamente por Deus, poderão não ser generosos com seus próximos?"

Antes de começar a estudar os capítulos 10 a 13 de nossa epístola, lembremos o que já vimos em nossa introdução às cartas aos coríntios. Existe uma brecha surpreendente entre os capítulos 9 e 10. Até o cap. 3 tudo parece ir bem. Fechou-se a ferida e a disputa terminou. Os capítulos 8 e 9 falam a respeito da oferenda para a Igreja de Jerusalém, e agora que foi finalizada a consideração dos assuntos práticos, esperamos que Paulo feche a carta. Em lugar disto nos encontramos com quatro capítulos que são os mais tristes, dolorosos e desanimadores que tenha escrito Paulo. Perguntamo-nos de onde saíram.

Em duas oportunidades em 2 Coríntios Paulo nos fala de uma carta severa e austera que tinha escrito, uma carta tão severa que num momento dado quase lamentou havê-la escrito (2 Coríntios 2:4; 7:8). Esta descrição não concorda absolutamente com 1 Coríntios. De modo que ficam duas alternativas: ou se perdeu, ou, ao menos parte da mesma encontra-se contida nestes capítulos, de 10 a 13.

O mais provável é que estes sejam a carta severa e austera, e que quando se recolheram as cartas de Paulo, ela tenha sido localizada neste lugar equivocadamente. Para obter a ordem correta teríamos que ler primeiro estes quatro capítulos e depois os que vão de 1 a 9. Podemos estar bem seguros de que estamos lendo a carta que tanto doeu a Paulo



escrever, e que foi enviada para solucionar uma situação que quase destróçou seu coração.

## 2 Coríntios 10

Paulo começa a responder aos que o criticavam - 10:1-6

Paulo continua respondendo aos que o criticavam - 10:7-18

### PAULO COMEÇA A RESPONDER AOS QUE O CRITICAVAM

#### 2 Coríntios 10:1-6

Justo no começo desta passagem há duas palavras que estabelecem o tom que Paulo deseja utilizar. Fala da *mansidão* e *ternura* de Cristo. A palavra *prautes*, mansidão, é muito interessante. Aristóteles a definiu como o termo médio entre estar muito zangado e nunca zangar-se. É a qualidade do homem cuja irritação está dominada e controlada que sempre se zanga no momento correto e nunca quando não corresponde. Descreve o homem que nunca se zanga a nenhum insulto nem injúria pessoal que receba, mas sim é capaz de uma irritação justa quando vê que outros são atacados. Ao utilizar esta palavra Paulo está dizendo no próprio começo de sua severa carta que não se deixa levar por sua irritação ou ira pessoal, que está falando com a forte mansidão de Jesus Cristo.

A outra palavra ilumina ainda mais. *Ternura* em grego é *epieikeia*. Os próprios gregos a definiam como aquilo que é justo e ainda melhor que o justo". Descreviam-na como a qualidade que devia aparecer quando a justiça, devido à sua generalidade, está em perigo de converter-se em injustiça. Existem casos nos quais é injusto aplicar leis, regras e regulamentos. Há momentos nos quais a justiça estrita e imparcial pode resultar injusta. Algumas vezes surgem circunstâncias nas quais a verdadeira justiça é não insistir nas regras nem nas leis, mas sim devem vir a fazer parte de nossas decisões qualidades maiores. O homem que tem *epieikeia* é aquele que sabe que em última análise a norma cristã não

é a justiça, mas sim o amor. E ao utilizar esta palavra no começo, Paulo com efeito está dizendo que não está buscando seus direitos, que não está para insistir na lei, nem impor regras e regulamentos. Vai considerar esta situação com o amor de Cristo que transcende até a mais pura justiça humana. Vai tratar e intervir na situação como Cristo mesmo o tivesse feito.

Mas agora chegamos a uma seção da carta que é muito difícil de compreender. E o é porque só ouvimos uma parte da questão. Estamos lendo a resposta de Paulo. Não sabemos precisamente quais foram as acusações que os coríntios apresentaram contra ele. Temos que deduzir das respostas que Paulo nos dá. Encontramo-nos aqui com a dificuldade básica e essencial da interpretação de qualquer carta: só temos uma parte da conversação. Mas ao menos podemos tentar fazer nossas deduções.

(1) É evidente que os coríntios acusavam a Paulo de ser muito valente quando não estava face a face com eles, e de ser uma pobre criatura quando se encontrava ali. Diziam que podia escrever boas cartas quando estava ausente, mas que não tinha a coragem de dizer-lhes pessoalmente as coisas que escrevia em sua ausência. A resposta de Paulo é que ora para não ter a ocasião de tratar o assunto com eles pessoalmente, como sabe que é capaz de fazê-lo. As cartas são perigosas. Podem-se escrever com uma amargura e uma peremptoriedade que não utilizaríamos diante da outra pessoa. O intercâmbio de cartas pode fazer um mal que se poderia ter evitado por uma dissensão face a face. Mas Paulo assinala que ele nunca escreveria nada se não estivesse preparado para dizê-lo.

(2) É evidente que o acusavam de guiar-se por motivos humanos. A resposta de Paulo é que sua conduta tanto como seu poder provêm de Deus. Na verdade, é um homem que está sujeito a todas as limitações de sua humanidade, mas Deus é seu guia e sua força. O que torna esta passagem difícil de compreender é que Paulo utiliza a palavra *carne* (*sarx*) em dois sentidos diferentes.

(a) Utiliza-a no sentido comum referindo-se ao corpo humano, no sentido físico. Diz: "Andamos na carne." Isto simplesmente significa que ele é um ser humano como todos outros.

(b) Mas também a utiliza em sua maneira característica para referir-se essa parte da natureza humana que pode dar pé à tentação, essa parte dela que dá poder à tentação, essa fraqueza humana essencial de uma vida sem Deus. Assim, pois, diz: "Não andamos segundo a carne." É como se dissesse: "Sou um ser humano com um corpo humano, mas nunca me deixo dominar por motivos puramente humanos. Nunca tento viver sem Deus." O homem pode viver num corpo e entretanto ser guiado pelo Espírito de Deus.

Logo Paulo continua assinalando três coisas importantes.

(1) Diz que está equipado para enfrentar e destruir toda a plausível inteligência da sabedoria e do orgulho humanos. Há uma simplicidade que pode ser um argumento muito mais pesado que a inteligência humana mais elaborada.

Huxley, o grande agnóstico Vitoriano, concorreu uma vez a uma festa de família. Planejou-se ir à igreja no domingo pela manhã. Huxley disse a um membro do grupo: "Suponhamos que você não assista à igreja e fique em casa e me diga por que crê em Jesus e no cristianismo." O homem lhe respondeu: "Mas você, com sua inteligência, poderia destruir tudo o que eu dissesse." "Não quero que discuta, mas sim me diga simplesmente o que significa isto para você." De modo que o homem, na forma mais simples, contou-lhe com todo seu coração o que Cristo significava para ele. Quando terminou viu lágrimas nos olhos do grande agnóstico. "Daria minha mão direita", disse, "se pudesse crer nisso."

Não foram os argumentos os que chegaram ao coração, mas sim a total simplicidade de uma sinceridade sentida no coração o que o impactou. Em última análise, as sutilezas da inteligência não são efetivas, mas sim a sinceridade singela, contra a qual a sagacidade não tem defesa.

(2) Paulo fala de submeter a Cristo cada uma de nossas intenções. Jesus tem uma forma surpreendente de cativar o que era pagão e submetê-lo a seus propósitos.

Max Warren nos relata um costume dos nativos de Nova Guiné. Em determinadas épocas estão acostumados a ter cantos e danças rituais. Chegam a um frenesi e o ritual culmina com os chamados "cantos de morte", durante os quais entoam perante Deus os nomes das pessoas que desejam matar. Quando os nativos se converteram ao cristianismo retiveram esses costumes e esse ritual, mas nos cantos de morte já não diziam os nomes das pessoas que odiavam, mas sim os *pecados* que condenavam, e chamavam a Deus para que os destruísse. Um velho costume pagão tinha sido levado cativo a Cristo. Jesus não deseja nos tirar nossas qualidades, capacidades e características. Deseja tomá-las e usá-las para Ele, e não para fins egoístas e pecaminosos. Seu convite é que cheguemos a Ele com o que temos para oferecer e, se o pusermos ao seu dispor, Ele nos capacitará para que façamos um melhor uso de nós mesmos.

## PAULO CONTINUA RESPONDENDO AOS QUE O CRITICAVAM

### 2 Coríntios 10:7-18

Nesta passagem Paulo continua respondendo aos que o criticam, e mais uma vez enfrentamos o mesmo problema. Estamos ouvindo só uma parte da discussão e só podemos deduzir quais eram as críticas das próprias respostas de Paulo.

(1) Parece que ao menos alguns dos que se opunham a Paulo asseguravam que ele não pertencia a Cristo da mesma maneira que eles. Talvez ainda lhe jogavam na cara o fato de ter sido um dos grandes perseguidores da Igreja. Talvez pretendiam ter um conhecimento e revelações especiais. Talvez se criam especialmente santos e espirituais. Em todo caso, consideravam Paulo inferior e se exaltavam a si mesmos e sua própria relação com Cristo. Qualquer religião que faça com que um

menospreze a seu próximo, que se considere melhor que outros, não é verdadeira.

Em anos recentes nas igrejas do leste da África houve um notável movimento de avivamento. Uma das características do mesmo era a confissão pública do pecado. Enquanto os nativos tomavam parte voluntariamente, os europeus tendiam a manter-se fora, e um dos missionários escreve: "Sente-se que manter-se fora dele é negar-se a identificar-se com a comunidade dos pecadores perdoados. Acusa-se muitas vezes aos europeus de ser orgulhosos e de não estar dispostos a compartilhar a comunhão desta maneira." Não podemos encontrar uma definição da Igreja mais acertada que a de uma *comunidade de pecadores perdoados*. Quando o homem se dá conta de que pertence a essa comunidade, não fica lugar para o orgulho. O problema que se apresenta com o cristão arrogante é que sente que Cristo lhe pertence e não que ele pertence a Cristo.

(2) Pareceria que os coríntios estavam tentando humilhar a Paulo vituperando seu aspecto pessoal. Zombavam dizendo que sua aparência física e pessoal era fraco e que não era bom orador. Pode ser que tivessem razão. Encontramos uma descrição do aspecto de Paulo num livro muito primitivo chamado *Os atos de Paulo e Tecla*. Sua origem se remonta ao ano 200 d. C. É tão pouco adalador que pode ser certo. Descreve-o como "um homem de pequena estatura, cabeleira espaçada, pernas torcidas, bom estado físico, com sobrancelhas que se uniam com um nariz aquilino, cheio de graça, devido ao fato de que às vezes parecia um homem e outras tinha a cara de um anjo". Um homenzinho meio calvo, de nariz farpado e sobrancelhas hirsutas — não é figura que nos impressione muito, e bem pode ser que os coríntios o ridicularizassem. Faríamos bem em lembrar às vezes que em muitas oportunidades um grande espírito encontra-se agasalhado num corpo humilde.

William Wilberforce foi o responsável pela libertação dos escravos no Império Britânico. Era uma pessoa tão pequena e frágil que parecia que um vento forte poderia derrubá-lo. Mas uma vez Boswell o escutou

falando em público e disse: "Vi subir sobre a mesa o que me pareceu um camarão, mas enquanto o escutava crescia cada vez mais até converter-se numa baleia." Os coríntios tinham caído quase às últimas profundidades da falta de cortesia e insensatez quando vituperaram a Paulo por seu aspecto pessoal.

(3) Parece que acusavam a Paulo de fazer jactanciosas reclamações de autoridade numa esfera em que seus escritos não tinham importância. Sem dúvida diriam que podia ser o amo de outras Igrejas, mas não de Corinto. A resposta cortante de Paulo é que Corinto está bem dentro de sua esfera, já que tinha sido o primeiro em levar o evangelho de Jesus Cristo ao lugar. Paulo era um rabino e talvez estivesse pensando em algo que os rabinos estavam acostumados a reclamar freqüentemente. Reclamavam e recebiam um respeito muito especial. Sustentavam que o respeito para com um mestre devia exceder aquele que correspondia a um pai, devido ao fato de que o pai traz o filho ao mundo, mas o mestre leva o seu aluno à vida do mundo vindouro. Certamente nenhum outro tinha mais razão para exercer sua autoridade na Igreja de Corinto que aquele que, sob a guia de Deus, tinha sido seu fundador

(4) Logo Paulo lhes faz uma acusação. Ironicamente lhes diz que nunca sonharia em comparar-se com aqueles que estão sempre dando-se a si mesmos como testemunhos e depois, com uma precisão infalível, põem o dedo na chaga. Só podem dar-se como testemunhos a si mesmos porque sua única medida são eles mesmos e sua única norma de comparação é comparar-se entre si. Utilizavam, como muita gente, uma medida equivocada.

Uma menina pode crer uma boa pianista, mas que ele se compare com Kenter, Solomon ou Moiseiwitsch e mudará de opinião. Podemos nos sentir bons pregadores, mas se nos comparamos com os santos e príncipes do púlpito sentiremos que não poderemos abrir mais a boca em público. É muito fácil dizer: "Sou tão bom como meu vizinho. Sou tão bom como o homem que me segue." E sem dúvida é certo. Mas não se trata disso. O assunto é, somos tão bons como Jesus Cristo? Devemos

nos medir e nos comparar com Ele, e quando o fizermos encontraremos que já não haverá lugar para o orgulho. Paulo diz: "A jactância não é nenhuma honra." O homem deve buscar o "Muito bem!" de Cristo, e não a aprovação própria.

Antes de deixar esta passagem devemos considerar uma frase que é característica do sentir de Paulo. Quer endireitar as coisas em Corinto porque deseja ir aos lugares mais além onde nenhum homem jamais levou a história de Cristo.

W. N. Macgregor costumava a dizer que Paulo estava acossado pelas regiões mais além. Nunca via um barco ancorado ou atracado ao cais sem sentir desejos de subir a ele e levar as boas novas às regiões longínquas. Nunca olhava a uma cadeia de colinas azuladas à distância, sem desejar cruzá-las para levar a história de Jesus Cristo mais além.

Kipling tem um poema que se chama "O explorador" que relata a história de um homem que se sentia acossado pelas regiões longínquas. Paulo se sentia precisamente como ele.

Diz-se a respeito de um grande evangelista que quando caminhava pelas ruas da cidade se sentia acossado pelo som das pegadas de milhões que não conheciam Cristo. Aquele que ama a Cristo se sentirá sempre acossado pelo pensamento a respeito dos milhões que nunca conheceram ao Cristo que tanto significa para ele.

## **2 Coríntios 11**

[O perigo da sedução - 11:1-6](#)

[Disfarçados de cristãos - 11:7-15](#)

[As credenciais de um apóstolo - 11:16-33](#)

### **O PERIGO DA SEDUÇÃO**

#### **2 Coríntios 11:1-6**

Através de toda esta seção Paulo tem que adotar métodos que lhe são completamente desagradáveis. Tem que afirmar sua autoridade,

apresentar seus créditos, falar a respeito de si mesmo, comparar-se com aqueles que buscam seduzir a Igreja de Corinto. Esta tarefa não lhe agrada. Instintivamente está contra ela, e se desculpa cada vez que tem que falar dessa maneira. Paulo não era o tipo de homem que gostava de mostrar sua dignidade. Diz-se a respeito de um grande homem: "Nunca se lembrava de sua dignidade até que outros a esqueciam." Mas Paulo sabia que o que estava em jogo não eram sua dignidade e sua honra mas sim a honra e a dignidade de Jesus Cristo.

Começa utilizando uma imagem vívida tirada dos costumes conjugais judaicos. A idéia de Israel como esposa de Deus é comum no Antigo Testamento. Isaías disse: "Porque o teu Criador é o teu marido" (Isaías 54:5). "como o noivo se alegra da noiva, assim de ti se alegrará o teu Deus" (Isaías 62:5). De modo que é natural que Paulo utilize a metáfora do casamento e que pense na Igreja de Corinto como esposa de Cristo. Mas nas bodas judaicas havia pessoas chamadas "amigos do noivo". Eram dois, uma representando o noivo e o outro à noiva. Tinham muitos deveres. Agiam como enlace entre os noivos, levavam os convites aos convidados. Mas tinham uma responsabilidade especial — eram os responsáveis por garantir a castidade da noiva. Isto é o que Paulo tem em mente aqui. No casamento entre Jesus Cristo e a Igreja de Corinto, ele é amigo do noivo. Sua responsabilidade é garantir a castidade da noiva, e fará todo o possível para manter a Igreja de Corinto casta e pura, uma noiva idônea para Jesus Cristo.

Nos dias de Paulo havia uma lenda judia que dizia que, no Jardim do Éden, Satanás tinha seduzido a Eva e que Caim era filho dessa união. Paulo está pensando nela quando teme que a Igreja de Corinto seja seduzida e separada de Cristo.

É evidente que em Corinto havia homens que estavam pregando sua própria versão do cristianismo e que insistiam em que sua versão era superior à de Paulo. Também é igualmente evidente que se criam gente muito especial — super-apóstolos, segundo Paulo os chama.



Ironicamente assinala que os coríntios o escutam esplendidamente. Se os ouvirem tanto, por que não ouvirão a Paulo?

Logo Paulo esboça o contraste entre estes falsos apóstolos e ele. Não está o suficientemente preparado para falar. Utiliza a palavra *idiotes*. *Idiotes* a princípio significava um indivíduo que não tomava parte na vida pública. Logo veio a significar alguém que não tinha preparação técnica, o que chamaríamos um *leigo*. Assim, pois, Paulo diz que estes apóstolos falsos e arrogantes poderão ser melhores oradores que ele. Poderão ser profissionais em suas palavras, enquanto que ele não é nada mais que um amador. Poderão ter qualificações acadêmicas, enquanto que ele não é mais que simples leigo, mas o fato é que, não importa quão incapaz ele seja na técnica oratória, o que interessa é que ele sabe do que está falando enquanto que os outros não.

Uma história famosa relata como um grupo de gente estava comendo uma certa noite. Depois de jantar foi combinado que cada um recitasse algo. Um ator muito conhecido se levantou, e utilizando todos os recursos da oratória, locução e arte dramática, declamou o Salmo 23 e se sentou com um tremendo aplauso. Um homem silencioso e tranqüilo o seguiu. Também recitou o mesmo salmo e no começo houve sorrisos. Mas antes de terminar havia um silêncio que era mais eloqüente que o aplauso. Ao finalizar, todos ficaram calados. O ator se aproximou dele e lhe disse: "Amigo, eu sei o salmo do pastor, *mas você conhece o pastor.*"

Os que se opunham a Paulo podiam ter todos os recursos da oratória e da técnica. Paulo podia ser muito simples e inexperiente, mas ele e não eles, sabia o que estava falando porque conhecia o verdadeiro Cristo.

## DISFARÇADOS DE CRISTÃOS

### 2 Coríntios 11:7-15

Outra vez Paulo está fazendo frente às acusações que se lançaram contra ele. Esta vez a acusação é clara. Na mente dos coríntios causava rancor porque Paulo se negou a aceitar qualquer ajuda deles. Como disse

aos anciãos de Éfeso, mostrando-lhes sua mão gasta e calosa pelo trabalho: “Estas mãos me serviram” (Atos 20:34). E quando esteve necessitado a Igreja de Filipos supriu suas necessidades (ver Filipenses 4:10-18).

Antes de continuar com esta passagem devemos considerar uma questão. Era Paulo incoseqüente? Como podia manter esta atitude de independência total da Igreja de Corinto, enquanto aceitava dons da Igreja de Filipos? Paulo não era incoseqüente e a razão era muito prática e excelente. Com respeito ao que sabemos Paulo nunca aceitou a ajuda da Igreja de Filipos *enquanto estava ali*. Só o fez depois de ter ido embora. A razão é clara. Enquanto permanecia num lugar tinha que ser totalmente independente. Não devia dever nada a ninguém. Não podia sentir-se obrigado com ninguém. É muito difícil aceitar as riquezas de um homem e logo ter que condená-lo ou pregar contra ele. Quando estava na comunidade filipense não podia sentir-se obrigado por gratidão a nenhum homem. Seria diferente ao ir embora dali. Estava livre para aceitar o que o amor dos Filipenses desejasse dar-lhe, porque então não se veria comprometido nem alinhado com algum homem ou partido. Tinha-lhe sido impossível, ao estar em Corinto, receber ajuda deles e ao mesmo tempo manter a independência que a situação requeria. Paulo não era absolutamente incoseqüente. Simplesmente era sábio.

Por que os coríntios se incomodaram tanto por sua negativa? Para começar, nessa época, de acordo com o pensamento grego, não correspondia à dignidade de um homem livre trabalhar com suas mãos. Esqueceu-se da dignidade do trabalho honesto e os coríntios não compreendiam o ponto de vista de Paulo. Além disso, no mundo grego nessa época supunha-se que os mestres tinham que cobrar por ensinar. Nunca houve uma época na qual o homem que podia falar ganhasse tanto dinheiro.

Augusto, o imperador romano, pagava ao Verrio Fraco, o retórico, um salário anual de cem mil sestércios, o que significava como dois mil e quinhentos dólares por ano. Cada cidade estava autorizada a eximir

totalmente de certos impostos e cargas civis a um determinado número de mestres de retórica e literatura. Supunha-se que o mestre devia ganhar dinheiro com seus ensinamentos. Os coríntios não podiam compreender a independência de Paulo.

Quanto aos falsos apóstolos, também eles o acusavam por sua independência. Eles aceitavam pagamento e diziam que o faziam porque era uma prova de que em realidade eram apóstolos. Sem dúvida diziam que Paulo negava-se a aceitar dinheiro porque seu ensino não valia nada. Mas no fundo de seus corações tinham medo de que o povo visse através deles, que no final, como ninguém pode enganar sempre a todos, o povo se desse conta de que só buscavam obter bens, e queriam arrastar a Paulo a seu próprio nível de aquisição ambiciosa para que sua independência deixasse de contrastar com a cobiça deles.

Paulo os acusa de disfarçar-se como apóstolos de Cristo. A lenda judia dizia que uma vez Satanás se disfarçou de anjo que cantava louvores a Deus e que dessa maneira tinha seduzido a Eva.

Ainda é certo que muitos se disfarçam de cristãos. Alguns o fazem conscientemente e outros inconscientemente. Seu cristianismo é uma vestimenta superficial na qual não há realidade.

O Sínodo da Igreja de Uganda elaborou as seguintes quatro perguntas por meio das quais alguém pode examinar-se a si mesmo e provar a realidade de seu próprio cristianismo.

(1) Você conhece a salvação através da cruz de Cristo?

(2) Você está crescendo no poder do Espírito Santo, na oração, na meditação e no conhecimento de Deus?

(3) Você tem o grande desejo de dar a conhecer o Reino de Deus por meio do exemplo, e pela pregação e o ensino?

(4) Você está levando outros a Cristo por meio da busca individual, a visitação e o testemunho público?

Não podemos fazer nada com a consciência de outros, mas por meio destas perguntas podemos provar nosso próprio cristianismo, para

que não aconteça que também para nós nossa fé não seja uma realidade, mas sim um disfarce.

## AS CREDENCIAIS DE UM APÓSTOLO

### 2 Coríntios 11:16-33

Paulo se vê forçado contra sua vontade a dar a conhecer suas credenciais de apóstolo. Sente que tudo é uma tolice, e, parece-lhe uma loucura ter que comparar-se com outras pessoas. Mas tem que fazê-lo, não por si mesmo, mas pelo evangelho que está pregando. É claro que os que se opunham eram mestres judeus que diziam ter um evangelho e uma autoridade maiores que os seus.

Esboça-os em uns poucos traços ligeiros, quando fala a respeito do que os coríntios estão dispostos a sofrer e suportar em suas mãos.

*Reduziram os coríntios a uma escravidão servil.* Fazem-no porque tentam persuadi-los de que se submetam à circuncisão e às mil e uma normas e regulamentações judias, e dessa maneira abandonem a gloriosa liberdade do evangelho da graça.

*Devoram-nos e se apropriam de seus pertences.* Os rabinos judeus podiam ser vergonhosamente rapaces. Teoricamente sustentavam que um rabino não devia cobrar por ensinar e que devia ganhar seu pão com o trabalho de suas mãos, mas também ensinavam que era excepcionalmente meritório sustentar a um rabino e que aquele que o fazia podia estar seguro de ter um lugar na academia celestial.

*Comportavam-se com arrogância.* Senhoreavam-se dos coríntios. Os rabinos pediam que eles os respeitassem mais que aos pais, e sustentavam que se o pai e o mestre de um homem eram capturados por ladrões devia-se libertar primeiro ao mestre, e só depois ao pai.

*Davam bofetadas em seus seguidores.* Isto pode descrever um comportamento arrogante e insultante, ou talvez deva ser interpretado literalmente (comp. Atos 23:2). Estes coríntios tinham chegado a uma

curiosa etapa em que na mesma insolência de seus mestres judeus viam uma garantia de sua autoridade apostólica.

Os falsos mestres pretendiam três coisas que Paulo assegura que pode igualar.

Pretendiam ser *hebreus*. Esta palavra refere-se especialmente aos judeus que lembravam e falavam o antigo idioma judeu em sua forma aramaica, que era a corrente na época de Paulo. Havia judeus espalhados por todo mundo; por exemplo havia um milhão em Alexandria. Muitos deles tinham esquecido sua língua nativa e falavam em grego. Os judeus da Palestina, que tinham preservado seu idioma, desprezavam a esses judeus estrangeiros. Certamente os que se opunham a Paulo tinham estado dizendo: "Este Paulo é um cidadão de Tarso. Não é como nós um judeu palestino puro-sangue. É um desses judeus gregos." Paulo diz: "Não! Eu também sou um dos que nunca esqueceram a pureza de sua língua ancestral." Não podiam dizer-se superiores nisto.

Pretendiam ser *israelitas*. Esta palavra descreve o judeu como *membro do povo escolhido de Deus*. A oração básica do credo judeu, com a qual se começa o serviço nas sinagogas é: "Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR" (Deut. 6:4). Sem dúvida que estes judeus hostis estavam dizendo: "Este Paulo nunca viveu na Palestina. Não pertence ao povo escolhido, já que viveu numa comunidade grega em Cilícia." Paulo diz: "Não! Sou um israelita puro. Minha linhagem é o do povo de Deus." Não se podiam considerar superiores nisto.

Pretendiam ser *descendentes de Abraão*. Com isto queriam dizer que descendiam diretamente do patriarca e que portanto eram herdeiros da grande promessa que Deus tinha feito a Abraão (Gênesis 12:1-3). Sem dúvida diziam que este Paulo não era um descendente tão puro como eles. Paulo diz: "Não! Sou de uma ascendência tão pura como qualquer outro (Filipenses 3:5,6). Tratando-se da pureza de meu sangue judeu, posso suportar a comparação com qualquer outro." Tampouco podiam ser superiores a ele neste aspecto.

E logo Paulo mostra suas credenciais como apóstolo, e estas são suas cicatrizes. A única coisa que pode assinalar e mostrar é o catálogo de seus sofrimentos por Cristo. Quando o senhor Valente-pela-verdade, do Peregrino, foi "convocado e soube que tinha que ir a Deus, disse: "Vou à presença de meu Pai; e apesar de que com muita dificuldade cheguei até aqui, entretanto não me arrependo de tudo o que suportei para chegar aonde estou. Darei minha espada àquele que me passe em minha peregrinação, e minha coragem e capacidade ao que possa obtê-los. Levo minhas feridas e cicatrizes comigo, para que me sirvam de testemunhos de que pelejei as batalhas daquele que será agora aquele que me premie." Como ele Paulo encontrava suas credenciais em seus sofrimentos.

Quando lemos o catálogo de tudo o que Paulo fez e suportou, o que mais deve nos surpreender é o pouco que sabemos a respeito dele. Ao escrever esta carta estava em Éfeso. O que quer dizer que só chegamos ao capítulo 19 de Atos, e se tentarmos comparar esta lista de sofrimentos com a narração do livro dos Atos encontrarão que nem um quarto da mesma está contida ali. Quando a lemos vemos que Paulo era ainda maior do que pensávamos, devido ao fato de que a história de Atos considera ligeiramente tudo o que fez e suportou.

Deste longo catálogo podemos tomar só três pontos.

(1) Paulo diz: "Três vezes fui açoitado com varas." Este era um castigo romano. Os que secundavam os magistrados eram os *lictors*. Estavam equipados com varas de vime com as quais se castigava o criminoso culpado. Paulo tinha suportado isto três vezes. Não deveria jamais ter ocorrido, pois segundo a lei romana era um delito açoitar a um cidadão, e Paulo o era. Mas quando a multidão era violenta e o magistrado fraco, Paulo apesar de ser cidadão romano, tinha que suportá-lo.

(2) Paulo assinala: "Cinco vezes recebi quarenta açoites menos um." Este era um castigo judeu. A lei judia estabelece as normas para esta maneira de açoitar (Deuteronômio 25:1-3). O castigo normal consistia em quarenta açoites, e de maneira nenhuma podia-se exceder

essa cifra, ou aquele que o fizesse seria submetido ele próprio ao castigo e portanto sempre se detinham nos trinta e nove açoites. Por essa razão se conhecia com o nome de "uma quarentena menos um".

As normas detalhadas para açoitar estão na Mishnah, que é o livro em que estava codificada a lei tradicional judia. "Atam-lhe as duas mãos a um pilar, e o ministro da sinagoga deve ter seus vestidos — se já estão rasgados, são rasgados; se estiverem totalmente quebrados, rompem-nos totalmente — para despir seu peito. Fica uma pedra atrás dele na qual o ministro da sinagoga se localiza com uma tira de couro de cabra na mão, dobrada várias vezes, e outras duas tiras que caem dela. O pedaço que deve ser sustentado pela mão deve ter uma mão de comprimento e uma de largura, e sua ponta deve chegar ao umbigo (isto quer dizer que quando se golpeia a vítima no ombro, a ponta da tira deve lhe chegar ao umbigo). Deve lhe dar um terço da tira adiante, e dois terços nas costas, e não se poderá golpeá-lo quando está erguido ou sentado: só quando estiver agachado. . . e aquele que bate deve fazê-lo com uma só mão e com toda sua força. Se morrer sob sua mão, aquele que açoita não é culpado. Mas se lhe dá um açoite de mais, e morre, deve escapar e exilar-se por isso." Paulo sofreu isto em *cinco* oportunidades, açoites tão severos que eram capazes de matar a um homem.

(3) Várias vezes na lista Paulo fala da periculosidade de suas viagens. É certo que na época de Paulo os caminhos e o mar eram muito mais seguros que nunca antes, mas não o eram totalmente. O mundo antigo não confiava no mar. Lucrécio dizia. "Quão prazenteiro é ficar de pé na costa e ver os pobres diabos dos marinheiros passar por momentos difíceis." Sêneca escreve a um amigo: "Agora pode me persuadir quase por qualquer coisa, pois recentemente me convenceu para que viajasse pelo mar." Os homens consideravam que uma viagem era o mesmo que tomar a vida de alguém nas mãos. Quanto aos caminhos, estavam cheios de bandoleiros.

Epicteto diz. "Um homem escutou que o caminho estava infestado de ladrões. Não deseja aventurar-se sozinho, mas sim espera ser

acompanhado por um legado, um questor ou um procônsul — e unindo-se a ele pode seguir pelo caminho seguro." Mas Paulo não contava com esta companhia oficial.

Sêneca disse: "Pensem que qualquer dia um ladrão poderá nos cortar a garganta."

Era muito comum que um viajante fosse aprisionado e se pedisse resgate. Se houve um aventureiro, esse homem era Paulo.

E além de tudo isto, havia a ansiedade por todas as Igrejas. Na verdade isso significa a carga da administração diária das comunidades cristãs. Mas quer dizer mais que isso. Paulo levava em seu coração as penúrias e os problemas de seu povo.

Esta passagem tem um final estranho. Em comparação pareceria que a fuga de Damasco fora um anticlímax. Este incidente se relata em Atos 9:23-25. A muralha dessa cidade era o suficientemente longa para que um carro passasse sobre ela. Construíram-se muitas casas sobre ela e Paulo deve ter descendido de uma delas.

Por que razão menciona Paulo este incidente tão direta e definitivamente? O mais provável é que o tenha feito porque lhe causava rancor. Paulo era o tipo de homem que consideraria essa saída clandestina de Damasco como pior que os açoites. Deve ter odiado com todo seu grande coração o ter que fugir como um fugitivo durante a noite. Aquele que nunca deixou de olhar à multidão na cara deve ter sentido duramente o ter que escapar em segredo dessa maneira. Para Paulo a humilhação mais amarga era a de não olhar a seus inimigos à cara ainda que jogasse sua vida ao fazê-lo.

## **2 Coríntios 12**

[O aguilhão da graça - 12:1-10](#)

[A defesa chega a seu fim - 12:11-18](#)

[Os sinais de uma igreja que não é cristã - 12:19-21](#)



---

**O AGUILHÃO E A GRAÇA****2 Coríntios 12:1-10**

Se tivermos sensibilidade deveríamos ler esta passagem com certa reverência devido ao fato de que nele Paulo desnuda sua coração e ao mesmo tempo nos mostra sua glória e dor.

Contra sua vontade ainda está dando a conhecer suas credenciais, e nos relata uma experiência diante da qual só podemos nos maravilhar e nem sequer tentar sondar. Da maneira mais estranha parece estar fora de si mesmo, observando-se. "Conheço um homem", diz. O homem é ele mesmo, e entretanto pode olhar ao que teve essa surpreendente experiência com uma espécie de objetividade enigmática, assombrado de que tivesse ocorrido a ele. Para o místico o grande fim de toda experiência religiosa é a visão de Deus, e até para além dela, a união com Deus. Sempre buscou o momento maravilhoso no qual "aquele que vê e aquele que é visto sejam um".

Em suas tradições os judeus diziam que quatro rabinos tinham tido visões de Deus. Ben Azai tinha visto a glória e morreu. Ben Soma ao vê-la ficou louco. Acer depois de vê-la "castrou-se", quer dizer que apesar da visão se converteu num herege e arruinou o jardim da verdade. Só Akiba subiu em paz e retornou em paz.

Não podemos nem pensar o que aconteceu a Paulo. Não precisamos criar teorias sobre o número de céus existentes, pelo fato de que Paulo menciona o terceiro céu. Simplesmente quer dizer que seu espírito se elevou a um êxtase e a uma cercania com Deus impossível de ultrapassar. Ajudar-nos-á a notar algo belo. A palavra *paraíso* provém de um termo persa que significa *jardim amuralhado*. Quando um rei persa desejava conferir uma honra muito especial a alguém que apreciava, o fazia *acompanhante em seu jardim*, e lhe outorgava o direito de caminhar pelos jardins com ele numa relação próxima e íntima. Nesta experiência, como nunca antes e nunca depois, Paulo tinha acompanhado a Deus.

E depois da glória chega a dor. A palavra (*skolops*) pode significar *agulhão ou espinho*, mas o mais provável é que queira dizer *estaca*. Empalava-se a alguns criminosos numa estaca pontiaguda. Paulo sentia que em seu corpo se retorcia algo semelhante.

O que era esse agulhão na carne?

Deram-se muitas respostas a esta pergunta. Primeiro podemos considerar aquelas que foram sustentadas por homens eruditos, mas que em face das evidências, devemos descartar.

(1) Tem-se dito que significava *tentações espirituais*, a tentação da dúvida, evitar os deveres da vida apostólica, o remorso de consciência quando sucumbia a essas tentações. Este era o ponto de vista de Calvino.

(2) Outro significado é o da *oposição e perseguição* que Paulo teve que sofrer, a batalha constante com aqueles que não estavam de acordo com ele e tentavam destruir seu trabalho. Esse era o ponto de vista de Lutero.

(3) Também tem-se dito que significam as *tentações carnis*. Quando os monges e os ermitões se encerravam em seus mosteiros e celas encontravam que o sexo era o último instinto que podiam reprimir. Com seus ideais ascéticos desejavam eliminá-lo e não podiam, porque os obcecava. Sustentou-se que Paulo era assim. Este é o ponto de vista católico-romano que existe ainda hoje em dia.

Nenhuma destas soluções pode ser correta por estas três razões.

(a) A mesma palavra estaca indica uma dor quase selvagem.

(b) A imagem que temos diante de nós é um quadro de sofrimento físico.

(c) Qualquer que fosse o agulhão era intermitente, porque apesar de que às vezes prostrava a Paulo, não o separava totalmente de sua tarefa. Portanto consideremos as outras respostas sugeridas.

(4) Tem-se dito que o agulhão era o *aspecto pessoal* de Paulo. “A presença pessoal dele é fraca” (2 Coríntios 10:10). Sugere-se que sofria

de alguma desfiguração que lhe dava feio aspecto e que estorvava sua tarefa. Mas isso não explica a dor que deve ter existido.

(5) Uma das soluções mais comuns é a *epilepsia*. É dolorosa, recorrente, aquele que a padece pode continuar com sua tarefa entre ataques. Pode ser repulsiva. No mundo antigo era atribuída à ação dos demônios. Traz junto visões e transes tais como os que tinha Paulo. Antigamente quando alguém via um epilético cuspiam para afastar o demônio maligno. Em Gálatas 4:14 Paulo diz que quando os Gálatas viram sua enfermidade não o *rechaçaram*. A palavra em grego significa literalmente não *me cuspiram*. Depois de tudo Júlio César, Oliver Cromwell e Napoleão foram epiléticos. Mas esta teoria tem conseqüências difíceis de aceitar. Significaria que as visões de Paulo correspondiam às que percebe uma mente temporariamente alienada, que eram transes epiléticos, e nos é difícil crer que as visões que mudaram o mundo se devessem a ataques epiléticos.

(6) Uma das teorias mais antigas diz que Paulo sofria *enxaquecas severas que o prostravam*. Tanto Tértulo como Jerônimo criam nisso.

(7) Agora, isto bem pode nos levar à verdade. Ainda existe outra teoria na que se sustenta que Paulo sofria de uma *doença dos olhos*. Isto explicaria os dores de cabeça. Depois do momento de glória no caminho a Damasco, Paulo ficou cego (Atos 9:9). Pode ser que seus olhos nunca mais se tenham recuperado. Paulo diz que os Gálatas arrancariam os olhos para os darem a ele (Gálatas 4:15). No final de Gálatas escreve: "Vede com que letras grandes vos escrevi de meu próprio punho" (Gálatas 6:11), como se estivesse descrevendo os caracteres grandes e torpes que poderia fazer um homem que apenas pudesse ver.

(8) Mas o mais provável é que Paulo sofresse de ataques crônicos recorrentes de certa febre malária virulenta que freqüentava as costas do Mediterrâneo oriental. Os nativos da zona, quando desejavam machucar a um inimigo pediam a seus deuses que sua alma "ardesse" com essa febre. Uma pessoa que a padeceu descreve a dor de cabeça que a acompanha comparando-o com: "um ferro candente que atravessasse a

fronte". Outro o descreve como "a dor rangente e monótono numa têmpera, como a máquina de um dentista — a cunha fantasmal entre as mandíbulas", e diz que quando a dor se agravava "alcançava a soleira da resistência humana". Na realidade isto merece a descrição de um agulhão na carne, ou até uma estaca na carne. O homem ousado que suportava continuamente a lista de sofrimentos de um apóstolo, tinha que lutar com essa agonia.

Paulo orava para que lhe fosse tirado esse agulhão, mas Deus respondeu esta oração como o faz tantas vezes — não lhe tirou o mal, mas sim lhe deu a força para suportá-lo. Deus não nos priva das coisas; capacita-nos para vencê-las e sair delas.

Paulo recebeu a promessa e a realidade da graça que tudo pode. Consideremos algumas das coisas para as quais essa graça era suficiente a Paulo através de alguns aspectos de sua vida.

(1) Era suficiente para o *cansaço físico*. Permitia-lhe prosseguir. João Wesley pregou quarenta e dois mil sermões, viajava uma média de sete mil quilômetros por ano. Cavalgava cerca de noventa ou cem quilômetros diários e pregava uma média de três sermões por dia. Quando tinha oitenta e três anos escreveu em seu jornal: "Maravilho-me de mim mesmo. Nunca me canso, nem pregando, nem viajando, nem escrevendo." Era essa obra da graça que tudo pode.

(2) Era suficiente para a *dor física*. Ela o fazia capaz de tolerar a cruel estaca. Uma vez um homem foi visitar uma jovem que estava de cama morrendo de uma enfermidade incurável e muito dolorosa. Levou consigo um livrinho destinado a alentar os que passavam momentos difíceis, um livro alegre, cheio de sol, que fazia rir. "Muito obrigado", disse ela, "mas conheço esse livro." "Você o tem lido?", perguntou o visitante. E a jovem respondeu: "*Eu o escrevi.*" Era obra da graça que tudo pode.

(3) Era suficiente para a *oposição*. Paulo teve que enfrentá-la durante toda sua vida e nunca cedeu. Por grande que fosse, não dava seu braço a torcer, nem se retirava. Essa era obra da graça que tudo pode.

(4) Ela o fazia capaz, como o demonstram todas as suas cartas, de enfrentar a *calúnia*. Não há nada mais difícil de enfrentar que a calúnia, a interpretação errônea e o juízo equivocados e cruéis.

Uma vez um homem jogou um balde de água sobre Arquelau da Macedônia. Este não disse nada. E quando um amigo lhe perguntou como tinha podido agüentá-lo tão serenamente, disse: "Não atirou a água sobre mim, mas sim sobre o homem que ele pensou que eu era."

A graça que tudo pode fazia que Paulo não se preocupasse com o que os homens pensassem, mas pelo que Deus sabia que era.

A glória da vida é que encontramos em nossa fraqueza a graça maravilhosa, porque sempre o extremidade do homem é a oportunidade de Deus.

## A DEFESA CHEGA A SEU FIM

### 2 Coríntios 12:11-18

Quando lemos esta passagem na qual Paulo se aproxima no final de sua defesa, parecem-nos as palavras de um homem que se esforçou muito e que no final está cansado. Pareceria coxear pelo esforço que realizou.

Mais uma vez fala com desgosto a respeito da questão da auto-justificação; mas tem que terminar o assunto. Ele ser desacreditado podia ser de pouca monta, mas que seu evangelho fosse considerado ineficaz era algo que não podia permitir.

(1) Primeiro, assinala que é tão bom apóstolo como seus adversários com suas pretensões de super-apóstolos. E sua posição se baseia numa coisa: *a efetividade de seu ministério*. Quando João Batista enviou a seus mensageiros para perguntarem a Jesus se ele realmente era o prometido ou se deviam buscar o outro, a resposta foi: "Ide e anunciai a João o que vistes e ouvistes" (Lucas 7:18-22). Quando Paulo quer garantir a realidade do evangelho que pregou em Corinto, faz uma lista

de pecados e pecadores e acrescenta esta fulgurante sentença: "Tais fostes alguns de vós" (1 Coríntios 6:9-11).

Uma vez se felicitou ao doutor Chalmers por uma grande dissertação perante um auditório repleto. "Sim", disse, "mas *o que fez?*" A eficácia é a prova e a garantia da realidade. A verdade de uma igreja não se mede pelo esplendor de suas construções ou o elaborado de sua adoração, nem pela abundância de suas dádivas nem o número de membros de sua congregação; vê-se através das *vidas mudadas*, e se não houver vidas mudadas falta o elemento essencial da verdade. A medida pela qual queria Paulo que se julgasse seu apostolado, era sua capacidade em levar aos homens a graça de Jesus Cristo que muda as vidas.

(2) Os coríntios devem ter ficado muito zangados pelo fato de que Paulo não aceitasse nada deles, devido ao fato de que várias vezes se refere a essa acusação. Aqui dá a conhecer outra vez um dos princípios supremos das dádivas cristãs: "Não quero seu dinheiro, quero a vocês." A dádiva que não se dá a si mesma é sempre pobre. Podemos saldar algumas dívidas pagando uma determinada soma de dinheiro, mas existem outras nas quais o dinheiro é o que menos interessa.

H. L. Gee nos conta a respeito de um vagabundo que chegou pedindo à porta de uma boa mulher. Esta foi buscar algo para lhe dar e se encontrou com que não tinha trocado em toda a casa. Disse-lhe: "Não tenho trocado, a menino. Preciso de pão, tome uma libra, vá e compre o pão e me traga o troco e lhe darei algo." O homem realizou o pedido e ela lhe deu uma moeda. Ele a tomou com lágrimas nos olhos. Disse: "Não é pelo dinheiro, mas pela forma como que você confiou em mim. Ninguém o tinha feito antes e não posso lhe agradecer o suficiente." É fácil dizer que a mulher se arriscou de uma maneira insensata, mas tinha dado ao homem mais que dinheiro, tinha-lhe dado algo de si mesmo ao confiar nele.

Turgenev nos relata como um dia um mendigo o parou na rua. Revisou seu bolso; não levava dinheiro alguém. Impulsivamente estirou sua mão e disse: "Irmão, não posso te dar mais que isto." O mendigo lhe

respondeu: "Chamou-me irmão. Tomou minha mão! Isso também é uma dádiva."

A maneira cômoda de saldar nossos deveres com relação à Igreja, com relação à ajuda ao nosso próximo, com relação aos pobres e os necessitados é dar uma soma de dinheiro e terminar com isso. Não é que isto não seja nada, mas está longe de ser tudo, devido ao fato de que ao dar verdadeiramente, aquele que o faz não deve oferecer só de seus bens e sentir-se, mas sim a si mesmo.

(3) Parece que os coríntios tinham uma última acusação contra Paulo. Não podiam dizer que Paulo se aproveitou deles. Sua malignidade não encontrava bases para isso. Mas parecia que tinham percebido que possivelmente algo do dinheiro para a oferta para os pobres de Jerusalém tinha chegado às mãos de Tito e outro dos emissários de Paulo e que, por sua vez, Paulo tinha obtido sua parte. A mente realmente maliciosa se apegará a qualquer coisa para encontrar uma base para suas críticas. A fidelidade de Paulo para com seus amigos o faz sair em sua defesa.

Nem sempre é seguro ser amigo de um grande homem. É fácil ver-se envolto em seus problemas, e feliz é o homem que tem gente que o segue e apóia e ajudantes nos quais pode confiar tanto como em sua própria alma. Paulo tinha seguidores como estes. Cristo os necessita.

## OS SINAIS DE UMA IGREJA QUE NÃO É CRISTÃ

### **2 Coríntios 12:19-21**

Ao chegar no final de sua defesa há algo que preocupa Paulo. Toda essa contagem de suas qualidades e esta apologia poderia fazer crer que ele se preocupasse muitíssimo por sua posição perante outros e pelo que outros pensassem dele. Nada poderia estar mais longe da verdade. Paulo sabia que sua atitude era correta perante Deus e não se preocupava do que dissessem os homens, e o que disse não deve ser interpretado como uma tentativa de ganhar o favor e a aprovação dos homens.

Numa ocasião Abraão Lincoln e seus conselheiros tinham tomado uma decisão importante. Um deles disse: "Bem, senhor presidente, espero que Deus esteja do seu lado." Lincoln lhe respondeu: "O que me preocupa não é se Deus está de nossa lado, mas sim se nós estamos do seu lado." O fim supremo de Paulo era estar de acordo com Deus, sem se importar com o que os homens pensassem.

De maneira que continua considerando a visita que se propõe fazer a Corinto. Um tanto entristecido, diz-lhes que espera não chegar e encontrá-los como não desejaria fazê-lo, porque, se isso acontecesse, certamente o encontrariam como não gostariam de encontrá-lo. Isto é uma ameaça. Não quer tomar medidas severas, mas se for necessário, não as evitará. E logo Paulo dá uma lista das que poderiam ser chamadas sinais de uma igreja que não é cristã

Há *contendas (eris)*. Significa batalhas Denota rivalidade e competição, discórdia sobre o lugar e do prestígio. É característico do homem que esqueceu que só aquele que se humilha será exaltado.

Há *inveja (zelos)*. Originalmente isto descrevia uma grande emoção, a de um homem que vê uma boa ação ou uma vida correta e sente-se movido a imitá-la. Mas isto pode converter-se facilmente em inveja, o desejo de ter o que não nos corresponde, o espírito que cobiça as posses que nos são negadas. Imitar as coisas boas é uma qualidade nobre; mas a inveja é característica de uma mente mesquinha e pequena.

Há *iras (thumoi)*. Isto não denota uma irritação estabelecida e prolongada. Assinala explosões e arroubos repentinos de ira apaixonada. É o tipo de rancor que Basil descreveu como a *intoxicação da alma*, que arrasta o homem a fazer coisas das quais se arrependerá depois amargamente. Os antigos diziam que estes arroubos repentinos de ira apaixonada eram mais características dos animais que dos homens. Os animais não podem dominar-se; o homem deveria ser capaz de fazê-lo; e quando a paixão o arrasta ele se parece mais a um animal que não raciocina nem é disciplinado que ao homem que pensa.



Há *divisões* (*eritheia*). Originalmente esta palavra descrevia simplesmente o *trabalho que se faz pelo pagamento*, o trabalho diário de um trabalhador. Descrevia a tarefa que se realizava sem nenhum outro motivo que a remuneração, essa ambição egoísta e centrada em si mesmo que não conhece o serviço e que busca tudo o que possa obter dela.

Há *maledicências e falações* (*katalaliai* e *psithurismoi*). A primeira palavra descreve um ataque realizado à viva voz, os insultos e acusações lançados em voz alta e em público. A difamação de alguma pessoa cujos pontos de vista são diferentes. A segunda palavra é muito mais desagradável. Descreve uma campanha de falações e de fofoca maliciosa, a piada caluniosa pronunciada no ouvido de alguém, o conto que desacredita, que se relata como um segredo saboroso. Com o primeiro tipo de calúnia é possível lutar devido ao fato de que se trata de um ataque frontal. Mas fica muito difícil fazê-lo com o segundo tipo devido ao fato de que se trata de um movimento clandestino que não é capaz de enfrentar nada, e que envenena insidiosamente a atmosfera, não podendo atacar-se sua origem devido ao fato de que não é conhecido.

Há *soberbas* (*phusioseis*). Dentro da Igreja se podiam magnificar as funções e magnificar-se a si mesmo. Quando os homens vêem nossas boas obras não deveriam nos exaltar a nós, mas sim ao Pai Celestial que servimos e que nos capacita para realizá-las.

Há *desordens* (*akatastasia*). Significa tumultos, refregas, anarquia. Existe um perigo que sempre acossa a Igreja. Esta é uma democracia, mas pode ser mal conduzida. Uma democracia não pressupõe que cada um faça o que queira; a gente entra numa comunidade na qual a senha não é o isolamento independente mas sim a comunidade interdependente. Finalmente assinala pecados dos quais alguns coríntios recalcitrantes não se arrependeram.

Há *imundície* (*akatharsia*). A palavra significa tudo o que faz com que um homem não esteja em condições de entrar na presença de Deus. Descreve a vida enlodada e suja, voltada aos caminhos do mundo. É o oposto da pureza.

Há *fornicação (porneia)*. Os coríntios viviam numa sociedade que não considerava o adultério como um pecado, onde era natural e esperado que o homem encontrasse prazer onde quisesse e como quisesse. Era muito fácil infectar-se e cair nisso que tanto tentava o lado mais baixo de sua natureza.

Há *lascívia (aselgeia)*. É uma palavra intraduzível. Não significa somente impureza sexual, mas também uma insolência desenfreada. Conforme a definiu Basil: "É a atitude da alma que nunca suportou nem suportará jamais a dor da disciplina." Não conhece restrições, não tem sentido da decência, faz tudo o que o capricho lhe dite; não se importa com a opinião pública nem seu bom nome, enquanto consiga o que deseje. Josefo a atribui a Jezabel, por ter construído um templo a Baal na própria cidade de Deus. O pecado básico grego era *hubris*, que é a insolência orgulhosa que não respeita nem a Deus nem ao homem. *Aselgeia* é o espírito descaradamente egoísta, que perdeu a honra e a vergonha, e que está disposto a tomar o que quer onde o quer ainda que ofenda vergonhosamente a Deus e ao homem.

## 2 Coríntios 13

Uma advertência, um desejo, uma esperança e uma bênção - 13:1-14

### UMA ADVERTÊNCIA, UM DESEJO, UMA ESPERANÇA E UMA BÊNÇÃO

#### 2 Coríntios 13:1-14

No último capítulo desta carta austera e severa Paulo termina com quatro coisas.

(1) Ele o faz com uma *advertência*. Voltará para Corinto e desta vez não haverá mais vãs conversações nem afirmações temerárias. Tudo o que se diga contará com o testemunho e a aprovação de todos. Para dizê-lo em linguagem moderna, Paulo insiste em que deve haver uma votação. A situação equívoca não deve continuar. O apóstolo sabia que

chega a um momento em que se devem enfrentar os problemas. Se os medicamentos falharem não fica outro recurso que o bisturi do cirurgião. Ninguém emendou jamais uma situação evitando-a.

(2) Termina com um *desejo*. Espera que ajam corretamente. Se o fizerem, ele não precisará exercer sua autoridade e isso não o desiludirá, mas sim o encherá de uma alegria real e profunda. Paulo nunca quis mostrar sua autoridade em vão. Tudo fazia para construir e não para destruir. O fim da disciplina deve ser levantar o homem e não derrubá-lo.

(3) Termina com uma *esperança*. Deseja que aconteçam três, coisas com os coríntios.

(a) Espera que partam rumo à perfeição. Na vida cristã não podemos ficar parados. Aquele que não avança retrocede. O cristão está sempre no caminho a Deus, e portanto cada dia, pela graça de Cristo, deve estar um pouco mais preparado para resistir o escrutínio de Deus.

(b) Espera que escutem sua exortação. É preciso ser um grande homem para ouvir um conselho duro. Estaríamos muito melhor se deixássemos de falar do que queremos e começássemos a ouvir as vozes dos sábios, e em especial a de Jesus Cristo.

(c) Espera que vivam em mútuo acorde e em paz. Nenhuma congregação pode adorar al Deus de paz com espírito amargurado. Os homens devem amar-se uns aos outros antes de que seja real seu amor por Deus.

(4) E finalmente, termina com uma *bênção*. Depois da severidade, a austeridade, a luta e a discussão, chega a serenidade da bênção. Uma das melhores maneiras de fazer a paz com nossos inimigos é orar por eles, porque ninguém pode odiar um homem e orar por ele ao mesmo tempo. E desta maneira deixamos a história problemática de Paulo e a igreja de Corinto com uma bênção em nossos ouvidos. O caminho foi difícil, mas a última palavra é paz.